Abril

Editora ABRIL
edição 2906 - [illegible] 33
16 de agosto de 2024

veja

www.veja.com

AMAZÔNIA DOMINADA

Quase 60% da população da região vive em áreas controladas por facções criminosas. Esses grupos mantêm diversos negócios ilícitos, do tráfico de drogas ao garimpo ilegal, pondo em risco a biodiversidade e a preservação da floresta

veja

ÀS SUAS ORDENS

ASSINATURAS

Vendas
www.assineabril.com.br

WhatsApp: (11) 3584-9200
Telefone: SAC (11) 3584-9200

De segunda a sexta-feira,
das 9h às 17h30

Vendas corporativas, projetos especiais e vendas em lote:
assinaturacorporativa@abril.com.br

Atendimento exclusivo para assinantes:
minhaabril.com.br

WhatsApp: (11) 3584-9200
Telefones: SAC (11) 3584-9200
Renovação 0800 7752112
De segunda a sexta-feira,
das 9h às 17h30
atendimento@abril.com.br

Para baixar sua revista digital:
www.revistasdigitaisabril.com.br

EDIÇÕES ANTERIORES
Venda exclusiva em bancas,
pelo preço de capa vigente.
Solicite seu exemplar na banca
mais próxima de você.

LICENCIAMENTO DE CONTEÚDO
Para adquirir os direitos
de reprodução de textos e imagens,
envie um e-mail para:
licenciamentodeconteudo@abril.com.br

PARA ANUNCIAR
ligue: (11) 3037-2302
e-mail: publicidade.veja@abril.com.br

NA INTERNET
http://www.veja.com

TRABALHE CONOSCO
www.abril.com.br/trabalheconosco

EDITORA Abril

Fundada em 1950

VICTOR CIVITA (1907-1990) ROBERTO CIVITA (1936-2013)

Publisher: Fabio Carvalho

Diretor de Redação: Mauricio Lima

veja

Redatores-chefes: Fábio Altman, José Roberto Caetano, Policarpo Junior e Sérgio Ruiz Luz
Editores-executivos: Amauri Barnabé Segalla, Monica Weinberg, Tiago Bruno de Faria **Editor-sênior:** Marcelo Marthe **Editores:** Alessandro Giannini, André Afetian Sollitto, Diogo Massaine Sponchiato, José Benedito da Silva, Juliana Machado, Marcela Maciel Rahal, Raquel Angelo Carneiro, Ricardo Vasques Helcias, Sergio Roberto Vieira Almeida **Editores-assistentes:** Larissa Vicente Quintino **Repórteres:** Allaf Barros da Silva, Amanda Capuano Gama, Bruno Caniato Tavares, Camila Cordeiro Alves Barros, Camila Koester Pati, Diego Gimenes Bispo dos Santos, Felipe Barbosa da Silva, Felipe Branco Cruz, Gustavo Carvalho de Figueiredo Maia, Isabella Alonso Panho, Juliana Soares Guimarães Elias, Kelly Ayumi Miyashiro, Laísa de Mattos Dall'Agnol, Luana Meneghetti Zanobia, Lucas Henrique Pinto Mathias, Luiz Paulo Chaves de Souza, Maria Eduarda Gouveia Martins Monteiro de Barros, Meire Akemi Kusumoto, Natalia Hinoue Guimarães, Nicholas Buck Shores, Paula Vieira Felix Rodrigues, Pedro do Val de Carvalho Gil, Ramiro Brites Pereira da Silva, Simone Sabino Blanes, Valéria França, Valmar Fontes Hupsel Filho, Valmir Moratelli Cassaro, Victoria Brenk Bechara **Sucursais:** ***Brasília* — Chefe:** Policarpo Junior **Editor-executivo:** Daniel Pereira **Editor-sênior:** Robson Bonin da Silva **Editoras-assistentes:** Laryssa Borges, Marcela Moura Mattos **Repórteres:** Hugo Cesar Marques, Ricardo Antonio Casadei Chapola ***Rio de Janeiro* — Chefe:** Monica Weinberg **Editores:** Ricardo Ferraz de Almeida, Sofia de Cerqueira **Repórteres:** Amanda Péchy, Caio Franco Merhige Saad, Ludmilla de Lima, **Estagiários:** Gisele Correia Ruggero, Ligia Greco Leal de Moraes, Maria Fernanda Firpo Henningsen, Mariana Carneiro de Souza, Marília Monitchele Macedo Fernandes, Paula de Barros Lima Freitas, Sara Louise França Salbert, Thiago Gelli Carrascoza **Arte — Editor:** Daniel Marucci **Designers:** Ana Cristina Chimabuco, Arthur Galha Pirino, Luciana Rivera, Ricardo Horvat Leite **Fotografia — Editor:** Rodrigo Guedes Sampaio **Pesquisadora:** Iara Silvia Brezeguello Rodrigues **Produção Editorial — Secretárias de produção:** Andrea Caitano, Patrícia Villas Bôas Cueva, Vera Fedschenko **Revisora:** Rosana Tanus **Colaboradores:** Alexandre Schwartsman, Cristovam Buarque, Fernando Schüler, José Casado, Lucilia Diniz, Maílson da Nóbrega, Murillo de Aragão, Ricardo Rangel, Vilma Gryzinski, Walcyr Carrasco **Serviços internacionais:** Associated Press/Agence France Presse/Reuters

www.veja.com

CO-CEO Francisco Coimbra, **VP DE PUBLISHING (CPO)** Andrea Abelleira, **VP DE TECNOLOGIA E OPERAÇÕES (COO)** Guilherme Valente, **DIRETORIA DE MONETIZAÇÃO, LOGÍSTICA E CLIENTES** Erik Carvalho, **DIRETOR DE PUBLICIDADE** Ciro Hashimoto, **GERENTE-EXECUTIVA DE PROJETOS ESPECIAIS** Juliana Caldas

Redação e Correspondência: Rua Cerro Corá, 2175, lojas 101 a 105, 1º andar, Vila Romana, São Paulo, SP, CEP 05061-450

VEJA 2 906 (ISSN 0100-7122), ano 57, nº 33. VEJA é uma publicação semanal da Editora Abril. **Edições anteriores:** Venda exclusiva em bancas, pelo preço da última edição em banca mais despesa de remessa. Solicite ao seu jornaleiro. **VEJA** não admite publicidade redacional.

IMPRESSA NA PLURAL INDÚSTRIA GRÁFICA LTDA.
Av. Marcos Penteado de Ulhôa Rodrigues, 700, Tamboré, Santana de Parnaíba, SP, CEP 06543-001

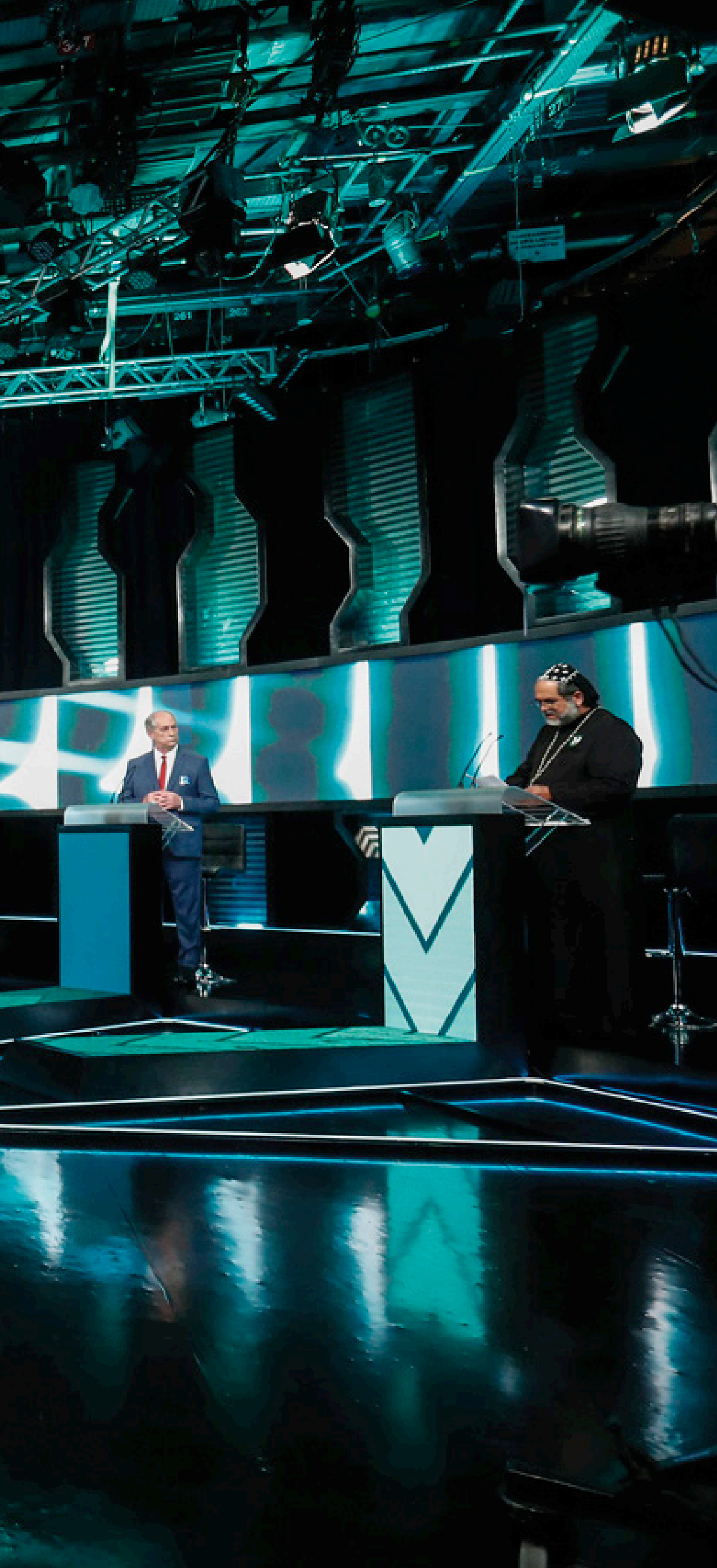
IVC | GoRead | SIP

GRUPO Abril

www.grupoabril.com.br

SEBASTIÃO MOREIRA/EFE

DEBATE EM ALTO NÍVEL

NESTA SEXTA, dia 16, começa oficialmente a campanha para as eleições que serão realizadas em 5 570 municípios brasileiros. Devido ao grande número de candidatos e grupos políticos que vão rivalizar, os prognósticos são difíceis na maioria das cidades. Neste ano, temos um dado adicional que deixa o pleito ainda mais imprevisível: a nacionalização,

CLAUDIO GATTI

BELEZA DA DEMOCRACIA
Candidatos na eleição de 2022 e o redator-chefe Sérgio Ruiz: oportunidade para a discussão de temas e projetos relevantes

um duelo velado Bolsonaro-Lula. Diante das tantas possibilidades e eventuais reviravoltas, típicas de uma disputa com essas características, vale destacar pelo menos uma certeza: graças ao excepcional funcionamento das urnas eletrônicas no país, os resultados sairão rápido e de forma transparente, um feito que deveria ser motivo de orgulho nacional. Se existe algo que realmente funciona no sistema público brasileiro, entre alguns poucos exemplos, são as apurações conduzidas pelos tribunais eleitorais. Trata-se de uma das mais expressivas conquistas da nossa democracia.

Democracia que nem sempre é valorizada e respeitada. Bem a seu feitio, inteligente e irônico, o célebre Winston

Churchill brincava: “A democracia é o pior sistema de governo — com exceção de todos os outros”. É natural que as pessoas saiam insatisfeitas de uma votação em que seu candidato tenha perdido para um opositor. Isso não significa que possam organizar levantes ou mandar as instituições às favas quando isso acontece. Lamentavelmente, episódios dessa natureza têm ocorrido com frequência nos últimos tempos: nos Estados Unidos, no fatídico 6 de janeiro de 2021, na Venezuela, patacoada ainda em andamento, e no Brasil, durante o violento 8 de janeiro de 2023. Deveria ser um conhecimento adquirido, mas não custa lembrar que o processo democrático é o mais justo que existe. Os cidadãos de um país reúnem-se e escolhem seus governantes. Se a maioria vota em seu adversário, paciência. Espere a próxima oportunidade. A alternância de poder (e, portanto, de visões) é a condição *sine qua non* para a manutenção da democracia e a estabilidade de uma nação. Em outra tirada muito bem-humorada, o escritor português Eça de Queiroz resumiu tal pensamento com um cruel sarcasmo: “Políticos e fraldas devem ser trocados de tempos em tempos pelo mesmo motivo”.

A questão fundamental — que deveria ser o cerne de toda eleição — é por que razão tirá-los ou colocá-los lá. Infelizmente, em tempos de redes sociais e lacrações, a troca de ideias na política tem hoje a profundidade de uma poça de água (e a polarização só fez piorar o cenário, abusando do recurso do ódio ao diferente). Tal panorama, no

entanto, não afasta VEJA de uma de suas missões históricas: elevar o nível das discussões, ajudando pessoas com sede de conhecimento a formar sua opinião. Com essa esperança, vamos organizar seis debates, iniciando com os candidatos à prefeitura de São Paulo, na próxima segunda (19). Parte do projeto VEJA E VOTE, que foi lançado nas eleições de 2020 e prosseguiu no último pleito presidencial, o evento começará às 10h30, com transmissão na nossa plataforma de streaming VEJA+. Além de São Paulo, promoveremos encontros entre os candidatos de Campinas (no dia 23), Guarulhos (26), São Bernardo (30), Santos (2) e Rio de Janeiro (em 12 de setembro). Conduzidos pelos jornalistas de VEJA, tropa liderada pelo redator-chefe Sérgio Ruiz Luz, esses debates serão uma grande oportunidade para que os postulantes discutam, de fato, os principais projetos e ideias para suas cidades. Se necessário, com críticas construtivas. Mas sempre em alto nível — e democraticamente. ■

ADALBERTO MARQUES/MGI

“NOS FALTA MÃO DE OBRA”

A ministra da Gestão diz que o Estado brasileiro não é inchado, defende a contratação de mais funcionários públicos e confessa que não gosta de negociar com movimentos grevistas

LUDMILLA DE LIMA E **RICARDO FERRAZ**

AS CHUVAS no Rio Grande do Sul obrigaram Esther Dweck, 47 anos, a adiar seu maior desafio à frente do Ministério da Gestão e da Inovação. Inicialmente previsto para maio, o Concurso Nacional Unificado (CNU) deve finalmente acontecer em 18 de agosto. Na primeira edição, cerca de 2 milhões de inscritos vão concorrer a 6 640 vagas no serviço público, contratação que a titular da pasta alega ser necessária para repor um envelhecido quadro de funcionários. Egressa do curso de economia da UFRJ, a ministra integra a ala desenvolvimentista do governo, que prega a intervenção estatal para promover o crescimento do país, mas garante que sua intenção é melhorar a qualidade dos gastos públicos. Casada com uma professora, ela conta que nada é mais difícil em sua rotina do que encerrar o expediente a tempo de dar boa-noite à filha de 3 anos. Na entrevista concedida a VEJA por videoconferência, Dweck falou sobre o "Enem dos concursos", reforma administrativa e ajuste fiscal.

Entre os participantes do CNU, há uma preocupação grande com o vazamento das provas, após o adiamento. Existe esse risco? As provas já haviam sido enviadas aos estados quando tiveram de ser recolhidas. Atualmente, estão trancadas em uma sala segura nos Correios, sob vigilância 24 horas e monitoramento por câmeras. Para acessar o local, é preciso que três pessoas autorizadas estejam presentes. Além disso, dois

funcionários, um da Abin e um do ministério, checaram envelope por envelope, para ter certeza de que os lacres não tinham sido rompidos. Estamos seguros de que não há risco de fraude.

Haverá alterações significativas na aplicação das provas? O caderno de questões será o mesmo que já tinha sido impresso. Agora, estamos confirmando os locais do exame, que serão mantidos para 90% dos participantes. No Rio Grande do Sul, tivemos de mudar seis locais de aplicação da prova, mas todos permaneceram no mesmo município.

O adiamento foi a melhor solução? Trata-se de uma mudança motivada por uma fatalidade. Existia a previsão no edital de substituição dos locais de prova por pro-

"Não negocio com grevistas porque não tenho essa habilidade. Às vezes, aparece gente para falar de greve até quando estou num restaurante. Não é a melhor posição do mundo"

blemas climáticos, mas era uma solução para casos pontuais, porque nunca houve algo nessa dimensão. Diante do tamanho da tragédia gaúcha, se a gente aplicasse o que estava previsto, o risco de judicialização seria muito maior do que simplesmente adiar. Para tomar essa decisão, conversamos com a Defensoria Pública e com a Procuradoria do Estado e fechamos um acordo homologado na Justiça. O risco de processos hoje é muito baixo.

Foi muito complicado apostar no novo formato? A ideia de um exame unificado para os concursos, tal qual o Enem, é maravilhosa e foi logo encampada pelo ministério. Mas eu quase desisti ao tomar conhecimento da questão logística. Foi preciso envolver todas as redes de segurança brasileiras, inclusive a Defesa Civil. Ninguém entendia o motivo, até a tragédia no Sul acontecer.

O que justifica a contratação de 10 000 novos funcionários públicos até 2026? Tivemos uma saída de mais de 70 000 servidores desde 2016 e praticamente não houve concurso desde então. A média de idade no governo federal é altíssima: mais de 58 anos em algumas áreas. Corremos o sério risco de 30% dos funcionários se aposentarem de uma hora para outra. Invertemos essa lógica e estamos tentando dimensionar a força de trabalho. A transformação digital, por exemplo, requer menos gente, mas isso não prescinde de realizarmos novas con-

tratações. Esse total de 10 000 novos quadros está muito aquém da demanda trazida por outros ministérios de mais de 80 000 servidores.

Mas o Estado brasileiro já não é inchado demais? Não, ao contrário. Fala-se isso genericamente, mas, quando se olha de perto para algumas áreas, como o meio ambiente ou educação, percebe-se que não é verdade. Diversos ministros me ligam reclamando que algum colega roubou um servidor que estava lotado em sua pasta. Os reitores das universidades federais bateram à minha porta para dizer que muitos técnicos e professores estavam sendo requisitados pelo governo. A verdade é que nos falta mão de obra.

A senhora tem enfrentado negociações salariais e greves, como a das universidades federais. Como se sente nesse papel? Não me sento à mesa, porque percebo que não tenho habilidade para negociar. Sou amiga de pessoas de várias carreiras do setor público e às vezes aparece alguém para falar de greve até quando estou num restaurante. Não é a melhor posição do mundo, nem a melhor pauta do ministério, mas uma coisa que se reconhece é que o diálogo, que havia sido interrompido, voltou. Outro fator que atrapalha são as redes sociais. Nem sempre o clima está tão inflamado quanto se diz no ambiente virtual.

Não parece ser fogo amigo os sindicatos exercerem mais pressão sobre o governo Lula do que sobre o de Bolsonaro? Não creio. Faz parte do jogo político os sindicatos atuarem no espaço em que há maior possibilidade de se obter ganhos salariais. Na gestão anterior, todos se uniram para defender o Estado brasileiro. No caso da educação, ficou claro que o movimento não era contra o governo, mas, sim, uma tentativa de puxá-lo para a esquerda, ampliando o espaço da educação superior no Orçamento. Não foi possível, mas os sindicatos aceitaram discutir outras questões, algo fundamental para a greve acabar.

A negociação com outras categorias foi bem mais complexa, como no caso dos funcionários do Ibama e ICMBio. Como tem evitado uma onda de paralisações? Ao todo, negociamos com 150 entidades e assumimos o compromisso de abrir quarenta mesas de negociação. Já concluímos acordos em 31 rodadas, incluindo aí as categorias mais numerosas, que somam quase o total de servidores. Não estamos propondo aumentos salariais lineares, mas reestruturação da carreira para corrigir distorções antigas. No caso do pessoal do Meio Ambiente, propusemos a gratificação por localidade, uma inovação importante para manter os profissionais nos lugares que mais demandam fiscalização, mas eles acharam melhor distribuir o valor por todos os servidores. Os dois lados cederam e chegamos a um acordo.

Reajustar os salários não prejudica a busca pelo equilíbrio fiscal? É importante frisar que os reajustes não vão impactar significativamente os gastos do governo. O aumento está dentro dos limites estabelecidos na Lei Orçamentária do ano que vem e será da ordem de 0,1% do PIB. Todos os passos têm sido dados com muito diálogo com os ministros da Fazenda, Fernando Haddad, e do Planejamento, Simone Tebet.

A senhora já escreveu um livro criticando a austeridade fiscal. Concorda com os rumos adotados por seus colegas de Esplanada? Critica-se muito a tentativa de aumentar a receita, mas é importante frisar que a primeira medida do governo foi o arcabouço fiscal, que impôs um limite para o crescimento da despesa.

“Me sinto feliz de estar no cargo e ser do sexo feminino. As mulheres se sentem muito mais na obrigação de acertar do que os homens, sofrem da famosa síndrome da impostora”

O que se pretende é aumentar a qualidade dos gastos públicos, corrigindo o que está errado.

Como, exatamente? Estamos cruzando dados de diversas pastas para identificar o pagamento de benefícios indevidos. No governo anterior, houve certa leniência quanto à entrada em programas sociais de quem não tinha direito. No ano passado, fizemos a redução nos quadros do Bolsa Família. Também tomamos diversas medidas de gestão, como transformação digital, centralização de compras e revisão de contratos. Somando as iniciativas, a economia chega a cerca de 5 bilhões de reais, só na minha pasta.

A senhora concorda com a afirmação do presidente Lula de que gasto é vida? Essa frase, repetida com frequência tanto pelo presidente quanto pelo ministro Haddad, ressalta a necessidade de trazer o pobre de volta para o Orçamento e de colocar o rico no imposto de renda.

Há anos que se fala em fazer a reforma administrativa. A senhora concorda com ela? O ministério é contrário à PEC 32, que está em tramitação no Congresso, porque afeta a estabilidade do servidor público. Mas temos uma proposta própria, baseada em três pilares: pessoal, governo digital e o que a gente chama de processos e organizações. No caso de pessoal, há distor-

ções entre carreiras que precisam ser equalizadas. Já reduzimos o piso de entrada do Banco Central, uma das instituições mais valorizadas. Não precisa de PEC para isso, encaminhamos como projeto de lei. Também estamos trabalhando em portarias para fazer com que o servidor possa atingir o teto de remuneração em vinte anos e estudando critérios para que a progressão dependa do bom desempenho, e não apenas do tempo decorrido.

Como pretende lidar com os benefícios que geram supersalários, comuns no Judiciário e nas Forças Armadas? Barrar as injustiças está totalmente na pauta, mas a aprovação dessa lei exige um intenso diálogo interpoderes. Existe um projeto sobre o tema que está no Legislativo, já foi votado na Câmara e precisa passar pelo Senado. É necessário haver um consenso, o que não é nenhum pouco trivial, mas a gente tem disposição de fazer esse debate publicamente.

A senhora atuou para barrar a PEC das Praias, apresentada pelo senador Flávio Bolsonaro (PL-RJ). Considera o assunto superado? Quem defende essa medida comete muitos equívocos. Já há previsões legais para exploração econômica das porções de terras que estão sob responsabilidade da Marinha, contanto que se respeite as leis ambientais e de patrimônio e se pague o valor devido à União. Agora, passar a posse

para a iniciativa privada é completamente arriscado, porque suprime totalmente o controle e a fiscalização dessas áreas. Nós vamos encarar essa discussão sempre que acharmos necessário.

A senhora é casada com outra mulher, com quem tem uma filha. Como é ocupar um cargo público sendo da comunidade LGBTQIA+? É muito importante para mostrar que essas pessoas podem estar onde elas quiserem. Fico ainda mais contente por ser do sexo feminino. As mulheres se sentem muito mais na obrigação de acertar do que os homens, são afetadas pela famosa síndrome da impostora. Ser uma referência para tanta gente me deixa muito feliz. ■

A DOR DAS VIDAS INTERROMPIDAS

UMA TRAGÉDIA AÉREA não se encerra no choque do acidente. Apunhala, com uma dor indescritível e insistente, os familiares e amigos das vítimas. Traumatiza as testemunhas oculares. Mobiliza técnicos e autoridades em busca de respostas. Assusta um mundo de gente que, mesmo ciente da baixa frequência das quedas de avião,

ZANONE FRAISSAT/FOLHAPRESS

teme por si e pelos entes queridos no próximo embarque. Sobretudo, abala qualquer ser humano que se vê confrontado com a interrupção de uma trajetória de vida. Sessenta e duas delas terminaram assim, cruel e prematuramente, no desastre com uma aeronave que decolou de Cascavel, no Paraná, a caminho de Guarulhos. O voo 2283 da companhia Voepass não chegou ao seu destino. Teve um fim abrupto no colapso do bimotor de porte médio ATR-72-212A, que despencou sobre um condomínio de Vinhedo, no interior paulista. Quatro tripulantes e 58 passageiros morreram, entre eles **o empresário Deoclides Zini Júnior e a fisioterapeuta Kharine Gavlik Pessoa Zini, velados e homenageados em sua cidade natal, Cascavel.** O casal, que deixa dois filhos, teve sua história barrada na última sexta-feira, 9, assim como médicos, empreendedores, estudantes e outros brasileiros com planos e sonhos frustrados pelo quinto pior acidente aéreo da história nacional. Investigações sobre a causa da pane seguem em curso meticuloso. É o mínimo que se espera: entender a origem de uma tragédia para que outras não se repitam. ■

Diogo Sponchiato

“DIRIGIR É SER UM MAESTRO”

Enquanto finaliza um documentário sobre as enchentes no Rio Grande do Sul, onde nasceu, a atriz e diretora se prepara para integrar o júri do Festival de Veneza, que começa em 28 de agosto

AGENDA LOTADA Bárbara: agitação na frente e atrás das câmeras

RAQUEL CUNHA/TV GLOBO

Você vai integrar no fim do mês o júri do Festival de Veneza. Qual sua relação com a mostra? É uma grande honra. Foi o primeiro festival do qual participei, para estrear meu também primeiro longa-metragem, *Babenco,* e ali se abriram para mim as portas do mundo da direção. Também apresentei lá o meu curta *Ato,* sobre o desmatamento da Floresta Amazônica. Aproveitei e fiz uma performance, cruzando o tapete vermelho com uma máscara acoplada a uma planta, respirando a floresta.

Você também presidirá a comissão que vai escolher o filme brasileiro candidato ao Oscar. Acha que o cinema daqui tem chance? O cinema brasileiro está fazendo filmes belíssimos, mas escolher o que vai competir não significa selecionar o melhor. A decisão envolve outros fatores e um dos mais cruciais é ser visto em todos os lugares do mundo. Ele precisa ter uma boa distribuição internacional.

Como está a produção de seu documentário sobre as enchentes no Rio Grande do Sul? Qual o diferencial dele? De fato, muita gente está fazendo seu filme, e quanto mais, melhor. Mas eu fiz um documento humano, mais intimista, sem tanto sensacionalismo. Senti que as vítimas estavam precisando de um abraço. No meio da tragédia, uma conversa íntima dá um acalento. Quando vai sair, não sei. Queria que fosse logo, mas ainda estou buscando parceiros e dinheiro para terminar.

O que a motivou a fazer a mudança de atriz para diretora? Uma coisa complementa a outra. Dirigir é ser um maestro — você vai reger a história, é o que você quer contar. Ser atriz é descansar de mim. A atriz caminha paralelamente, está descansando agora para eu poder contar outras histórias. A gente vive em um país em que essa transição é difícil. Estou fazendo meus trabalhos autorais, mas também quero ser convidada para fazer trabalhos de outras pessoas e ser remunerada pela minha direção e pelo meu olhar.

No ano passado você organizou uma exposição em que expôs as cicatrizes de um acidente ocorrido em 1992. O que a levou a reabrir essa ferida? Pela primeira vez, depois de tantos anos, consigo ver beleza nas minhas cicatrizes e transformei essa dor em uma costura linda. Carrego também muitas cicatrizes internas. Sou um vaso quebrado, muito remendado e com várias vidas dentro de uma. ■

Mafê Firpo

O ÚLTIMO DE SUA GERAÇÃO

ANTONIO MILENA

CAMALEÃO O professor, ministro e deputado Delfim Netto: servidor da ditadura militar, tornou-se defensor da democracia

GRANDE CHEFE da economia quando o Brasil passou pelo "milagre econômico", período de 1968 a 1973 em que o país crescia mais de 10% ao ano, o então ministro da Fazenda, **Antônio Delfim Netto,** nunca gostou da expressão. "Milagre é um efeito sem causa, e o nosso crescimento tem

causa", dizia, numa das demonstrações diárias de seu humor elegante e irresistível. "Ele nunca estava irritado ou aflito; estava sempre de bom humor e não perdia uma piada", conta o ex-ministro da Fazenda Maílson da Nóbrega, que integrou a equipe econômica do governo de João Figueiredo, nos anos de 1980, ao lado de Delfim *(leia mais na coluna de Maílson da Nóbrega).*

Delfim Netto nasceu em 1º de maio de 1928 em São Paulo. Formou-se na terceira turma da faculdade de economia da Universidade de São Paulo, a FEA, em 1951, onde lecionaria por anos e se tornaria uma espécie de patrono da casa. Voraz leitor e colecionador de livros, doou para a faculdade, em 2014, todo o seu acervo de mais de 100 000 títulos. Foi o ministro da Fazenda mais longevo do regime militar, tendo comandado a pasta de 1967 a 1974, nos governos de Costa e Silva e de Emílio Médici. Era o fiador da máxima econômica que defende fazer o bolo crescer para depois distribuir, e foi um dos dezesseis ministros que assinaram o Ato Institucional nº 5, medida de 1968 que endureceu a ditadura militar. Esses são alguns dos traços que compõem a figura polêmica e paradoxal deste que foi um dos mais ativos, brilhantes e carismáticos economistas brasileiros. "É difícil colocá-lo em caixinhas", diz o coordenador do Grupo de Estudos e Pesquisa em História Econômica da FEA, Guilherme Grandi. "Delfim é o Delfim. Ele é uma linhagem própria, um camaleão político."

Voltaria para o governo de Figueiredo, em 1979, como ministro da Agricultura e, depois, do Planejamento, cargo em que ficou até 1985 com a missão de manejar alguns dos problemas herdados da década anterior, caso da insustentável dívida externa e da crescente hiperinflação. O rastro de pobreza deixado por anos de desvalorização dos salários, além de uma desigualdade social que disparou, são outros "legados" do regime de que participou e que serão sempre cobrados por quem o critica. Questionado diversas vezes por seu apoio à ditadura, Delfim sempre respondeu não se arrepender, mas dizia que a apoiar, hoje, é ser "idiota". "A democracia é o único mecanismo durável, porque não há poder que não se corrompa", disse em uma entrevista em 2021 ao UOL. Faz parte da profícua geração de economistas que dominou os debates e a política econômica nos anos de 1960 e que inclui Roberto Campos (1917-2001), Celso Furtado (1920-2004) e Mário Henrique Simonsen (1935-1997). É o que mais viveu de todos eles, e o último a partir. Delfim morreu na madrugada de segunda-feira, 12, aos 96 anos, em São Paulo. ■

FERNANDO SCHÜLER

O PAÍS RENDIDO

"O MINISTRO cismou com isso aí", diz um juiz, em Brasília. "Isso aí" é um cidadão brasileiro. Crítico duro do "sistema", do próprio ministro, na balbúrdia digital. Como o ministro está "sem sessão", continua o auxiliar, ele está com tempo para ficar "procurando". O *grand finale* vem do próprio ministro: "Peça para o Eduardo analisar as mensagens *(do tal "cidadão crítico")* para vermos se dá para bloquear e prever multa". Para resumir: primeiro escolhe o alvo político. Depois vai pesquisando na internet para produzir o "laudo". Isto é, a justificativa de que a autoridade precisa para fazer o que quer fazer. Isto é, censurar, bloquear e tudo que sabemos. Em outro momento, o foco é uma revista. "Vamos levantar todas essas revistas golpistas para desmonetizar nas redes", diz a autoridade. O juiz responde que havia encontrado apenas matérias jornalísticas e pergunta o que deveria colocar lá. "Use sua criatividade", responde o chefe, seguido de algumas risadas.

As mensagens reveladas por Glenn Greenwald e Fabio Serapião, na série de reportagens publicadas esta semana, são um striptease das instituições brasileiras. É evidente que há muito o que vir à tona, há o necessário contraditório e há

a investigação minuciosa disso, que deve ser feita. Mas o que já veio à tona é para lá de preocupante. Imaginem uma autoridade de Estado, em Brasília, literalmente pedindo para "disfarçar" o nome de um tribunal, e do próprio ministro, em documentos oficiais. Para não ficar "chato", ou muito "descarado". A autoridade pedindo para "ajustar" um documento oficial (haveria outro nome para isso?), dizendo: "Onde se lê o nome de um tribunal *(que realmente fez o pedido),* ponha o nome de outro tribunal". Pois é. Não há muito o que dizer sobre tudo isso. Os fatos falam tão alto que qualquer comentário soa um pouco irrelevante. O *modus operandi* é claro. Define-se o foco político e logo se demanda da assessoria que se produzam as "provas". Como definiu um jurista bem-humorado, "atira a flecha e depois pinta o alvo". Punições *ad hoc,* sem devido processo, sem provocação, sem contraditório. E, nesse caso, feitas por um tribunal eleitoral fora do período eleitoral. É isso. Nós nos transformamos na única democracia do planeta onde os direitos individuais mais elementares de um cidadão flutuam à mercê da subjetividade de uma autoridade de Estado. Autoridade que fica "braba". Que "cisma" com este ou aquele. E a partir daí "é uma tragédia", como escutamos em um dos áudios.

Tragédia, sim. Mas para quem vai em cana sem nem saber por quê. Quem é banido das redes "de ofício". Quem tem as contas bloqueadas por um papo furado no WhatsApp. Quem morre num presídio de Brasília, sem eira nem beira, porque ninguém despachou o processo. Uma tragédia, de fa-

JUSTIÇA Eleanor Norton: a advogada negra que defendeu um líder da KKK

to. E quem sabe merecida. Minha intuição é que nos transformamos exatamente no país que desejamos ser.

Boa parte do Brasil deseja que as coisas sejam assim. Deseja que tenhamos uma "democracia de tutela". Com a condição de que o grande xerife mande fazer laudo só para o "outro lado". Enquanto for assim, tudo estará bem para boa parte da imprensa, da academia, das "instituições" e do mundo político. O amor à "abstração da regra", vamos convir, nunca foi especialidade brasileira. Não passa de autoilu-

LAURA PATTERSON/CQ ROLL CALL/GETTY IMAGES

“Boa parte do Brasil deseja uma ‘democracia de tutela’ ”

são imaginar que nosso vezo patrimonialista só funciona nas relações entre o Estado e o mundo dos interesses materiais. Ele está lá, inteirinho, no modo como lidamos com o universo dos direitos. No servilismo do auxiliar da autoridade que pergunta: “O que eu devo escrever nesse dossiê?”. Na autoridade que diz: “Muda aí o nome do tribunal”. Que alerta que o “doutor” está com pressa, quer a “prova” logo, porque quer fazer o que já decidiu fazer. Tudo sob uma certa ficção em torno da legalidade autorreferente, ajustada aos imperativos do “contexto”.

Ainda na outra semana tivemos notícia da soltura do Filipe Martins. A prisão cujas razões formalmente apresentadas nunca existiram. Do sujeito que de fato nunca tentou fugir, nunca saiu do país, e que mesmo assim ficou lá, em uma prisão no Paraná, durante seis meses. Alguém preocupado? Alguém vai responder por isso? Ou há muito já entendemos o jogo? Cá entre nós, é o mesmo caso daquela “senhora que pintou uma estátua com batom”, na ótima de-

finição do ex-ministro Nelson Jobim esta semana. A Débora Santos, que de fato pintou uma frase irônica naquela estátua da Justiça, na frente do STF, e está em cana há catorze meses, com os dois filhos pequenos por aí, à espera de um dia terem a mãe de volta, em casa.

Jobim é um raro exemplo de intelectual brasileiro que distingue o mundo da política, com suas paixões, e o mundo dos direitos, pautado pela lei e sua impessoalidade. A distinção republicana, por excelência. Esta semana ele definiu o 8 de Janeiro de maneira precisa: não uma "tentativa de golpe", mas a "catarse pela frustração com a não obtenção de uma intervenção militar". No transe brasileiro, nada disso importa. Há uma narrativa política, há alguém que detém o poder e há suporte na sociedade. A partir daí, ajusta-se o universo dos direitos. Um pouco como se aprende nas revelações da semana. Ajustam-se os laudos, os documentos, as razões para justificar um delito. E sua própria tipificação. Tudo se move, no calor da política. E a "abstração da regra" soa não muito mais do que o resmungo de quem perdeu. Simplesmente perdeu. Quando observo essas coisas, me vem à lembrança a antiga provocação de Roberto Schwarz sobre as "ideias fora do lugar", em nossa tradição. Sua referência é tão distante quanto o século XIX. A "disparidade entre a sociedade escravocrata e as ideias do liberalismo europeu". Mas me soa tremendamente atual. A estranheza de uma elite que enche a boca para falar em democracia, mas aplaude o "deixa que eu dou um jeito" para arrumar provas e fazer o

que a Autoridade deseja fazer. Que fala em "garantismo", mas com a boca torta pelo uso do cachimbo. Em um mundo em que a retórica e sua negação, no universo da democracia liberal, convivem sem problema.

Talvez por isso minha referência sempre será Eleanor Norton, a advogada negra que em um dia qualquer de 1969, diante da Suprema Corte americana, defendeu os direitos de Clarence Brandenburg, um abjeto líder da KKK. E o fez por entender algo bastante simples: que os direitos dele eram ao mesmo tempo os nossos direitos. Ela o fez em nome de um princípio. Em nome da Constituição. Algo que a "obrigava por vezes a defender pessoas que não me defenderiam". Essa história sempre me tocou. E digo que sobre isso não alimento lá grandes expectativas no Brasil de hoje. Vejo que já fomos contaminados pelo vírus do ódio e da paixão política, em um país no qual nunca prosperou, de fato, uma tradição liberal-democrática. E por isso a relativização do direito. O truque. O ministro nervoso, o e-mail inventado, o laudo feito sob medida. O abuso, enfim. Tudo que faz tanta gente boa sinceramente desejar ir embora, simplesmente. Largar de mão esta república que parece não ter mais jeito. ■

Fernando Schüler é cientista político e professor do Insper

■ Os textos dos colunistas não refletem necessariamente as opiniões de VEJA

SOBE

RATINHO JR.
A gestão do político do PSD no Paraná tem aprovação de 76,8%, segundo pesquisa recente, uma das taxas mais altas entre os governadores do país.

JOSÉ ROBERTO GUIMARÃES
Em Paris, o técnico de vôlei consolidou-se como um fenômeno olímpico nacional, ganhando sua quinta medalha.

NEM-NEM
A proporção de jovens brasileiros sem estudo e sem emprego chegou a 20,6%, uma das maiores entre os países pesquisados pela Organização Internacional do Trabalho.

DESCE

AVON
A companhia entrou com pedido de recuperação judicial nos Estados Unidos, com dívidas que podem chegar à casa dos 10 bilhões de dólares.

MEDALHAS OLÍMPICAS
Mais de um atleta premiado em Paris mostrou que o bronze recebido no pódio começou a se desgastar rapidamente. Que bola fora dos organizadores...

DISNEY
Os parques temáticos da empresa tiveram um resultado decepcionante no trimestre encerrado em junho: a receita cresceu 2%, mas o lucro operacional caiu 3%.

“Nós precisamos, precisamos derrotar Donald Trump.”

JOE BIDEN, presidente americano, na primeira entrevista pública em que admite ter desistido da reeleição para não atrapalhar as chances de vitória do seu partido em novembro

SAMUEL CORUM/GETTY IMAGES

"Mais um dia de horror em Gaza. Outra escola foi atingida, com relatos de dezenas de palestinos mortos, entre eles mulheres, crianças e idosos."

PHILIPPE LAZZARINI, comissário-geral da Agência das Nações Unidas de Assistência aos Refugiados da Palestina, manifestando-se diante de novo ataque de Israel em um conflito sem tréguas até o momento

"Se ele continuar provocando agitação, consigam um mandado de prisão."

BRUCE DAISLEY, ex-vice-presidente do antigo Twitter, em artigo que questiona duramente o atual proprietário da plataforma X, Elon Musk, por seusincentivos a protestos anti-imigração realizados no Reino Unido

"Esperava que um democrata como Lula tivesse ligado e dito: 'Maduro, você perdeu, reconheça a derrota e saia do poder'."

ÓSCAR ARIAS, ex-presidente da Costa Rica e Prêmio Nobel da Paz, contestando a reação do líder brasileiro após as eleições venezuelanas

"Todos os corpos estão como se estivessem sentados em seus respectivos assentos."

MICHAEL CRISTO, capitão e porta-voz do Corpo de Bombeiros, no resgate das vítimas do acidente de avião em Vinhedo, que resultou em 62 mortes e foi o quinto pior da história nacional

"É subir no pódio para receber sua medalha e se orgulhar, porque só você sabe o que precisou enfrentar para chegar ali. É subir no pódio da vida depois de ter dado o seu máximo e viver uma Olimpíada!"

REBECA ANDRADE, ginasta e maior medalhista da história brasileira, com seis conquistas, sendo quatro delas nos Jogos de Paris, incluindo um ouro no solo

"Foi muito emocionante poder fazer do nosso jeito e entregar uma Olimpíada."

CASIMIRO MIGUEL, apresentador da CazéTV, comentando o sucesso da transmissão em seu canal no YouTube, que desbancou emissoras tradicionais de TV

"Duas mulheres negras campeãs olímpicas representam algo que vai além das conquistas no esporte. Diante do abismo racial existente no país, são vitórias de vida."

DANIELA TAFNER, professora convidada do Instituto de Pesquisa Afro-Latino-Americana da Universidade Harvard, nos EUA, celebrando a simbologia das medalhistas Rebeca Andrade e Bia Souza

“Estou orgulhosa de ter sido Hannah Montana. Eu dedico este prêmio a ela, a seus fãs incríveis e leais e a todos que tornaram meu sonho realidade.”

MILEY CYRUS, cantora americana, ao se tornar a mais jovem artista laureada como Lenda da Disney por seu trabalho no seriado infantil *Hannah Montana*

“Pai, eu nem sei explicar o tamanho da dor que é te ter tão longe.”

FIUK, ator, em postagem nas redes sociais em que homenageia o pai, Fábio Jr., sem deixar de criticá-lo pela ausência

INSTAGRAM @MILEYCYRUS

ROBSON BONIN

Com reportagem de Gustavo Maia
e Nicholas Shores

Missão impossível

Chefe da diplomacia brasileira, **Mauro Vieira** foi à Colômbia, nesta semana, com uma missão específica dada por Lula: convidar Maduro e a oposição a voltarem à mesa de diálogo. Vieira já falou com quinze chanceleres sobre o plano e avança evitando um tema radioativo: a mirabolante ideia de segundo turno.

Duas mentiras

No ano passado, quando Nicolás Maduro esteve no Planalto, Lula ouviu duas

MARCELO CAMARGO/AGÊNCIA BRASIL

DIÁLOGO Vieira: articulação silenciosa por uma saída para a crise na Venezuela

promessas: a Venezuela teria eleições democráticas e pagaria dívidas com o Brasil. Eufórico, Lula até exaltou o ditador: “Maduro não é um homem mau”. Foi enganado duas vezes.

Deus lhe pague

O calote venezuelano, naqueles dias da visita de Maduro a Lula, estava em 1,2 bilhão de dólares. Agora, é de 1,6 bilhão — e nem sinal dos dólares.

Ação e reação

Aliados de Arthur Lira viram “uma declaração de guerra” nas decisões recentes de Flávio Dino sobre emendas parlamentares — e querem revidar.

Pau que dá em Chico...

A ideia é reunir “dados” do que foi feito com emendas parlamentares durante a gestão de Dino no governo do Maranhão. E também um dossiê das emendas do PT nesta gestão de Lula. Um cacique provoca: “Será que foi tudo republicano com o Dino lá no Maranhão? E as emendas do PT que o Padilha fez jorrar no Ministério da Saúde?”.

É esse o ponto

Há algumas semanas, o petista Edinho Silva falou da fragilidade de Lula ante um Congresso senhor das emendas: “O Brasil não é mais o presidencialismo clássico que havia. É um semipresidencialismo”. Pois é.

Uber black

A Polícia Federal já realizou, neste ano, mais de 260 operações contra o crime organizado. Poucas contra

figurões políticos, é verdade, mas isso deve mudar até o fim do ano.

Onde tem fumaça

Comandado por Paulo Câmara, o Banco do Nordeste está no centro de um potencial escândalo de tráfico de influência. Coisa feia.

Peixe grande na rede

Uma investigação de corrupção no TJ de Mato Grosso achou, num celular apreendido, mensagens que revelam negociatas de um lobista de Brasília com assessores de ministros do STJ. A Corte investiga o caso.

O favorito

Levantamento de aliados de Elmar Nascimento no União Brasil estima em 310 os votos hoje prometidos ao deputado, que quer se tornar o próximo presidente da Câmara.

Eu? Não, nada contra

Ciente desse favoritismo de Elmar, Lula enviou recado ao deputado de que não tem veto ao nome dele.

Confiança total

Já no Senado, Davi Alcolumbre, também integrante do União Brasil, estima em 62 os senadores que apoiarão sua volta ao comando da Casa.

Tô fora

Renan Calheiros diz que o MDB não deve ter candidato ao comando do Senado. A bancada vai se reunir para bater o martelo. “Eu não postularei”, diz.

Tem que jogar junto

Ricardo Nunes fará um

pente-fino nos 550 candidatos a vereador da chapa para cobrar fidelidade. Quem não defender o prefeito será cortado.

Melhor fugir

Guilherme Boulos caiu numa armadilha ao responder às provocações de Pablo Marçal e sentiu o golpe. Está reavaliando a participação em debates.

Falta envolvimento

Tabata Amaral lida com um dado desconfortável no PSB: o sumiço dos "companheiros" Geraldo Alckmin e Márcio França de sua campanha.

Não tenho saco

A pressão na campanha de Datena é para que ele estude os temas da cidade antes dos debates. Missão difícil.

Festa da toga

A posse de Herman Benjamin e Luis Felipe Salomão no comando do STJ, no dia 22, terá 1 200 convidados.

É ruim, mas é bom

Ricardo Lewandowski completou seis meses no Ministério da Justiça. Apanhou bastante na fuga dos presos em Mossoró (RN) e sofreu com o fogo amigo do PT — mas está gostando.

Caso encerrado

A PGR arquivou uma investigação contra um militar das Forças Armadas que postou mensagens no X sugerindo a morte de Lula. Ele acabou punido pela própria força pelo "discurso de ódio", sendo afastado do cargo.

Quem dá mais?

José Dirceu tentou, sem su-

TEÓRICO
Barroso: novo livro sobre "direito e tecnologia no mundo atual"

cesso, evitar, recentemente, o leilão de alguns imóveis de sua propriedade bloqueados pela Lava-Jato. Coisa de milhões.

Luta das mulheres

Gleisi Hoffmann entrou na luta pelas "mulheres profissionais do sexo LGBTI+" no PR. Liberou 200 000 reais numa emenda para um programa de defesa de direitos das trabalhadoras.

Estaca zero

A venda da Jequiti, do Grupo Silvio Santos, para a Cimed, de João Adibe, fez água. Sem acordo no preço das ações, a negociação foi encerrada.

Um olhar para o futuro

Presidente do STF, o ministro **Luís Roberto Barroso** vai lançar, na terça, em Brasília, um novo livro: *Inteligência Artificial, Plataformas Digitais e Democracia: Direito e Tecnologia no*

Mundo Atual. Apesar de otimista com essa nova revolução tecnológica, Barroso também faz em seu livro um levantamento dos riscos e abusos que podem desviá-la da rota ética desejável.

Casos de família

Eduardo Suplicy trava uma guerra na Justiça contra seu irmão, Paulo, por suposta fraude na venda de imóveis da família Matarazzo em Bertioga (SP).

Nada se inventa...

Um artista acionou recentemente a cantora **Luísa Sonza** na Justiça por acusação de plágio na música *Atenção*. Quer indenização de 500 000 reais. ■

INSTAGRAM @LUISASONZA

JUSTIÇA Luísa: cantora é alvo de uma ação por plágio em música

OLHO DE BOTO/OB PRODUÇÕES

PATRIMÔNIO USURPADO

O crime organizado entrou na Amazônia para traficar drogas e hoje domina negócios ilícitos e dá as ordens em boa parte da região, pondo em risco a biodiversidade e a preservação da floresta da qual o Brasil é o principal guardião

SOFIA CERQUEIRA, de Santana (AP)

CAPA: MONTAGEM DE BETONEJME.COM COM FOTOS FREEPIK

SEM LEI Amostras de violência: corpo achado em Santana *(ao lado)* e confraternização de bandidos em terra indígena *(acima)*

A menos de 3 quilômetros da prefeitura de Santana, cidade portuária no extremo norte do país, a Praça Fonte Nova, com seu campinho de futebol, barraquinhas de ambulantes e uma igrejinha ao fundo, já foi um animado ponto de encontro dos moradores do segundo maior município do Amapá, a 17 quilômetros da capital, Macapá. Hoje, vive vazia — as pessoas evitam circular pelo local onde ocorreram seis assassinatos em dois anos, alguns em plena luz do dia, testemunhados por crianças e jovens. Plantada na foz do Rio Amazonas, Santana, a cidade mais violenta do Brasil, situa-se no meio do fogo cruzado en-

tre duas quadrilhas do Sudeste, a carioca Comando Vermelho (CV) e a paulista Primeiro Comando da Capital (PCC), que ali se associam a gangues locais e travam uma guerra por domínio territorial. Infelizmente, não é a única. Atuando no vácuo criado pela ausência do poder público, o crime organizado apoderou-se da Amazônia, multiplicando a ameaça à floresta essencial para a biodiversidade e o equilíbrio climático do planeta e corrompendo o maior patrimônio brasileiro no âmbito internacional.

Uma das vítimas da matança em série na Praça Fonte Nova foi o vendedor Elielson da Cruz Lazané, 40 anos, executado com cinco tiros em janeiro por um homem que chegou de moto e fugiu em seguida. A suspeita é de que ele tenha sido morto no lugar de um parente que, segundo a polícia, teria ligações com o tráfico de drogas. “Aqui a gente vive com medo. Não sabe a que horas vai aparecer um bandido para matar alguém”, lamenta Rosana Lazané, 34, irmã do vendedor. Além do temor onipresente, Santana chama atenção pela pobreza que salta aos olhos — uma constante em todos os pontos dominados por criminosos. Dos 107 373 habitantes, quase 77 000 estão no Cadastro Único Federal, que congrega as famílias de baixa renda, e 55 117 vivem com até 218 reais por mês. Como acontece nos municípios ribeirinhos, multiplicam-se por lá áreas miseráveis de baixada ou ponte, como são chamadas as favelas de palafitas. É nesses bolsões que o crime se espraia, como constatou a reportagem de VEJA ao acompanhar uma operação policial. Em uma viela da Baixa-

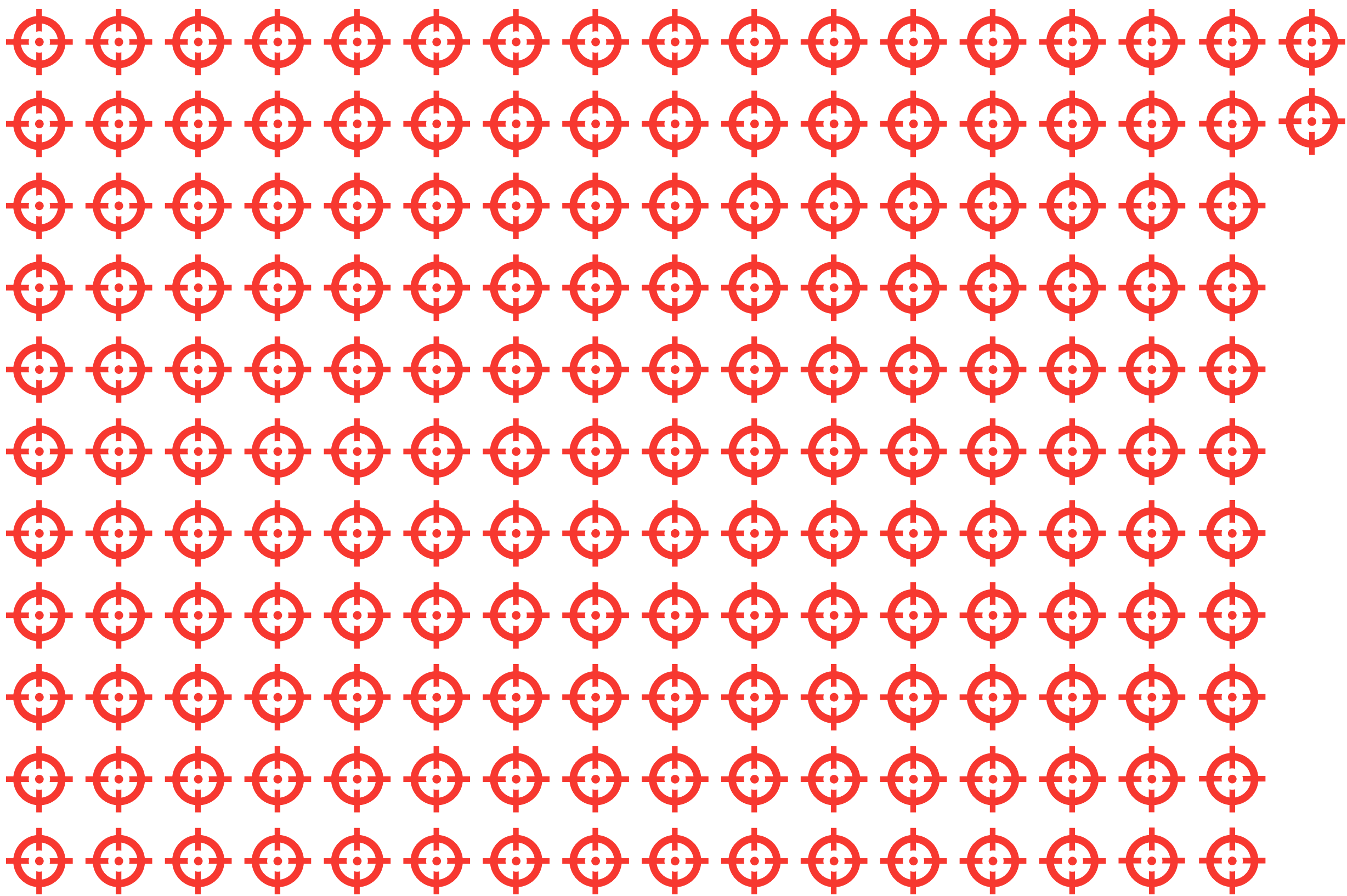
da do Ambrósio, há dois anos, Ana Júlia, 5, morreu atingida por uma bala na testa, em meio à guerra de facções. “Tiraram a coisa mais importante da minha vida. É uma dor que não passa”, diz o comerciante Manoel de Souza, 47, com lágrimas nos olhos.

Segundo os dados mais recentes do Anuário Brasileiro de Segurança Pública, Santana registrou uma taxa de 92,9 mortes violentas intencionais por 100 000 habitantes em 2023, índice quatro vezes maior do que a média nacional (22,8). O empreiteiro Helderson do Rosário, 43, conta que seu irmão e o enteado foram atropelados por um carro de Uber que fugia

SOB INFLUÊNCIA DO MAL

O avanço do crime organizado na Região Amazônica em números

22 FACÇÕES

BRASILEIRAS E INTERNACIONAIS ATUAM NO TERRITÓRIO

178 MUNICÍPIOS DA AMAZÔNIA LEGAL REGISTRAM A PRESENÇA DAS QUADRILHAS

59% DA POPULAÇÃO
MORA EM ÁREAS CONTROLADAS POR, AO MENOS, UM GRUPO CRIMINOSO

8,3 MILHÕES DE HABITANTES
CONVIVEM COM A VIOLÊNCIA EXTREMA

Fonte: *Cartografias da Violência na Amazônia - FBSP*

da polícia, com dois bandidos dentro. Já no chão, os dois foram executados por PMs. “Aqui tem a violência do crime e a da polícia”, diz. Em 2023, aliás, o estado foi recordista de mortes em ações policiais. “Não negamos que existam problemas, mas estamos concentrando esforços em resolvê-los”, diz o secretário de Segurança do Amapá, José Rodrigues Neto, que dobrou o efetivo em Santana (24 homens/dia) e tem feito operações frequentes na cidade. Embora os dados ainda sejam altos no local — trinta mortes violentas no primeiro semestre, 25 ligadas ao tráfico —, já houve uma queda de 52% com relação a 2023.

A instalação da bandidagem em municípios como Santana põe em risco a própria preservação do maior bioma do planeta e, por tabela, da posição estratégica do Brasil na agenda global. “O futuro da Amazônia está mais ameaçado do que nunca”, alerta Renato Sérgio de Lima, diretor do Fórum Brasileiro de Segurança Pública. “O PCC e o CV se transformaram em verdadeiras holdings na região.” Com dimensão continental e problemas na mesma proporção, a Amazônia Legal (Amazonas, Acre, Rondônia, Roraima, Pará, Maranhão, Amapá, Tocantins e Mato Grosso) é um campo aberto para a expansão oportunista do narcotráfico, que atravessou a fronteira e controla localidades na Bolívia e na Colômbia. “Na floresta, a lei do mais forte prevalece. Violentas e com poderio financeiro, as facções veem ali a chance de acumulação de capital”, diz o geógrafo Thiago Sabino, do Instituto Mãe Crioula.

MARIZILDA CRUPPE/GREENPEACE

DESTRUIÇÃO Desmatamento: escavadeiras abrem espaço para garimpo ilegal

O rol de negócios ilícitos tocados pelas quadrilhas vai muito além do tráfico de drogas. Há registros de sua atuação em garimpos ilegais, extração de madeira, grilagem de terras e tráfico de animais, entre outras pragas que assolam o território. De acordo com o estudo Cartografias da Violência na Amazônia, 59% da população — 15,4 milhões de pessoas —

SOFIA CERQUEIRA

OPERAÇÃO Patrulha policial em Santana: facções disputam o controle da cidade mais violenta do Brasil

vive em áreas sob domínio de criminosos (*veja o quadro "Sob influência do mal"*). Ao todo, 22 grupos, entre brasileiros, bolivianos, colombianos e venezuelanos, atuam na Amazônia, embora o domínio dos asseclas do CV carioca e do PCC paulista seja notório: a marca de um ou de outro, às vezes dos dois, está cravada em 168 das 178 cidades dominadas por bandidos. Outras oitenta são disputadas, sob execuções e tiroteios frequentes — entre elas, Santana. "Ao lado dos novos negócios, seguem avançando a exploração da droga no varejo e a busca de novas rotas internacionais para o tráfico", observa o sociólogo Rodrigo Chagas, da UFRR.

A primeira impressão, ao pisar na cidade mais violenta do país, é de que se trata de um lugar comum, sem atrativos e castigado pelo crescimento desordenado. Para as quadrilhas, no entanto, ela ocupa posição estratégica, centrada no Porto de Santana, a porta de entrada e saída da região amazônica, pouco fiscalizada até recentemente. Capaz de receber grandes cargueiros e situado no ponto em que o Brasil fica mais próximo da Europa, da África, da Ásia e dos Estados Unidos, o porto tem potencial para se tornar uma central de distribuição de cocaína, skank (maconha mais potente), armas e ouro — só em 2023 seu movimento cresceu 48,1%. Outro atrativo para traficantes e contrabandistas é o fato de a área portuária viver coalhada de embarcações menores, vindas de toda a Amazônia, o que dificulta seu controle. “As operações policiais são pontuais e não tenho poder para fiscalizar passageiros e bagagens. Mas sabe-se que aqui tem mui-

SOFIA CERQUEIRA

LUTO Manoel chora a perda da filha Ana, 5: “Dor que não passa”

ta ‘mula’ com drogas”, afirma Jacqueline Andritson, administradora de um terminal de passageiros por onde passam 2 000 pessoas por dia.

O estopim para o alastramento das quadrilhas organizadas na Amazônia foi o assassinato, em 2016, do narcotraficante Jorge Rafaat, que controlava a chamada “rota caipira” (Paraguai-Bolívia-Brasil) e fornecia ao CV e ao PCC boa parte da droga vendida no país. O bando paulista apressou-se a ocupar o lugar de Rafaat e, diante disso, o CV carioca rumou para o norte, de olho na “rota Solimões”, movida a barcos que saem da tríplice fronteira Brasil-Peru-Colômbia. A divisão de áreas não durou muito — logo o PCC começou a avançar na direção da segunda rota e, há três anos, acelerou o passo, motivado pela superprodução de cocaína na Colômbia e pelo enfraquecimento do combate a crimes ambientais na gestão Bolsonaro. Foi nesse período que criminosos incomodados com as suspeitas levantadas pelo indigenista Bruno Pereira e pelo jornalista Dom Phillips sobre seus negócios na região contrataram matadores para tirar a vida dos dois, em um crime que repercutiu no mundo todo. “Houve uma transformação do crime aqui. Antes, entrávamos em qualquer lugar. Agora, somos recebidos a bala”, diz Rodrigo Agostinho, presidente do Ibama. “Os delitos se sobrepõem. Vamos apreender ouro e achamos droga”, acrescenta.

O confisco de mercadorias de grande valor e banhos de sangue frequentes escancararam nos últimos meses a atuação das quadrilhas na Amazônia. Em junho de 2023,

SOFIA CERQUEIRA

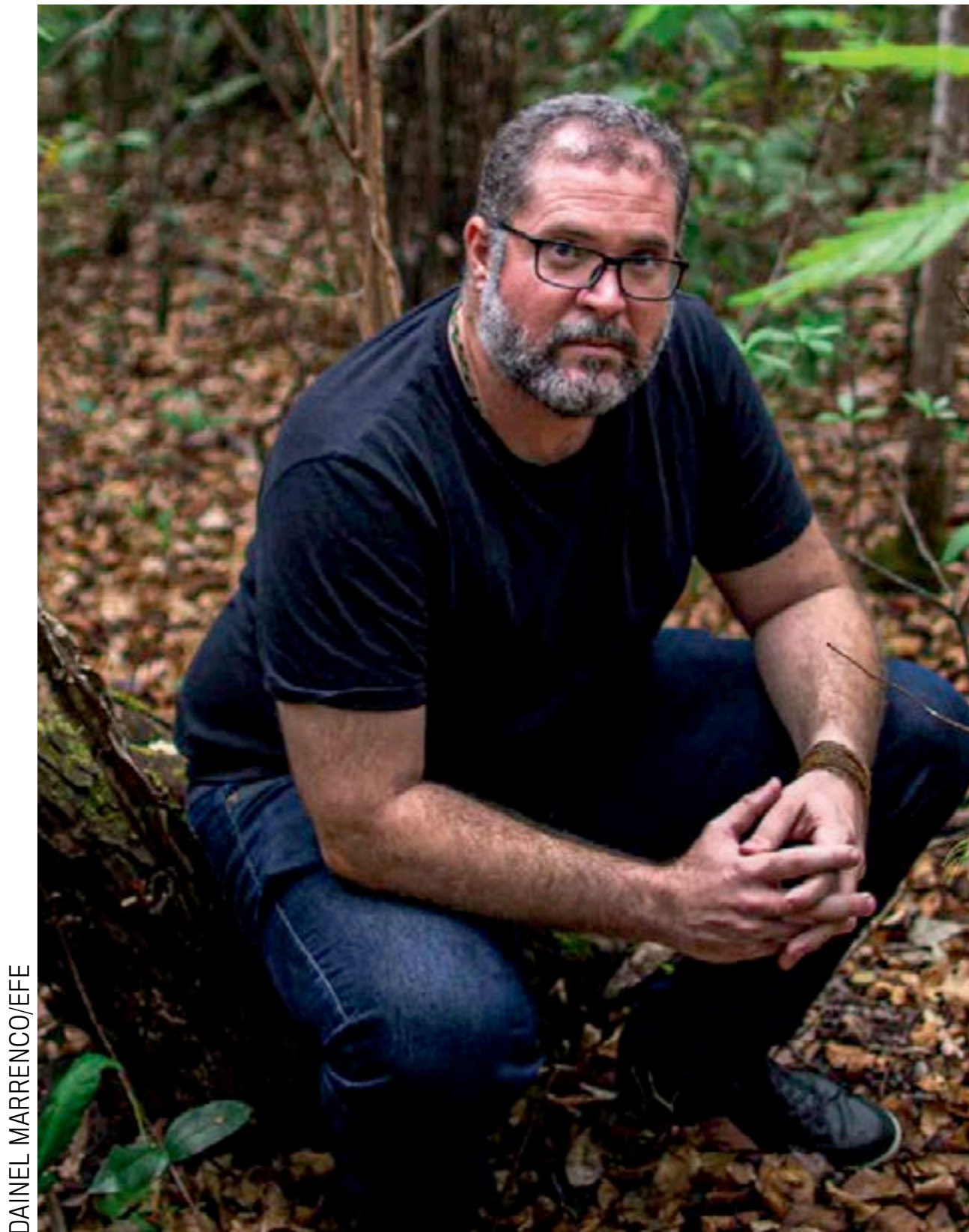
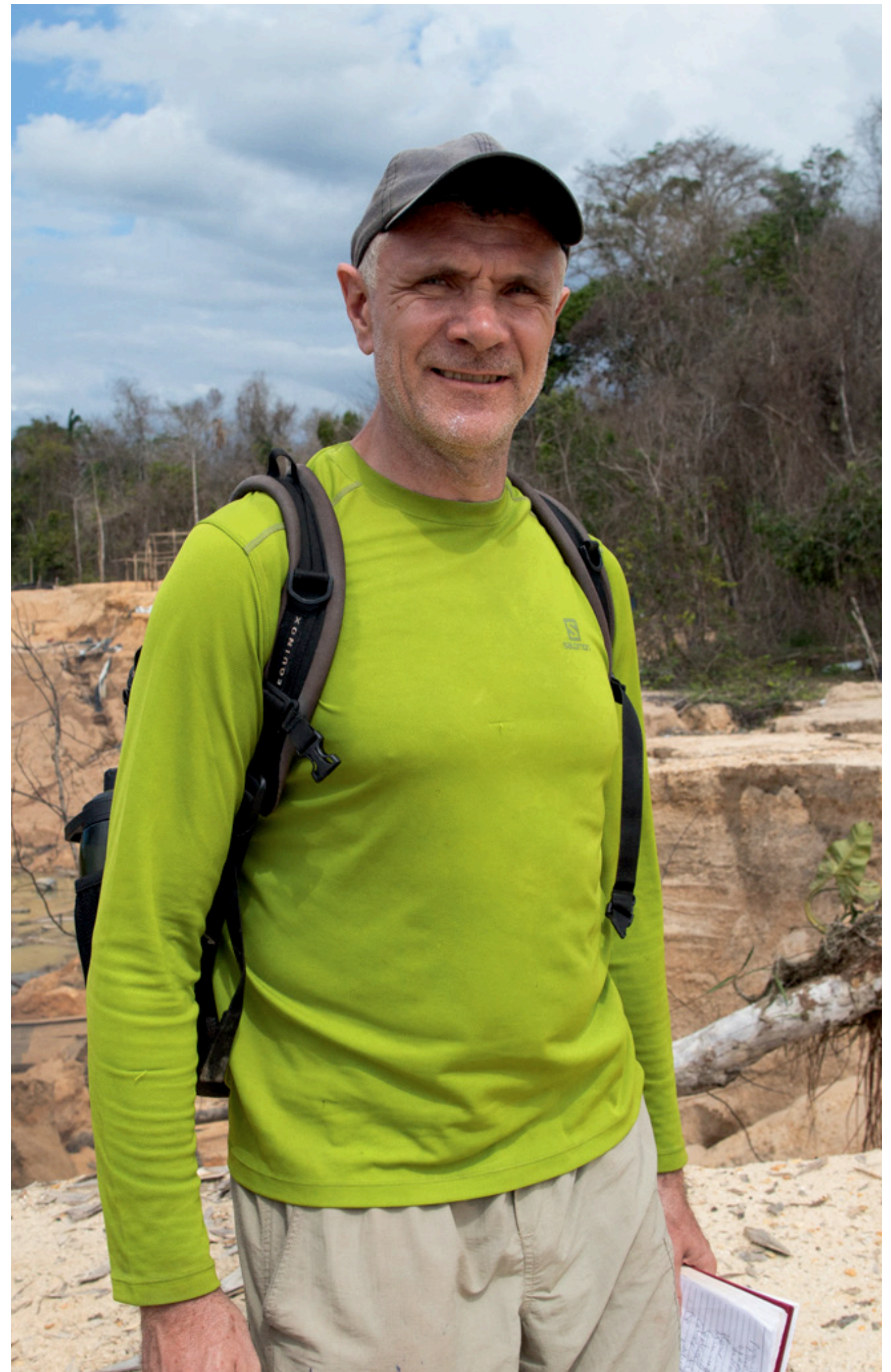
PAVOR Rosana: irmão executado na praça, à luz do dia, por engano

catorze pessoas foram mortas na Terra Indígena Yanomami, em Roraima — uma área dominada pelo PCC —, entre elas quatro bandidos que armavam uma emboscada para atacar uma aeronave da Polícia Rodoviária e do Ibama. Ainda no ano passado, a partir da maior apreensão de ouro da história do Amazonas — 47 quilos, avaliados em 14,9 milhões de reais —, a Polícia Federal chegou a inte-

RICARDO BELIEL/BRAZIL PHOTOS/GETTY IMAGES

MISÉRIA Favela sobre palafitas em Belém: áreas pobres na mira dos criminosos

grantes do CV enredados na extração ilícita de minérios no estado e no Pará.

Em paralelo ao entrelaçamento de delitos, o banditismo sofistica seus métodos. Policiais do Amapá e da PF apreenderam, em abril, 154 quilos de cocaína escondidos por mergulhadores no casco de um cargueiro que partiria de Santana rumo à Europa. Estima-se que os valores movimentados com o tráfico de drogas no país, por ano, correspondam a 4% do PIB. Já a madeira extraída ilegalmente, somada à da África Central e do Sudeste Asiático, gera 100 bilhões de dólares anuais. "É evidente que o crime usa empresas fantasmas para lavar dinheiro e se vale da conivência de autoridades", destaca

DAINEL MARRENCO/EFE

JOAO LAET/AFP

SELVAGERIA Bruno *(acima)* e Dom: assassinatos provocaram comoção

o superintendente da PF Alexandre Saraiva, exonerado de um posto na Amazônia por denunciar irregularidades na gestão do ex-ministro do Meio Ambiente Ricardo Salles.

Com 7 milhões de quilômetros quadrados, 60% no Brasil, a Amazônia vê o crime espalhar seus tentáculos. Tirando Manaus e Macapá, onde disputa território com o PCC, o CV controla sozinho e praticamente sem restrições boa parte das capitais da região — entre elas Belém, que receberá, em 2025, a Conferência das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas, a COP30. “As facções usam a lógica da máfia: onde há crime, temos que dominar”, explica o promotor Muller Marques Siqueira. Na capital paraense, mais da metade dos

1,5 milhão de habitantes vivem em favelas — a cidade é recordista nesse tipo de aglomeração. VEJA esteve em algumas e constatou que, ao contrário do Sudeste, quase não se veem vigilantes armados nas entradas, mas a movimentação de “estranhos” é monitorada passo a passo por motoboys. “A presença do CV começou a ser percebida aqui a partir de 2014, e hoje ele tem o monopólio do tráfico”, diz o sociólogo Roberto Magno, pesquisador do Laboratório da Geografia da Violência da Uepa.

O PCC, por sua vez, avança pelo sul do Pará e ambas as quadrilhas contribuem fartamente para a degradação da floresta — no ano passado, o relatório do Escritório das Nações Unidas sobre Drogas e Crime (UNODC) dedicou um capítulo inteiro à conexão da bandidagem com os prejuízos ambientais na Amazônia. Outro levantamento, do Greenpeace, mostrou que, só no primeiro semestre, 417 hectares de desmatamento — 584 campos de futebol — foram registrados nas terras Kayapó, Munduruku e Yanomami, todas sob influência de traficantes. No intuito de frear a criminalidade, serão criadas novas diretorias da PRF, as polícias ferroviária e hidroviária federais. A iniciativa se une ao plano AMAS do governo, de prevenção e fiscalização da região, com 2 bilhões de reais de investimento. “O combate ao avanço do crime organizado é nossa prioridade”, garante Humberto Barros, diretor da Amazônia e Meio Ambiente da PF. Um passo imprescindível — e urgente — para que a maior reserva ambiental do planeta não vire terra de ninguém. ■

WALMOR CARVALHO/FOTOARENA

ESTREIA Nunes: vice em 2020, tenta a chefia do Executivo pela primeira vez

JOGO EMBOLADO

Sete das dez maiores capitais do país iniciam a campanha com disputas mais acirradas do que nunca entre os favoritos a chegar ao segundo turno **VALMAR HUPSEL FILHO**

ANDRE RIBEIRO/THENEWS2/AGÊNCIA O GLOBO

APETITE Boulos: candidato aposta em Lula para deslanchar em pesquisas

OS MILHÕES de brasileiros que ficaram no último mês diante da TV ou da internet para acompanhar a Olimpíada de Paris têm agora uma nova disputa para se preocupar. Embora as articulações políticas e os movimentos partidários e de pré-candidatos venham ocorrendo desde o final do ano passado, é a partir desta sexta-feira, 16, que os postulantes aos cargos de prefeito e vereador poderão se apre-

sentar ao eleitor pedindo votos. É o início efetivo da campanha, que, por causa do volume intenso de energia empreendida em tempo exíguo (menos de cinquenta dias de propaganda política), é frequentemente comparada por especialistas a uma corrida de 100 metros. A fotografia da largada mostra que, em boa parte das pistas, os concorrentes precisarão mostrar força no início e fôlego durante o percurso. Segundo as mais recentes pesquisas, em sete das dez maiores cidades o páreo está embolado, sem uma sinalização clara de quem irá cruzar em boa posição a linha de chegada do primeiro turno, no dia 6 de outubro.

Um dos fatores que mais influenciam o quadro de indefinição do momento é a má avaliação do trabalho do atual gestor. São os casos de Fortaleza e Belém, onde os prefeitos José Sarto (PDT) e Edmilson Rodrigues (PSOL), respectivamente, têm o trabalho reprovado por boa parte da população. A gestão de Rodrigues é ruim ou péssima para 62% dos eleitores, enquanto a de Sarto tem a mesma avaliação por 40% dos moradores. Como no Brasil pós-reeleição, as disputas municipais quase sempre adquirem um caráter plebiscitário, no qual o eleitor escolhe basicamente se quer manter ou trocar o governo, eles enfrentam a real possibilidade de nem ir ao segundo turno. Nos dois casos, os votos se pulverizaram e há até quatro candidatos com chances de ir à votação final *(veja o quadro a seguir)*. Há ainda um caso peculiar: o do prefeito de Porto Alegre, Sebastião Melo (MDB), que enfrentou a pior enchente da história da

FOI DADA A LARGADA

A campanha eleitoral começa com cenários incertos na maioria das capitais

ONDE HÁ FAVORITOS

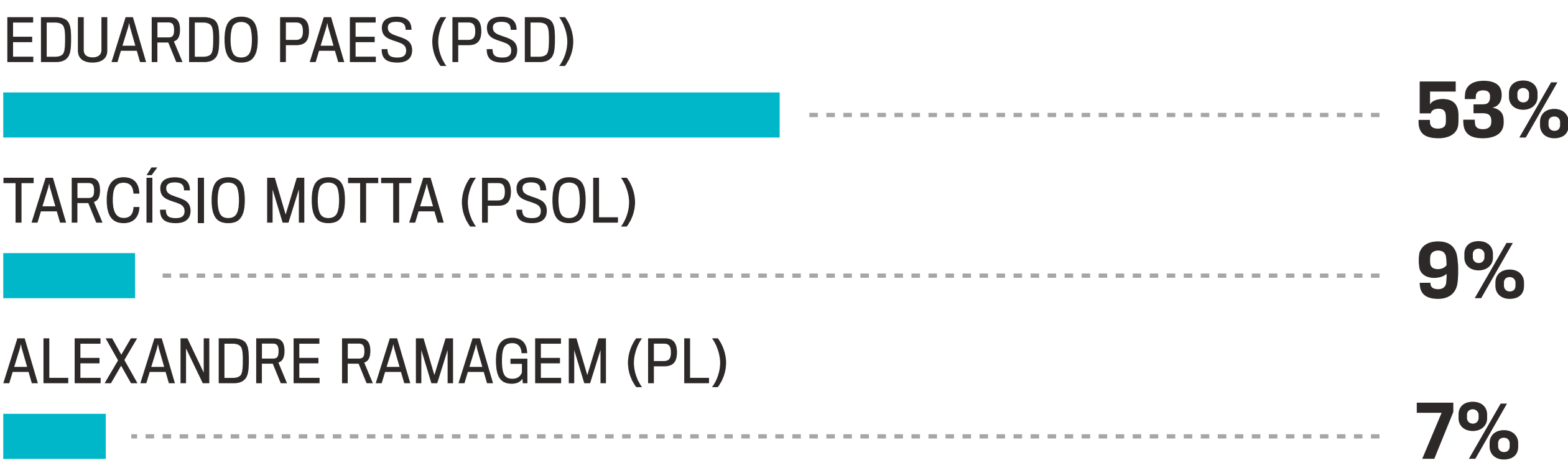
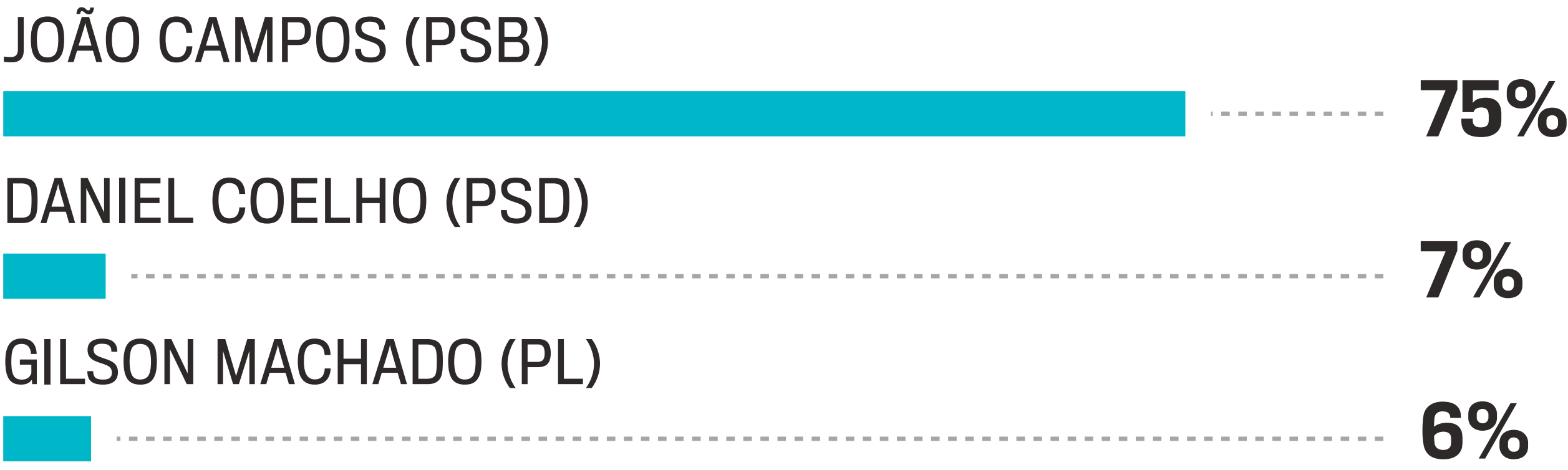
(candidatos com mais de 50% das intenções de votos)

RIO DE JANEIRO

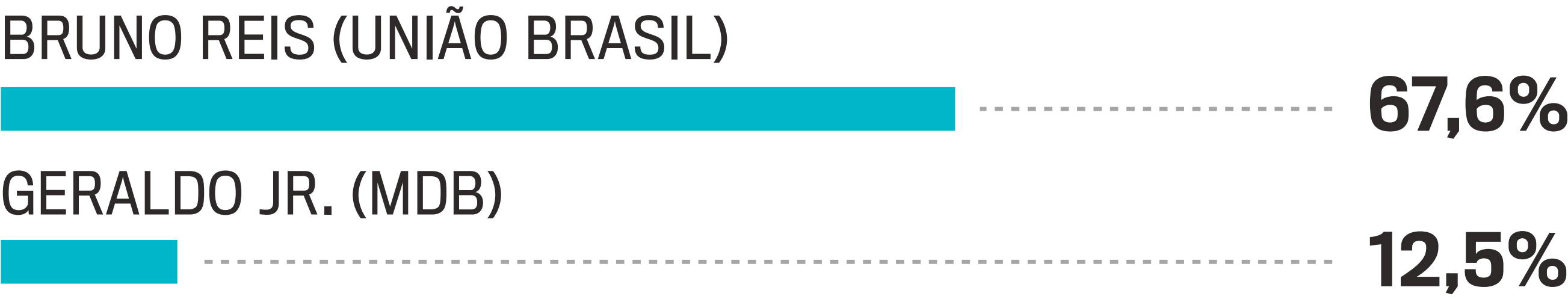
Candidato	%
EDUARDO PAES (PSD)	53%
TARCÍSIO MOTTA (PSOL)	9%
ALEXANDRE RAMAGEM (PL)	7%

(Datafolha – julho)

RECIFE

Candidato	%
JOÃO CAMPOS (PSB)	75%
DANIEL COELHO (PSD)	7%
GILSON MACHADO (PL)	6%

(Datafolha – julho)

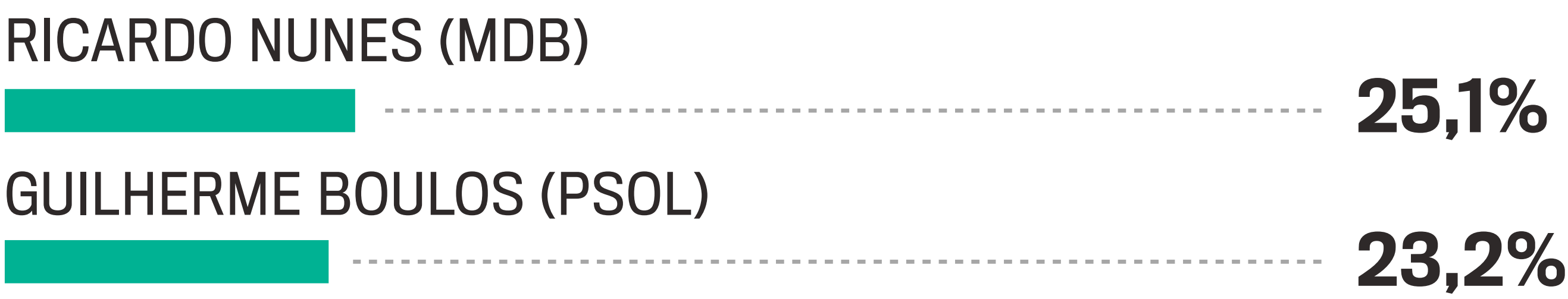
SALVADOR

Candidato	%
BRUNO REIS (UNIÃO BRASIL)	67,6%
GERALDO JR. (MDB)	12,5%

(Paraná Pesquisas – julho)

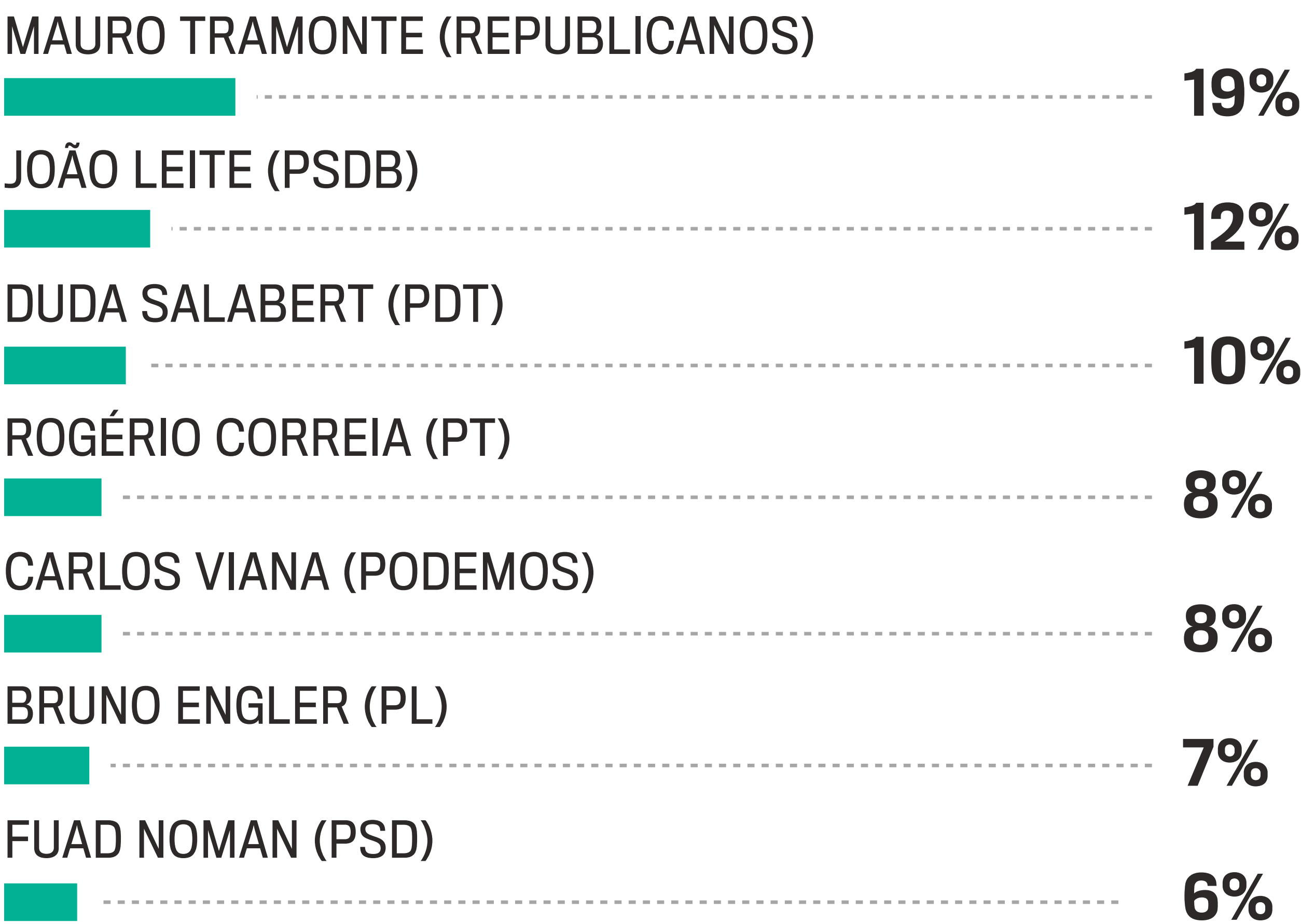
ONDE ESTÁ EMBOLADO

(nenhum candidato tem mais de 35% das intenções de votos)

SÃO PAULO

Candidato	%
RICARDO NUNES (MDB)	25,1%
GUILHERME BOULOS (PSOL)	23,2%

(Paraná Pesquisas – agosto)

BELO HORIZONTE

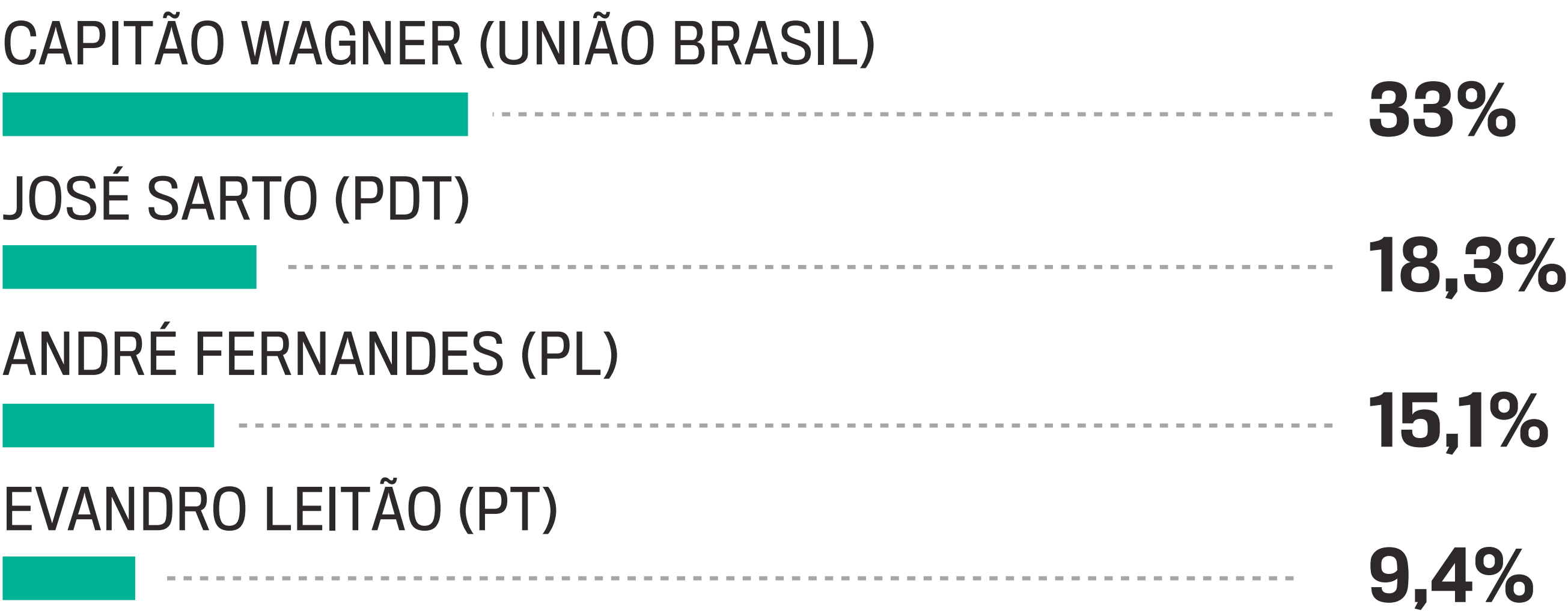
Candidato	%
MAURO TRAMONTE (REPUBLICANOS)	19%
JOÃO LEITE (PSDB)	12%
DUDA SALABERT (PDT)	10%
ROGÉRIO CORREIA (PT)	8%
CARLOS VIANA (PODEMOS)	8%
BRUNO ENGLER (PL)	7%
FUAD NOMAN (PSD)	6%

(Datafolha – julho)

FORTALEZA

CAPITÃO WAGNER (UNIÃO BRASIL) 33%

JOSÉ SARTO (PDT) 18,3%

ANDRÉ FERNANDES (PL) 15,1%

EVANDRO LEITÃO (PT) 9,4%

(Paraná Pesquisas – julho)

MANAUS

DAVID ALMEIDA (AVANTE) 30,9%

AMOM MANDEL (CIDADANIA) 24,5%

(Paraná Pesquisas – julho)

CURITIBA

EDUARDO PIMENTEL (PSD) 24,1%

LUCIANO DUCCI (PSB) 14,9%

NEY LEPREVOST (UNIÃO BRASIL) 13,6%

ROBERTO REQUIÃO (MOBILIZA) 12,4%

BETO RICHA (PSDB) 10,1%

(Paraná Pesquisas – julho)

PORTO ALEGRE

Candidato	%
MARIA DO ROSÁRIO (PT)	34,1%
SEBASTIÃO MELO (MDB)	30,7%

(AtlasIntel – agosto)

BELÉM

Candidato	%
ÉDER MAURO (PL)	30,7%
IGOR NORMANDO (MDB)	18,2%
EDMILSON RODRIGUES (PSOL)	13,8%

(Paraná Pesquisas – julho)

cidade e viu sua gestão ser alvo de um escrutínio muito crítico da população — segundo pesquisa AtlasIntel de agosto, 61% dos moradores desaprovam seu trabalho na tragédia. Com isso, ele está em pé de igualdade nas intenções de voto com Maria do Rosário, do PT do presidente Lula, que direcionou quase 100 bilhões de reais à recuperação gaúcha — parte desse dinheiro, é verdade, ainda não chegou ao destino.

Em dois dos maiores centros urbanos do país, o problema é outro, mas igualmente centrado no prefeito de plantão: o fato de eles não terem sido eleitos para o cargo em

2020, pois eram vices e assumiram no meio do mandato. Um caso é o de São Paulo, maior colégio eleitoral do país, onde Ricardo Nunes (MDB) herdou o posto com a morte de Bruno Covas, em maio de 2021. Outro é o da terceira maior capital, Belo Horizonte, onde Fuad Noman (PSD) sentou na cadeira depois que Alexandre Kalil a deixou para tentar o governo, em março de 2022. Pouco conhecidos antes de ascenderem aos postos, eles não têm o *recall* do eleitor porque irão disputar pela primeira vez uma campanha majoritária. Desde que assumiram as máquinas, ambos tentaram recuperar terreno investindo em obras para se tornar conhecidos e aumentar o capital político. Nunes, há mais tempo no cargo, avançou, mas 16% dos paulistanos, segundo Datafolha de agosto, ainda não o conhecem.

Noman está em situação ainda pior: de acordo com pesquisa Genial/Quaest de julho, 43% dos eleitores de Belo Horizonte não sabem quem ele é. Com isso, ele virou, numericamente, o sétimo colocado na disputa e viu o seu ex-aliado Kalil se juntar ao rival, o governador Romeu Zema, para apoiar Mauro Tramonte (Republicanos). Tramonte lidera, mas Noman, graças a um cenário estilhaçado na capital mineira, ainda consegue empatar tecnicamente com outros cinco nomes na disputa do segundo lugar. Já Nunes está ombreado há tempos com Guilherme Boulos (PSOL) na primeira posição, mas cada um tem pouco mais de 20% dos votos. Na metrópole paulista, há mais postulantes com dois dígitos — José Luiz Datena

DANIEL GALBER/ONZEX PRESS E IMAGENS/AGÊNCIA O GLOBO

SONHO Lula com Evandro Leitão em Fortaleza: PT quer vencer em capitais

(PSDB) e Pablo Marçal (PRTB) —, que alimentam esperanças de ir ao segundo turno.

Na maior cidade do país, uma das apostas, tanto de Nunes quanto de Boulos, é receber os votos dos simpatizantes de seus maiores cabos eleitorais: o ex-presidente Jair Bolsonaro e Lula. E os dois, que indicaram os vices nas chapas, parecem dispostos a tentar influenciar a sucessão em São Paulo. Lula participou da convenção que referendou o nome de Boulos no final de julho, enquanto Bolsonaro fez o mesmo no encontro que lançou Nunes no início de agosto. Cer-

tos de seu poder de influência, ambos têm intensificado as agendas. Nos últimos dias, o petista inaugurou obras em Porto Alegre, Curitiba e Florianópolis.

Bolsonaro também está na estrada. Na semana passada fez um giro em Pernambuco, incluindo carreata com o ex-ministro Gilson Machado, candidato a prefeito de Recife pelo PL. A capacidade de a política nacional interferir na eleição municipal, no entanto, é relativizada por especialistas. "Pode haver intensa mobilização, mas na reta final da disputa, nos últimos vinte dias, o eleitor vai querer saber é quem vai resolver os problemas de sua cidade", avalia Murilo Hidalgo, diretor do instituto Paraná Pesquisas.

Esse cenário de incerteza alimenta esperanças de PT e PL, que não conquistaram nenhuma prefeitura de capital em 2020. Agora, apostam na movimentação de seus principais cabos eleitorais para tentar vencer em algumas das cidades onde o cenário está embaralhado. O PL tem candidaturas competitivas em Belo Horizonte (Bruno Engler), Fortaleza (André Fernandes) e Belém (Éder Mauro). Já o PT coloca na sua lista de sonhos Fortaleza (Evandro Leitão), Belo Horizonte (Rogério Correia) e Porto Alegre (Maria do Rosário). O partido ainda caminha com aliados fortes em São Paulo (Boulos) e Curitiba (o ex-prefeito Luciano Ducci, do PSB).

Para além dos cabos eleitorais de peso, PT e PL têm um outro trunfo: são as legendas que terão o maior tempo na TV e no rádio no horário eleitoral, que começa no dia 26.

FACEBOOK @GILSONMNETO

GIRO Bolsonaro e Gilson Machado em Recife: incursão ao reduto do rival

Projeção feita por VEJA com base nos dados do TSE aponta que o PL e a federação PT-PCdoB-PV terão quinze dos 42 minutos diários destinados aos candidatos a prefeito só na televisão. Há ainda o fato de deterem as maiores fatias dos fundos eleitoral e partidário (pouco mais de 1 bilhão de reais para a sigla de Bolsonaro e quase 800 milhões de reais para a de Lula).

Mesmo com a ascensão das mídias sociais, o poder do rádio e da TV ainda não pode ser ignorado. Para o cientista político Rodrigo Prando, professor da Universidade Ma-

ckenzie, o horário eleitoral tem grande importância principalmente na consolidação e unificação do discurso dos candidatos de uma mesma coligação. Mas a ferramenta, segundo ele, vem perdendo alguma relevância na mesma velocidade em que rádio e TV perdem espaço na vida cotidiana para o celular, o computador e o streaming. "O brasileiro é um dos povos que mais passam tempo navegando em redes sociais. Isso exige das campanhas formas diferentes de interação", afirma.

O quadro embolado na largada da corrida eleitoral da maioria das capitais não se repete em três das principais metrópoles do país. Isso mostra o quanto a população tende ao pragmatismo na hora de escolher seus prefeitos. Quando os gestores gozam de boa avaliação, a contenda tende a ficar desequilibrada. No Rio de Janeiro, Salvador e Recife, as altas taxas de aprovação dos gestores se refletem nas urnas: Eduardo Paes (PSD), Bruno Reis (União Brasil) e João Campos (PSB), respectivamente, lideram com percentuais superiores a 50%, o que indica a possibilidade de liquidar a disputa no primeiro turno *(veja o quadro "Foi dada a largada")*. Além de terem o *recall* do eleitor, por terem sido eleitos em 2020, na prática estão em campanha desde que assumiram, pois passaram quatro anos divulgando suas ações — se há o que mostrar, como parece ser o caso, o impacto eleitoral é certo. "A máquina conta muito. Não reelege automaticamente, mas dá condições especiais de largada a quem tenta a reeleição", diz o cientista político Carlos Melo, professor do Insper.

FACEBOOK @MAUROTRAMONTEOFICIAL

FRENTE Tramonte, com Zema e Kalil: candidato levou rivais a seu palanque

A batalha eleitoral que se avizinha nesse cenário equilibrado pode ser mais intensa que a de 2020, quando o espectro da pandemia rondava o país e influenciou as atividades eleitorais. A própria votação foi adiada em mais de um mês (de 4 de outubro para 15 de novembro), assim como o início da propaganda, que só começou em 27 de setembro. Vários estados proibiram aglomerações, o que inviabilizou comícios. O tema da saúde, por óbvio, monopolizou a discussão. Agora, há mais cartas à mesa e mais armas à mão. O que se espera é uma campanha limpa, propositiva, centrada nos problemas da sociedade, e não a espetacularização e o rebaixamento do debate, como infelizmente tem se visto na pré-campanha. O eleitor, ao que parece, ainda espera ser conquistado em boa parte das grandes metrópoles. ■

Colaborou Bruno Caniato

MUY, MUY AMIGOS

O desgaste que Lula e o PT geram para a imagem do Brasil por causa da proximidade do presidente com ditadores e ditaduras latino-americanas **LARYSSA BORGES**

MATEUS BONOMI/ANADOLU AGENCY/GETTY IMAGES

TOLERÂNCIA Lula com Maduro: relativização do conceito de democracia

DESDE A CAMPANHA presidencial de 2022, Lula elegeu a participação do Brasil no cenário internacional, ao lado do combate à fome e da pacificação do país, como um dos pilares de seu terceiro mandato. Em contraponto ao ex-presidente Jair Bolsonaro, que comprou brigas com parceiros comerciais e não se constrangeu em ter transformado o Brasil em um "pária internacional", o petista viajou o mundo no primeiro ano de governo, se colocou como mediador de conflitos distantes da realidade brasileira e semeou entre aliados a campanha de que, com a iniciativa, um dia poderia ser laureado com o Prêmio Nobel da Paz. Seria, na avaliação de auxiliares, uma versão brasileira de Nelson Mandela. Definitivamente, a estratégia não deu certo. Além de não se encaixar no figurino de preso político como o líder sul-africano, ele foi malsucedido em suas duas principais incursões — a guerra da Ucrânia e o confronto entre Israel e o Hamas —, ao assumir posições equivocadas, seguidas por derrapadas retóricas que serviram apenas para desgastar a imagem do Brasil perante algumas das mais importantes lideranças mundiais. A condescendência com a fraude eleitoral na Venezuela, processo ainda em andamento, empurrou as pretensões do mandatário mais alguns degraus abaixo.

Lula foi eleito pela terceira vez com o empuxo da defesa da democracia em contraposição à ameaça autoritária representada pelo seu oponente. Na Venezuela, milhares de pessoas estão presas, milícias governistas intimidam os cidadãos, a imprensa é censurada e são corriqueiras as denún-

MIGUEL ALVAREZ/AFP

DOR DE CABEÇA Lula com Ortega: proximidade antiga e constrangimento

cias de tortura e morte de adversários políticos. Seria natural, portanto, que no papel de líder regional o presidente no mínimo condenasse as atrocidades cometidas no país vizinho. Longe disso. No ano passado, Nicolás Maduro, o líder venezuelano que está no poder há onze anos e acaba de renová-lo por mais seis, esteve no Brasil para uma reunião de chefes de Estado dos países da América do Sul. Recebido com uma deferência singular, o ditador foi aplaudido, subiu a rampa do Palácio do Planalto e se reuniu a sós com o presidente. Depois, questionado sobre o que parecia um impróprio aceno a um autocrata desprezado pelas principais lideranças políticas do planeta, Lula ainda afirmou que a Vene-

zuela tem “mais eleições que o Brasil” e que o conceito de democracia seria “relativo”, deixando mais do que evidente sua opinião sobre o “companheiro Maduro”.

Esse relativismo tem gerado enormes embaraços. Lula foi um dos poucos líderes do continente a não emitir uma única palavra condenando o regime venezuelano. Foi um dos poucos a não se manifestar sobre as fraudes eleitorais, apesar das evidências desconcertantes. E ainda ouviu em silêncio o ditador levantar suspeitas sobre a idoneidade do sistema eleitoral brasileiro. Os auxiliares do presidente justificam essa omissão num suposto pragmatismo político. Ao não tomar partido, Lula estaria se habilitando a mediar a crise. “Não é fácil e bom que um presidente da República de um país dê palpite sobre o presidente e a política de outro país”, disse Lula na quinta-feira 15. O problema é que esse distanciamento não é interpretado apenas como um movimento tático. O venezuelano foi declarado presidente por um conselho controlado por ele próprio, mas os documentos que comprovariam o resultado não foram divulgados. Organismos internacionais confiáveis apontaram a vitória de Edmundo González, o candidato oposicionista. No rastro desse embate, mais de 1 000 venezuelanos foram presos e 23 morreram em protestos contra o governo. Na contramão das grandes democracias, o Brasil fecha os olhos para tudo isso.

No dia da eleição, o assessor especial para Assuntos Internacionais, Celso Amorim, estava em Caracas na condição de observador. De volta, ele disse ao presidente da Re-

ANDRE BORGES/EFE

DELÍRIO Amorim: proposta inusitada fragiliza posição do Brasil como mediador

pública que ouviu de Maduro a promessa de que as atas eleitorais que demonstrariam sua vitória nas urnas seriam divulgadas, o que ainda não aconteceu. O ex-chanceler também disse não confiar nos registros de votação que apontaram vitória do oposicionista Edmundo González. Amorim, portanto, não acredita em fraude — aliás, nem ele nem o PT. Horas depois do anúncio de que Maduro havia vencido, a presidente do partido, Gleisi Hoffmann, divulgou nota em que reconheceu a reeleição do ditador e ainda destacou a "jornada pacífica, democrática e soberana" no país. Lula chegou a sugerir que a saída para o impasse político passasse pela convocação de novas eleições, uma espécie de segundo turno, algo como um tira-teima. Estrambólica, nin-

guém levou a ideia muito a sério. “Hoje qualquer tentativa de associar o governo brasileiro à defesa de normas democráticas e aos direitos humanos será essencialmente fútil em nível internacional”, avalia Eduardo Mello, professor de relações institucionais da FGV.

O fato é que Lula sempre transigiu com certos ditadores e certas ditaduras. Até poucos dias atrás, ele também não endossava críticas à Nicarágua, onde o conceito de democracia, com todo o relativismo, não tem nenhum sentido. O petista já chegou a comparar o presidente Daniel Ortega, que está no poder há dezessete anos, à ex-chanceler alemã Angela Merkel. A única semelhança entre os dois líderes é o primeiro nome de ambos ter seis letras. Ortega é um déspota caricato *(leia a coluna de Vilma Gryzinski)* que também submeteu Lula recentemente a um belo constrangimento ao expulsar o embaixador do Brasil em Manágua pelo simples fato de ele ter faltado à festa de aniversário da Revolução Sandinista. Depois disso, seguindo o protocolo, o Itamaraty expulsou a representante da Nicarágua em Brasília. Do ponto de vista prático, essa troca de “gentilezas” tem pouca ou quase nenhuma relevância. Do ponto de vista político, representou mais um desgaste patrocinado por outro velho amigo do presidente. “O Brasil está perdendo a capacidade de influir nos rumos econômicos, políticos e financeiros da América Latina”, adverte o embaixador Rubens Barbosa. Lula e Ortega se conhecem há mais de quarenta anos, proximidade que já ajudou a alimentou teorias amalucadas durante os governos militares.

CRISTINA ZAPPA/AFP

CONFIDENCIAL

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
CENTRO DE INFORMAÇÕES

INFORME Nº 1017/01/I/84-CI/DPF

DATA : 12 JUL 84
ASSUNTO : VIAGEM DE LUÍS INÁCIO LULA DA SILVA A CUBA

1. A convite dos Governos da NICARÁGUA e de CUBA, seguiram viagem dia 11 JUL 84, de SÃO PAULO/SP com destino àqueles Países: LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA, DJALMA DE SOUZA BOM, LUIZ EDUARDO GRENNHALG e JOSÉ DIRCEU DE OLIVEIRA devendo os mesmos estar de volta ao BRASIL em

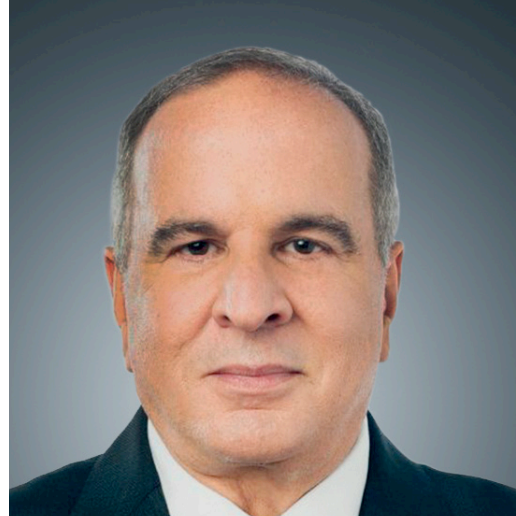
2. Segundo LULA, durante esta viagem deverá aprender novos métodos políticos para aplicá-los no BRASIL, principalmente democracia e eleições livres e diretas como as praticadas na NICARÁGUA e CUBA.

MALDADE Lula com Fidel Castro: segundo documento da ditadura brasileira, petistas foram a Cuba aprender como realizar "eleições livres e diretas"

Ditaduras são pródigas em inventar histórias para comprometer os adversários. O presidente já sofreu isso na própria pele. Na década de 80, ainda em pleno regime militar, Lula, então presidente do PT, era vigiado pelos órgãos de segurança. Num documento de julho de 1984, o Serviço Nacional de Informações (SNI) pediu à Polícia Federal que des-

JOÃO CARLOS MAZELLA/FOTOARENA

FICÇÃO Gleisi sobre a Venezuela: "Jornada pacífica, democrática e soberana"

cobrisse a finalidade de uma viagem que ele e alguns companheiros do partido fariam a Cuba e à Nicarágua. No relatório, os agentes registraram que o grupo seria recebido por Fidel Castro e Daniel Ortega e tinha como propósito aprender a realizar eleições livres e diretas. O "livres e diretas", provavelmente, era uma ironia, uma insinuação de que Lula e o PT tinham duas proeminentes ditaduras como fonte de inspiração. Os espiões sugerem até que a informação sobre o objetivo da viagem teria sido repassada pelo próprio petista. É uma óbvia maldade, mas é assim que as ditaduras operam, independentemente se de direita ou de esquerda. ■

MURILLO DE ARAGÃO

TROPEÇOS DIPLOMÁTICOS

O pragmatismo não pode perder de vista princípios fundamentais

HÁ TEMPOS a diplomacia brasileira não vive bons momentos. Dentro do Itamaraty, persiste um clima de cizânia que vem desde o início do século. Nos tempos de Bolsonaro, padecemos com a gestão confusa de Ernesto Araújo, que, em seus delírios, propôs uma aliança cristã com os Estados Unidos e a Rússia. Criticou, ainda, o globalismo e afirmou que “fascismo e nazismo são fenômenos de esquerda”.

No ano passado, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva realizou uma série de viagens internacionais, visitando 24 países em todos os continentes, exceto a Oceania. Enquanto conseguiu reposicionar a diplomacia brasileira no cenário global após o turbulento período bolsonarista, também acumulou declarações controversas e discursos ambíguos, que geraram desgastes tanto nas relações internacionais quanto no plano doméstico.

Mais recentemente, tivemos erros e acertos que caracterizam tempos de tropeços e sinais confusos. O Brasil tem sido leniente com o Hamas, que é um grupo terrorista, em sua cruzada contra Israel, assim como foi com a Venezuela em sua

marcha rumo a uma ditadura populista. Ao mesmo tempo, adotou medidas pragmáticas e coerentes com nossa tradição ao criticar a perseguição aos bispos católicos na Nicarágua, governo sandinista que guarda algumas semelhanças ideológicas com o petismo.

No entanto, tanto no bolsonarismo quanto no lulismo vimos as políticas ideológicas contaminando as políticas de Estado. Quando as políticas de governo interferem nas políticas de Estado, diversos efeitos negativos podem comprometer a estabilidade, a eficiência e a continuidade das ações de um país. A situação é ainda agravada pelo fato inédito de que a Associação e Sindicato dos Diplomatas Brasileiros (ADB) aprovou, pela primeira vez na história da entidade, um indicativo de greve, devido a questões salariais e de carreira. Seria vergonhoso para o país termos uma greve de diplomatas às vésperas da Cúpula do G20.

“Tanto no bolsonarismo quanto no lulismo vimos as políticas ideológicas contaminando as políticas de Estado”

Como abordei em minha coluna passada, os sinais dos tempos não são bons. O mundo está sendo desafiado pela profusão de conflitos e potenciais confrontos que se anunciam. Nossa diplomacia ajudou o Brasil a navegar por três guerras de dimensões imensas no século passado: as duas guerras mundiais e a Guerra Fria, entre Estados Unidos e União Soviética.

O pragmatismo sempre esteve no cerne da diplomacia brasileira, pautando-se por uma postura equilibrada e focada na obtenção de resultados que atendam aos interesses nacionais. Essa abordagem, ao longo da história, permitiu ao Brasil manter relações diplomáticas construtivas com países de diferentes orientações ideológicas e econômicas, priorizando o diálogo, a cooperação mútua e o respeito à soberania dos Estados.

É nesse pragmatismo que devemos ancorar nossas agendas internacionais, buscando consolidar o Brasil como um ator relevante no cenário global. O pragmatismo diplomático, no entanto, exige também a capacidade de adaptação às dinâmicas globais em constante transformação, sem jamais perder de vista os princípios fundamentais que regem nossa política externa: a defesa da paz, o respeito à soberania dos povos e a promoção dos direitos humanos. ■

O VESPEIRO DAS EMENDAS

Intervenção do Supremo Tribunal Federal em regras de distribuição de verbas do Orçamento acirra os ânimos entre o governo, o Congresso e o Judiciário

DANIEL PEREIRA

SUSPEITA Congresso: parlamentares veem digitais do governo na decisão

MARCOS OLIVEIRA/AGÊNCIA SENADO

A RELAÇÃO entre Lula e a cúpula do Congresso é baseada em pragmatismo e desconfiança. Com a esquerda minoritária nas duas Casas, o presidente se viu obrigado a negociar, fazer concessões e desistir de promessas de campanha, como deter o avanço dos parlamentares sobre o Orçamento da União. Já o grosso de deputados e senadores, depois de acumular poder na gestão de Jair Bolsonaro, aceitou estabelecer um mínimo de parceria com a gestão petista, menos por afinidade de ideias, e mais por gostar de viver nos braços do governo, qualquer governo, de esquerda, direita ou centro, tanto faz. Essa simbiose permitiu a aprovação de projetos importantes da pauta econômica, como o novo marco fiscal e a reforma tributária, e resultou no desembolso bilionário de emendas parlamentares, a moeda corrente que sustenta até aqui um ambiente de relativa harmonia entre Executivo e Legislativo. Mais do que cargos e outras benesses oficiais, as emendas são a chave da governabilidade no terceiro mandato de Lula — e, no outro lado da moeda, também representam o maior risco à articulação política de sua administração.

A lógica é simples. Deputados e senadores topam aprovar projetos de interesse do Palácio do Planalto e engavetar medidas capazes de constrangê-lo se as emendas parlamentares são pagas. Os líderes do Congresso seguem a mesma linha porque só mantêm influência sobre os liderados quando as verbas são desembolsadas. No Orçamento deste ano, as emendas de todos os tipos tota-

CANETADA Flávio Dino: o ministro suspendeu os repasses por falta de transparência

lizam 50 bilhões de reais. Ciente de como a banda toca, o governo liberou cerca de 30 bilhões de reais até o início de julho, considerando restos a pagar de anos anteriores. Numa única semana, destravou 9 bilhões de reais. A parceria entre as partes parecia pacificada e revigorada até a desconfiança voltar, nos últimos dias, à mesa de negociação. A história tem três atos. Na última campanha eleitoral, Lula chamou o orçamento secreto — viabilizado por meio da emenda de relator, que chegou à casa de 20 bilhões de reais em apenas um ano — de "bandidagem" e "excrescência política", e prometeu moralizar a questão. No exercício do mandato, sem força política, ele pouco fez nessa seara. O Supremo Tribunal Federal (STF), en-

TON MOLINA/FOTOARENA

tão, entrou em campo com decisões que desagradaram aos congressistas e que, segundo eles, foram feitas sob encomenda do presidente da República.

Divulgadas no início do mês, as duas decisões iniciais suspenderam o desembolso de restos a pagar do extinto orçamento secreto, de emendas de comissão e das chamadas emendas Pix, porque elas contêm um vício comum: a falta de transparência. No caso do notório orçamento secreto, não era divulgado qual parlamentar indicava determinado recurso. Tudo ficava na conta do relator do Orçamento, que apenas formalizava acordos políticos firmados longe da luz do sol. No caso das emendas Pix, prefeituras e estados contemplados têm o direito de gastar o dinheiro como bem entenderem. Na prática, a população fica sem saber o destino final da verba, o que torna praticamente impossível qualquer tipo de fiscalização. A iniciativa do Supremo tem o objetivo de permitir que a sociedade acompanhe todo o percurso do dinheiro — o parlamentar responsável pela indicação, a área contemplada, o prestador de serviço contratado etc. Acostumados com regras frouxas, congressistas não gostaram das novas exigências e prometeram retaliar o governo e o Supremo caso não haja um acordo que destrave o pagamento das emendas suspensas.

Alertas nesse sentido já foram dados. Presidente da Comissão Mista de Orçamento, o deputado Julio Arcoverde (PP-PI) adiou a leitura do relatório preliminar da Lei de Diretrizes Orçamentárias (LDO) de 2025, um projeto

JEFFERSON RUDY/AGÊNCIA SENADO

A REAÇÃO Rodrigo Pacheco: negociação para resolver impasse e revide imediato

importante para o governo, até que a questão das emendas seja resolvida. Já o presidente da Comissão de Finanças e Tributação da Câmara, Mário Negromonte Jr. (PP-BA), foi mais enfático: "É algo lamentável ver essa decisão do STF, fazendo essa interferência, mas certamente o Parlamento dará uma resposta à altura". Desde o início do terceiro mandato, Lula adotou como estratégia recorrer ao Supremo para reverter derrotas sofridas no Congresso, como ocorreu no caso da desoneração da folha de pagamento. Essa tabelinha irrita os parlamentares, que também se queixam do "ativismo judicial" e do que consideram abuso de poder por parte de magistrados — entre eles, Alexandre Moraes *(veja a reportagem A pedra e a vidraça).* Não

à toa, proliferam projetos para restringir a atuação do STF, os quais ou estão parados ou avançam a passos lentos, mas servem como instrumento de pressão.

A contrariedade com a parceria entre governo e Supremo ganhou fôlego no caso das emendas porque as decisões sobre o tema foram proferidas pelo ministro do STF Flávio Dino, ex-titular da Justiça no atual mandato de Lula. “O governo está indo para o enfrentamento com o Congresso com a ajuda do STF, para não cumprir acordos costurados pelo próprio governo”, disse a VEJA um líder de partido, que pediu para não ser identificado. O presidente da Câmara, Arthur Lira (PP-AL), já até declarou publicamente que as emendas Pix deveriam ser aperfeiçoadas. Uma das propostas é que esse recurso só seja liberado quando houver a previsão de sua aplicação para uma ação específica. Diante das reclamações dos colegas, Lira procurou o ministro-chefe da Casa Civil, Rui Costa, para tratar do assunto. Nos bastidores, busca-se um acordo que contemple Judiciário e Legislativo — e que seja intermediado com a ajuda de integrantes do Executivo, o que não ocorreu até o fechamento desta edição. “Não tem qualquer digital do governo naquilo que é uma decisão da Suprema Corte”, disse o ministro de Relações Institucionais, Alexandre Padilha. “Isso não vai atrapalhar a votação de projetos prioritários para o país.”

Nos últimos anos, os parlamentares ganharam poder na questão orçamentária. As emendas, que até o segundo mandato de Lula eram liberadas apenas quando o presi-

BATEU, LEVOU Arthur Lira: sem acordo, tramitação de projetos foi suspensa

dente queria, tornaram-se pagamento obrigatório — no caso das individuais e de bancada — e cresceram de valor ano a ano, até chegar aos 50 bilhões de reais atuais. Deputados e senadores asseguraram, assim, uma fonte permanente de custeio para seus redutos eleitorais. Quando perguntados sobre a conquista de poder, eles costumam dizer que ninguém conhece tão bem a realidade dos municípios como eles, que, por isso mesmo, são quadros qualificados para decidir a destinação de recursos públicos. Já o governo pondera que os congressistas, muitas vezes, direcionam verbas para iniciativas que não são prioritárias e não atacam problemas crônicos do país. Movem-se apenas pelo desejo de beneficiar aliados políticos. Essa posição do

EDILSON RODRIGUES/AGÊNCIA SENADO

governo encontrou guarida numa terceira decisão de Flávio Dino, tornada pública na última quarta-feira, 14. Nela, o ministro também suspendeu as emendas individuais e de bancada até que o Congresso edite regras que garantam não só a "transparência" como a "eficiência" dos recursos liberados. A menção à eficiência faz toda a diferença na disputa em jogo.

Provocado pelo PSOL, partido da base de Lula, o ministro declarou que os parlamentares não têm liberdade irrestrita para escolher onde aplicar as emendas individuais e de bancada, como ocorre hoje. E que elas só devem ser liberadas se atendidos requisitos técnicos, cuja verificação cabe ao Poder Executivo. O novo entendimento não deixa dúvida sobre quem ganha e quem perde. É aí que reside o problema. Antes da terceira decisão, o presidente do Senado, Rodrigo Pacheco (PSD-MG), conhecido pela moderação, pregava cautela. "Estamos estudando a apresentação de algum modelo que possa garantir a participação parlamentar juntamente ao Executivo para definição orçamentária do Brasil, mas sempre primando pela qualidade do gasto público", declarou o senador. Após Dino cutucar de vez o vespeiro, a cautela foi deixada de lado. Em revide à suspensão das emendas impositivas, a Comissão Mista de Orçamento rejeitou, em votação que ainda precisa ser ratificada em sessão do Congresso, uma medida provisória que abria crédito extraordinário de 1,3 bilhão de reais ao Poder Judiciário. O enxame está solto. ■

RICARDO RANGEL

AH, ESSE AMOR PELA DEMOCRACIA

A defesa circunstancial de um princípio civilizatório

CELSO AMORIM, assessor para assuntos internacionais do Planalto, soprou a Lula a ideia de realizar novas eleições — com a mediação de órgãos internacionais e a participação de observadores externos — na Venezuela. Acha que isso pode ajudar a resolver a crise no país.

É para rir.

A eleição de há quase três semanas teve a mediação de órgãos internacionais e a participação de observadores externos — que, depois de fugirem do país, gritaram "fraude" em alto e bom som. Amorim quer fazer de novo a mesma coisa esperando resultado diferente?

O Brasil, evidentemente, não deve romper relações com a Venezuela: somos um dos poucos países em condições de negociar uma saída pacífica para a crise e trata-se de um país vizinho do qual provém um enorme fluxo de refugiados. Mas o Brasil tampouco pode dar a impressão de que aceitará manter Maduro no poder na base do tapetão — e é exatamente isso o que está fazendo.

O relacionamento de Lula com o chavismo tem mais de

vinte anos, inclui remessa de dinheiro do petrolão, juras de amor eterno e relativização da democracia. O PT reconheceu a vitória de Maduro, Lula deu entrevista dizendo nada ver de anormal na Venezuela e deu de barato a vitória do fraudador. O Brasil exige o aparecimento dos boletins de urna — mas não estipula prazo e não pressiona, na prática dando a Maduro tempo para falsificá-los.

Ao aceitar a sugestão de Amorim, Lula estará dizendo à comunidade internacional: "Como o Maduro não teve competência para fraudar a eleição de forma convincente, que tal darmos a ele mais uma chance? Quem sabe dessa vez ele faz o serviço direito e consegue convencer vocês?". Será mais uma etapa na trajetória de desmoralização que inclui a defesa da invasão da Ucrânia, a solidariedade com o Hamas e a já conhecida leniência com ditaduras latino-americanas.

"O relacionamento de Lula com o chavismo tem mais de vinte anos e inclui remessa de dinheiro do petrolão"

O amor da esquerda brasileira pela democracia é intransigente quando existe o risco de Bolsonaro derrotar Lula e entorpecido quando o ditador é antiamericano. Na direita, esse mesmo amor é intransigente quando a ditadura é de esquerda, como na Venezuela, ou entorpecido quando o ditador é alguém como Jair Bolsonaro. Poder-se-ia dizer que "democracia é bom quando é bom para nós" (e não é bom para ninguém diante do amor por Vladimir Putin, de direita e antiamericano).

O amor do brasileiro pela democracia não flutua somente nos polos, por sinal. Nesta semana morreu Antônio Delfim Netto, principal nome civil da ditadura, signatário do AI-5 (que queria mais duro e do qual nunca se arrependeu), responsável por uma política econômica que concentrou renda e arrasou o país, apelidado de "Monsieur Dix pour Cent" e citado em inúmeros escândalos de corrupção da época.

Um marciano que leia os jornais sairá com a impressão de que Delfim, um homem "complexo" que cometeu alguns erros, foi um economista genial e um grande brasileiro, de espírito democrático. É isso que disseram inúmeros (supostos) democratas e economistas liberais. E vêm dizendo isso há décadas.

No Brasil, o amor pela democracia é mesmo "complexo". ■

DIVULGAÇÃO

DESAFIO Bancada: senadoras pretendem lançar uma mulher como candidata

DISSIDÊNCIA FEMININA

A eleição para a presidência do Senado, que se encaminhava para não ter disputa, pode ganhar um novo ingrediente **MARCELA MATTOS**

O SENADOR Davi Alcolumbre (União Brasil-AP) deixou a presidência do Senado em 2021 após ver fracassar uma manobra que esticaria a sua permanência no posto por mais dois anos. Contrariado, o parlamentar voltou à planície e lançou mão de um plano para manter-se influente mesmo

FERNANDO FRAZÃO/AGÊNCIA BRASIL

PIONEIRA Simone Tebet: a primeira a tentar romper a hegemonia masculina

fora do centro da tribuna. Elegeu como sucessor Rodrigo Pacheco (PSD-MG), até então um parlamentar de pouco prestígio, assumiu o controle das principais negociações políticas, ditando desde o andamento de projetos importantes à distribuição de cargos e verbas, e garantiu um bom trânsito entre petistas e bolsonaristas. Ainda chamado de presidente por alguns de seus colegas, Alcolumbre é tido como um nome certo a voltar a comandar o Senado em 2025 — tanto que hoje as articulações já miram mais além e vislumbram até a reeleição dele, em 2027. Se nada acontecer, esse longo e ambicioso projeto tem tudo para se consolidar. Mas há quem acredite que algo ainda pode acontecer.

Faltando pouco menos de seis meses para a eleição, as senadoras Soraya Thronicke (Podemos-MS) e Eliziane Gama (PSD-MA) costuram uma união de forças para rivalizar com Alcolumbre na disputa. A dobradinha prevê que as duas devem, desde já, ir a campo em busca de votos. Mais adiante, elas vão avaliar quem aglutinou mais apoio e, com base nisso, decidir quem será a candidata. A campanha começa na próxima semana, quando a dupla dará início a um giro pelo país com o objetivo de se colocar como uma alternativa viável. A intenção é conversar com lideranças políticas, ouvir as demandas e prometer uma gestão diferenciada. Na largada, a primeira dificuldade é caseira. Hoje, não há garantia sequer de que seus próprios partidos vão apoiar a empreitada. Por isso, o marco zero do desafio será uma reunião em São Paulo, prevista para a próxima quarta-feira, 21, com os dirigentes do PSD e do Podemos para garantir o aval dos caciques.

Depois dessas conversas, as senadoras devem embarcar rumo ao Nordeste, passando por cidades de Sergipe, Pernambuco e Alagoas. A ideia é buscar primeiro os partidos mais alinhados para, desde já, confirmar a adesão. Com dez senadores, o MDB é considerado uma peça central na disputa. Por isso, Eliziane recentemente se reuniu com o ex-presidente José Sarney (MDB) para pedir a bênção e o apoio à candidatura. O ex-presidente, apesar de aposentado há uma década, ainda é ouvido com frequência sobre articulações de bastidores e mantém influência na banca-

da do seu partido. Outro importante cabo eleitoral é o próprio presidente Lula. Embora o Palácio do Planalto oficialmente garanta que vai ficar distante da eleição, o aval do petista é considerado essencial para o sucesso do projeto. Tanto Eliziane quanto Soraya já estiveram com o presidente.

PEDRO FRANÇA/AGÊNCIA SENADO

FAVORITO Davi Alcolumbre: projeto ambicioso inclui eleição e reeleição

Apoiadores da candidatura feminina espalham que o governo e o PT preferem um nome diferente ao de Alcolumbre, que estaria fazendo acenos demais à oposição em busca de votos, e que Eliziane ou Soraya seriam nomes mais confiáveis para estar à frente do Congresso no fim do terceiro mandato de Lula — Eliziane é uma antiga aliada do ex-ministro da Justiça Flávio Dino, enquanto Soraya, que entrou na política na esteira de Jair Bolsonaro, rompeu com o ex-presidente e agora se firma numa posição de independência. “Não dá para ficar nas mãos do Alcolumbre, do Pacheco e do Lira”, teria afirmado Lula, segundo relato de Thronicke. Já do lado do senador do União Brasil, a

candidatura das mulheres é vista apenas como uma forma de "marcar posição" e não terá adesão de todas as senadoras, que também compartilham diferenças políticas e ideológicas entre elas. "Só um desastre tira a presidência do Davi", afirma um aliado de Alcolumbre, que lança dúvidas, inclusive, sobre a real intenção da dupla. Não raro, candidaturas "alternativas" são apresentadas como uma forma de alcançar algum tipo de barganha.

Essa possibilidade, segundo elas, não existe. "Nós temos um objetivo claro e não tem outro espaço de negociação. Chegou a hora de uma mulher assumir a presidência do Senado", disse Eliziane Gama, devolvendo a provocação: "Na política, você tem duas formas de perder uma eleição, que é achar que já ganhou ou achar que já perdeu. Eu estou otimista e acho que a gente tem uma avenida para trabalhar". Em 200 anos de existência, a presença feminina ainda é uma relativa novidade no Senado. Eunice Michiles foi a primeira mulher a ser eleita, em 1979. De lá para cá, a bancada feminina cresceu e atingiu tamanho recorde nesta legislatura, chegando a quinze representantes. Presidir o Congresso, porém, seria um feito inédito e grandioso para as mulheres. Simone Tebet (MDB-MS), atual ministra do Planejamento, foi a primeira a tentar. Em 2021, ela disputou o cargo com Rodrigo Pacheco e foi derrotada, mas multiplicou seu cacife político. A caminhada é difícil, e o adversário, tinhoso — mas não convém duvidar da fibra dessas mulheres. ■

A PEDRA E A VIDRAÇA

Divulgação de diálogos tenta levantar suspeita sobre o uso político do TSE por Alexandre de Moraes. Juridicamente, não há ilegalidade. No jogo de Brasília, ele virou definitivamente alvo **ISABELLA ALONSO PANHO**

TON MOLINA/BLOOMBERG/GETTY IMAGES

DEFESA O ministro Alexandre de Moraes: "Todos os procedimentos foram realizados no âmbito das investigações já existentes"

CONHECIDO pelo estilo durão e por não fugir das grandes batalhas, Alexandre de Moraes vem mostrando uma enorme resistência diante de muitas críticas feitas a ele. Nos últimos tempos, o ministro passou a ser frequentemente acusado de acúmulo indevido de poderes e de extrapolar o papel de juiz para atuar nos mesmos processos como investigador e acusador. Até aqui, manteve-se incólume aos ataques. A maioria dos colegas do Supremo Tribunal Federal, aliás, reconhece o papel essencial dele na defesa da Corte — e da democracia. Essa capacidade de resiliência passa agora por um novo teste, com a divulgação de diálogos que tentam levantar a grave suspeita de que o ministro fez uso político do Tribunal Superior Eleitoral, tendo como alvo principal os bolsonaristas.

Em reportagem publicada pela *Folha de S.Paulo* na terça-feira, 13, foram reveladas conversas entre um juiz auxiliar de Moraes, Airton Vieira, e Eduardo Tagliaferro, um perito membro da Assessoria Especial de Enfrentamento à Desinformação (AEED), do TSE. Com base nesses diálogos, a reportagem sustenta que o gabinete de Moraes no STF pedia de maneira informal — fora do rito — a produção de relatórios por Tagliaferro, lotado no TSE. Esses documentos, segundo a denúncia, depois eram usados pelo ministro para embasar medidas criminais dentro do inquérito das *fake news,* no Supremo, como se tivessem sido enviados de forma espontânea pela Corte eleitoral. Tais peças foram usadas para embasar decisões importantes de Moraes em desfavor de bolsonaristas.

REAÇÃO Flávio Bolsonaro: discurso para reforçar a narrativa de perseguição ao pai

PEDRO FRANÇA/AGÊNCIA SENADO

Na mesma noite em que a reportagem começou a circular, Moraes mostrava-se tranquilo e risonho em um jantar em Brasília. Na manhã seguinte, em conversa com uma pessoa próxima, classificou o caso como “mais uma coisa do extremismo”. Coube ao gabinete dele divulgar um comunicado à imprensa negando qualquer irregularidade. “O gabinete do ministro Alexandre de Moraes esclarece que, no curso das investigações dos Inquéritos 4781 *(fake news)* e 4878 (milícias digitais), nos termos regimentais, diversas determinações, requisições e solicitações foram feitas a inúmeros órgãos, inclusive ao TSE, que, no exercício do poder de polícia, tem competência para a realização de relatórios sobre atividades ilícitas, como desinformação, discursos de ódio eleitoral, tentativa de golpe de Estado e atentado à democracia e às instituições”, diz trecho da nota.

Tomando como base o que foi divulgado sobre o caso até a última quinta, 15, os argumentos usados por Moraes em sua defesa são sólidos. Na época dos diálogos, ele acumulava a cadeira no STF, onde é relator de investigações sobre *fake news* e milícias digitais, com a função de presidente do TSE. Por isso, para pedir informações à AEED (órgão cuja colaboração com a Justiça é oficial e permanente), ele teria de oficiar do seu gabinete de ministro do Supremo para o gabinete do presidente do TSE, ocupado por ele próprio. Na prática, equivaleria a oficiar para si mesmo. "Moraes já havia oficiado ao TSE pedindo que a AEED ficasse à disposição. Isso foi formalizado. Não há nada dizendo que essa comunicação tinha, por exemplo, de ser por e-mail. A colaboração já estava firmada", explica o advogado e professor de direito eleitoral da FGV/SP Fernando Neisser. Além do mais, os relatórios feitos pelo órgão são apenas informativos, abastecidos com informações públicas acessíveis a toda a internet. Daí as referências a posts e reportagens, informações disponíveis a qualquer brasileiro.

A mesma visão é compartilhada de forma praticamente unânime por todos os juristas consultados por VEJA. Independentemente do mérito, logo após a divulgação da reportagem, as engrenagens políticas voltaram suas baterias para Moraes. O senador Flávio e o deputado Eduardo Bolsonaro foram às redes reforçar a narrativa de perseguição ao pai. Em paralelo, iniciou-se uma movimentação no Congresso para pedir o impeachment do ministro, algo improvável de acontecer nesta legislatura. O magnata Elon Musk, que vinha criti-

cando Moraes em sua rede X nos últimos tempos, também não tardou a engordar o coro de apupos — assim como alguns analistas que preferem dar suas opiniões antes de avaliar os fatos que estão na mesa.

Na direção contrária, influentes atores do meio jurídico saíram em defesa de Moraes, afastando também as tentativas de comparação do caso com o dos comprometedores diálogos do episódio da Vaza-Jato, que arranhou a reputação dos envolvidos (sobretudo do ex- juiz Sergio Moro e do ex-líder da força-tarefa da Operação Lava-Jato, Deltan Dallagnol) e abriu as portas para a revisão de uma série de sentenças. Detalhe: na Vaza-Jato, Moro dava ordens para um órgão que deveria ser independente. Moraes, no caso, estava com os dois chapéus, o de ministro do STF e o de presidente do TSE. “Qualquer esforço para equiparar as duas situações é, no mínimo, desonesto”, afirma o advogado Marco Aurélio de Carvalho, coordenador do Prerrogativas, grupo de juristas próximos a Lula. O tom no STF foi semelhante. Na tarde de quarta, 14, Flávio Dino, Luís Roberto Barroso, Gilmar Mendes e o procurador-geral da República, Paulo Gonet, saíram publicamente em defesa de Moraes. “Na vida, às vezes exis-

MARC PIASECKI/GETTY IMAGES

NAS REDES
Elon Musk: magnata passou a fustigar o magistrado no X

tem tempestades reais, às vezes existem tempestades fictícias. Acho que estamos diante de uma delas", disse Barroso, atual presidente da Corte. Na mesma sessão, Moraes afirmou que nada temia: "Todos os procedimentos foram realizados no âmbito de investigações já existentes".

A divulgação dessas mensagens ocorre num momento crucial para bolsonaristas e o próprio STF. Em breve, a Corte julgará ações contra o ex-presidente, e a de maior potencial de estrago é sobre o 8 de Janeiro, processo sob responsabilidade de Moraes. Caso a repercussão do noticiário e novos desdobramentos sejam capazes de gerar de fato arranhões consideráveis à imagem do ministro, a defesa de Jair Bolsonaro naturalmente pode ganhar força — mas só terá chance de êxito se o STF se fragmentar, o que não parece estar no horizonte.

Em uma demonstração de que não pretende mudar o estilo, mesmo em meio à polêmica, Moraes autorizou, na quarta, novas operações tendo bolsonaristas como alvos. Na investigação contra o senador Marcos do Val (Podemos-ES), relatada por Moraes, a PF vasculhou endereços ligados ao parlamentar e aos blogueiros Allan dos Santos e Oswaldo Eustáquio, renovando também os mandados de prisão contra os dois. Ambos estão foragidos no exterior. Como se vê, Moraes continua com as pedras na mão e não vai diminuir a intensidade do seu trabalho. Mas terá de conviver permanentemente com uma nova situação: a de vidraça. Qualquer estilhaço pode ser destrutivo. ■

PEDRO GIL

Com reportagem de Diego Gimenes
e Felipe Erlich

FUSÃO Lindenberg Filho: acordo criará uma das maiores incorporadoras do país

CAL/DIVULGAÇÃO

Novo gigante

As incorporadoras imobiliárias Eztec, atualmente presidida por Silvio Ernesto Zarzur, e Adolpho Lindenberg, sob o comando de **Adolpho Lindenberg Filho,** deverão anunciar nos próximos dias um acordo para a fusão de suas operações. Com valor de mercado de 8 bilhões de reais, a nova empresa será uma das maiores do setor no Brasil.

Marcas preservadas

As negociações entre a Eztec e a Adolpho Lindenberg começaram há dois anos. Em 2022, ambas fecharam uma parceria para o desenvolvimento em conjunto de projetos imobiliários. Apesar da fusão, as marcas serão preservadas — a Eztec tem foco na classe média e a Adolpho Lindenberg, no mercado de alto padrão.

Energia de sobra

A Engie, grupo francês de energia, e o fundo canadense CDPQ planejam investir, nos próximos anos, 5 bilhões de reais para a expansão da Transportadora Associada de Gás (TAG). Além disso, 20 bilhões de reais podem ser empenhados em outras frentes, como a modernização de infraestrutura e a compra de ativos.

Só nos jatos

Com 2 bilhões de reais de investimentos anunciados, a Latam está no mercado em busca de novas aeronaves, mas rejeita modelos turboélice, como o ATR-72, do acidente da Voepass. "Estamos olhando aviões menores da Embraer e da Airbus", diz Jerome Cadier, presidente da companhia aérea.

O risco da reforma

Enquanto define a agenda de investimentos, a Latam se prepara para o choque da reforma tributária. A companhia estima que as passagens aéreas ficarão entre 15% e 20% mais caras. "O impacto será violentíssimo e está subestimado", diz Cadier.

Sinal amarelo

O prejuízo da Petrobras, de 2,6 bilhões de reais no trimestre, não surpreendeu ninguém na diretoria da empresa. "Não havia nenhum gatilho inesperado", diz um executivo que acompanha de perto as movimentações da estatal. "É uma luz amarela."

A favor dos acionistas

Apesar do prejuízo, a Petrobras vai pagar 13 bilhões de

reais em dividendos aos acionistas. “Caiu por terra aquela lenga-lenga de que Prates foi amigo do mercado porque queria pagar dividendos”, diz o executivo. “Imagina agora. Vão pagar, mesmo anunciando prejuízo.”

Entre amigos

A rede de produtos com açaí Oakberry anunciou o executivo Bruno Costa, ex-diretor da Kopenhagen, como seu novo presidente. A Nestlé, agora dona da Kopenhagen, já tentou adquirir a Oakberry por mais de uma vez, mas os flertes nunca evoluíram. Com um “amigo” do outro lado do balcão, as conversas podem ser retomadas.

Aposta alta

O fundo suíço de investimentos Crownstone Ventures está no mercado com um cheque de 50 milhões de reais para comprar casas de apostas on-line que atuam no Brasil. Para 2025, o fundo planeja uma segunda rodada com até 300 milhões de reais para aquisições.

Saúde em dia

O mercado de farmácias registrou faturamento de 106 bilhões de reais no primeiro semestre, o que representa um crescimento de 11% em comparação com o mesmo período de 2023. Os dados são da Abafarma, a Associação dos Distribuidores Farmacêuticos do Brasil. ■

POSITIVO E OPERANTE

Após passar por uma reformulação, o cadastro que reúne o histórico financeiro de pessoas e empresas reduziu os custos de crédito e incluiu mais de 20 milhões de brasileiros no mercado

MÁRCIO JULIBONI E **FELIPE ERLICH**

ANÚNCIO Dinheiro na mão: sistema eficaz encoraja financeiras a emprestar mais

ROBERTO SETTON

Melhorar o ambiente de negócios, por meio de microrreformas setoriais, é tão importante para estimular o crescimento da economia quanto equacionar os grandes problemas brasileiros, como a crescente dívida pública. Um exemplo é o Cadastro Positivo, que reúne o histórico financeiro de 159 milhões de pessoas e 8 milhões de empresas. Embora sua criação date de 2011, o mercado de crédito considera que o cadastro deslanchou depois de 2019, quando foi reformulado. Desde então, a iniciativa contribuiu para reduzir em 10,4% o spread bancário, que representa a diferença entre os custos dos bancos para emprestar dinheiro e os juros pagos pelo tomador. "Mostramos que, ao reduzir a assimetria de informação, fazemos o sistema caminhar", disse Roberto Campos Neto, presidente do Banco Central, em evento que comemorou os cinco anos da nova versão do cadastro. Reduzir a tal assimetria nada mais é do que permitir que os agentes financeiros tenham acesso às mesmas informações sobre como anda o bolso de potenciais clientes. A queda no spread é um efeito bem-vindo, mas não o único.

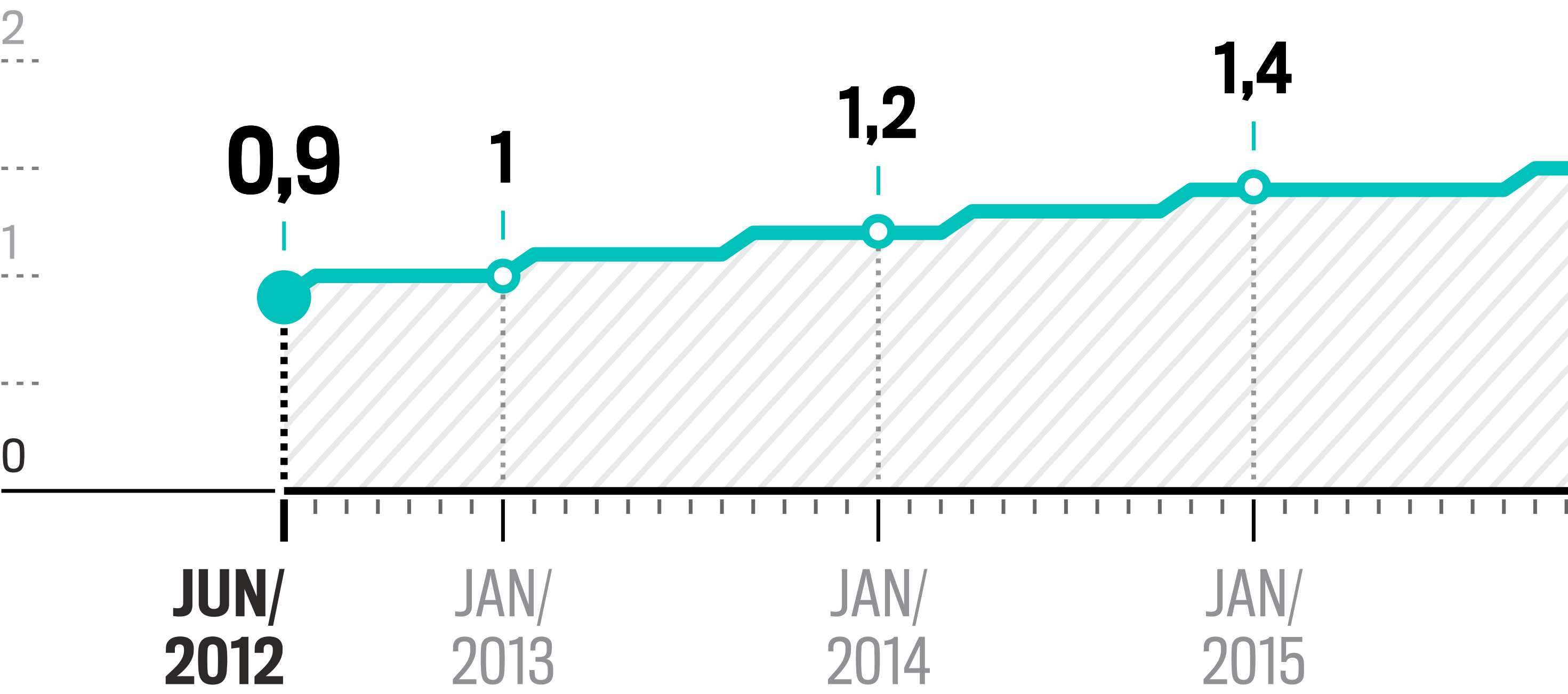
Até 2019, a adesão ao cadastro era voluntária, e os indivíduos deveriam solicitar formalmente sua inclusão. Na época, lojistas e instituições financeiras eram os principais responsáveis por receber e processar esses pedidos. A falta de confiança da população em expor sua vida financeira e as dificuldades das empresas em im-

plementar o projeto resultaram na baixa participação que marcou a primeira fase do programa: chegou a 2019 com apenas 8 milhões de brasileiros participantes. A lei complementar número 166, sancionada pelo então presidente Jair Bolsonaro em abril daquele ano, reimpulsionou o Cadastro Positivo.

A principal mudança foi tornar obrigatório o compartilhamento de informações. Em contrapartida, os indiví-

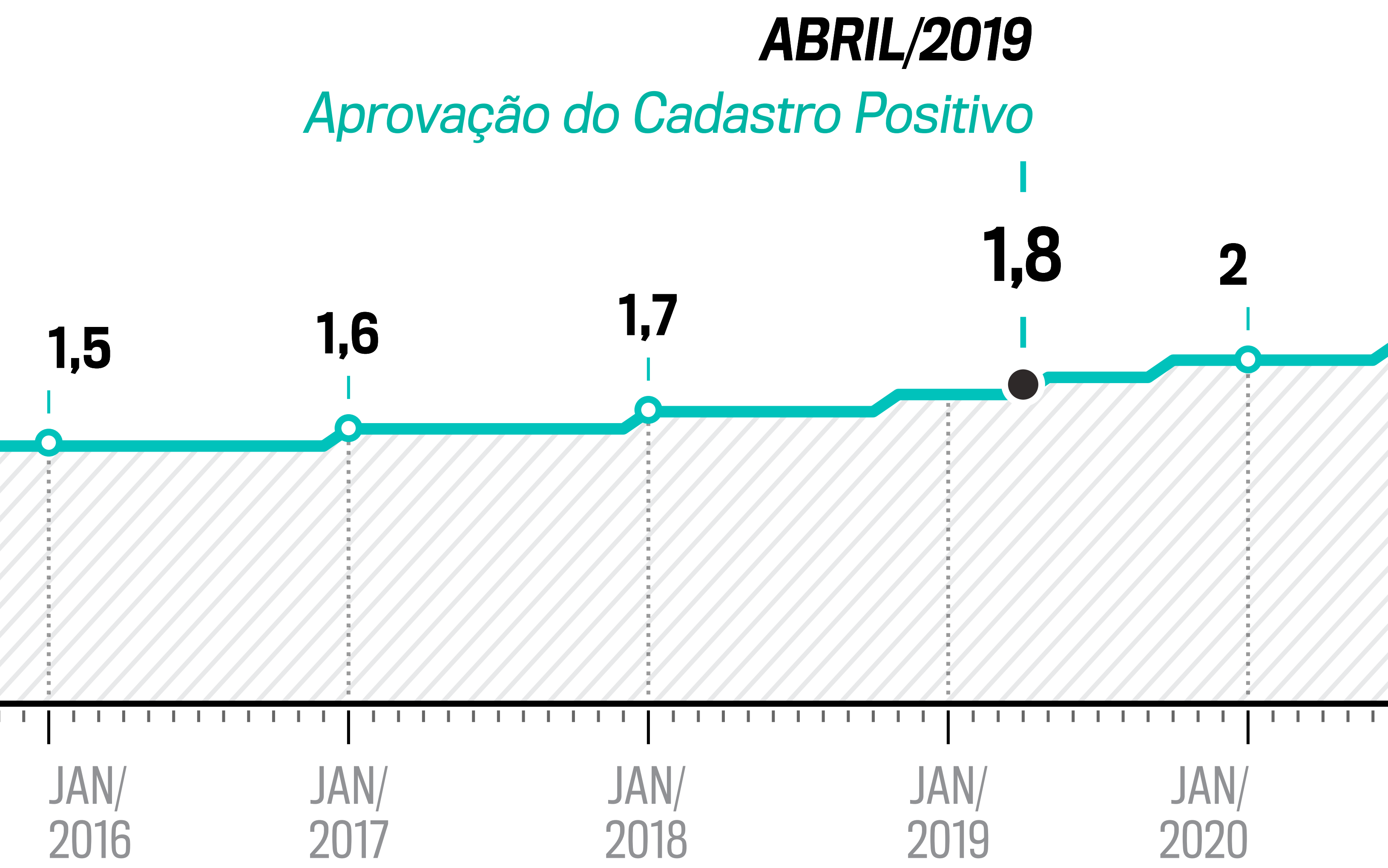
ACELERAÇÃO

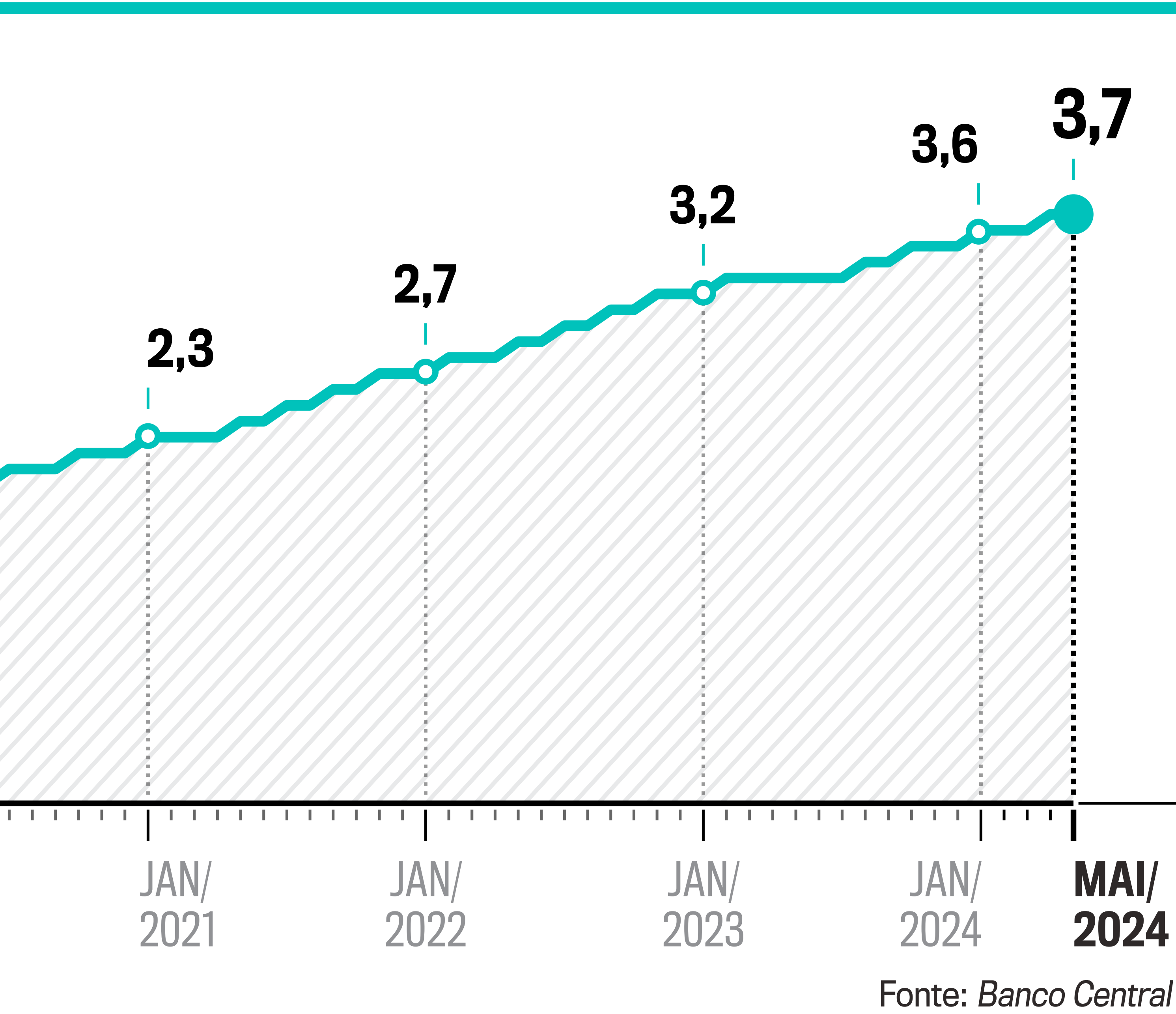
O crédito para pessoas físicas demorou sete anos para crescer de 900 bilhões para 1,8 trilhão de reais. Após o Cadastro Positivo, dobrou de tamanho em apenas cinco anos

CRÉDITO PARA PESSOAS FÍSICAS
(em trilhões de reais)

duos podem solicitar exclusão do sistema. O setor financeiro foi o primeiro a contribuir, fornecendo dados de 150 milhões de nomes. O cadastro recrutou outros setores, como concessionárias de energia e saneamento, para obter o histórico de pagamento de pessoas que não se relacionavam com bancos. A maior visibilidade incluiu 22 milhões de cidadãos no mercado de crédito. “A colaboração entre setores ajudou todo mundo”, diz Elias Sfeir, presidente da ANBC, associação que reúne os birôs de crédito.

As empresas já sentem a ampliação do mercado. “Au-

ABRIL/2019
Aprovação do Cadastro Positivo

JAN/2016	JAN/2017	JAN/2018	ABRIL/2019	JAN/2020
1,5	1,6	1,7	1,8	2

mentamos o percentual de clientes financiados", diz Vital Leite, diretor de serviços financeiros da Casas Bahia. Com uma carteira de crédito de 88 bilhões de reais, o Banco BV também experimentou uma aceleração dos negócios após as mudanças do Cadastro Positivo há cinco anos. "Cerca de 15% dos créditos hoje vão para pessoas que não seriam aprovadas antes de 2019", diz Roberto Jábali, diretor de crédito e cobranças do BV. As empresas não estão apenas conhecendo mais clientes em potencial — elas estão conhecendo-os melhor.

Fonte: *Banco Central*

EVOLUÇÃO

Diversas fontes abasteceram o cadastro com dados nos últimos anos

ORIGEM DOS DADOS	TOTAL DE REGISTROS
NOV/19 INSTITUIÇÕES FINANCEIRAS	150 MILHÕES
JUL/20 TELEFÔNICAS	97 MILHÕES
OUT/20 ENERGIA	75 MILHÕES

AGO/22
SANEAMENTO .... **55 MILHÕES**

SET/22
GÁS ENCANADO .... **4 MILHÕES**

ABRANGÊNCIA

Eliminando-se os dados repetidos, o cadastro reúne hoje **167 milhões de registros,** dos quais:

159 MILHÕES
DE PESSOAS FÍSICAS

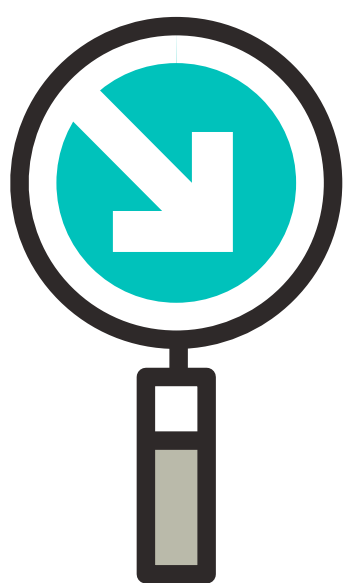
8 MILHÕES
DE EMPRESAS

Fontes: *ANBC e Banco Central*

Isso leva à oferta de produtos e serviços mais personalizados, que premiam os bons pagadores com condições especiais, mas sem fechar as portas para quem está com o nome negativado. Em 2019, os clientes do BV com pior perfil de crédito pagavam, em média, taxas de juros 10% maiores que aqueles com maior pontuação. “Essa diferença entre as taxas já subiu para 17%”, afirma Jábali. O Banco Pan vive situação parecida. Caio Crepaldi, seu diretor de crédito, explica que a lista de bons pagadores tornou mais objetivo o empréstimo de dinheiro. “O cadastro ajuda a definir as condições para que o crédito seja concedido”, diz. É claro que a taxa de juros paga pelos clientes não depende apenas de seu perfil. A conta é afetada por variáveis como a taxa básica Selic, o cenário macroeconômico e os impostos sobre o setor financeiro. Por isso, em cinco anos de vigência do novo cadastro, a média dos juros pagos por pessoas físicas segue acima dos 100% ao ano, mas os sinais são animadores, diante do recuo do spread comunicado por Campos Neto. “É uma queda expressiva e mostra que o custo de crédito está menor”, diz Luiz Rabi, economista da Serasa Experian.

Em paralelo, o programa impediu que a pandemia de covid-19 deixasse marcas ainda mais profundas na economia, que padece hoje com 70 milhões de inadimplentes. “Se não fosse o Cadastro Positivo, a inadimplência seria muito maior”, diz Rabi. Em outros tempos, ter o nome sujo fechava portas. Hoje em dia, cada vez mais especialis-

IMPACTOS

Um balanço dos cinco anos do programa

QUEDA MÉDIA DE
10,4%
NOS *SPREADS* DE
OPERAÇÕES DE CRÉDITO

41%
DAS PESSOAS MELHORARAM SUA
NOTA AO ENTRAR NO CADASTRO

33%
MANTIVERAM SUA NOTA

26%
TIVERAM SUA NOTA REBAIXADA

20 MILHÕES
DE PESSOAS E EMPRESAS PASSARAM
A TER ACESSO A CRÉDITO, DEVIDO
AO CADASTRO POSITIVO

Fontes: *ANBC e Banco Central*

PANTHER MEDIA GMBH/ALAMY/FOTOARENA

DESAFIO Clientes em loja: a pulverização do varejo dificulta a consolidação de dados

tas afirmam que o remédio para quem enfrenta problemas financeiros é ter mais, e não menos, acesso ao mercado — e o novo cadastro é peça central nisso. “Chega a ser um contrassenso negar crédito para quem está negativado, porque é nesse momento que ele é mais importante”, diz Tadeu Silva, presidente da Acrefi, associação que representa as financeiras.

Os bancos também estão mais dispostos a abrir os cofres. Nas últimas semanas, as maiores instituições do país — Itaú, Bradesco, Banco do Brasil e Santander — afirmaram que, após os bons resultados obtidos no segundo trimestre de 2024, estão inclinadas a conceder mais crédito.

ALOISIO MAURICIO/FOTOARENA

ESTÍMULO Campos Neto: o Cadastro Positivo mostra que há espaço para mais crédito

À medida que as microrreformas implementadas pelo Banco Central avançam, mais sinergia adquirem.

O próximo salto será a convergência entre o Cadastro Positivo e o sistema Open Finance — que fornece ainda mais transparência à vida financeira dos consumidores. De um lado, essa junção permitirá desenvolver produtos financeiros mais personalizados, que ofereçam melhores recompensas aos bons pagadores, sem deixar de atender aqueles que estão na base da pirâmide. De outro, clientes mais conscientes de sua boa nota de crédito terão maior poder de barganha, num círculo virtuoso em que todos ganham. O bolso dos brasileiros agradece. ■

“MILAGRE É EFEITO SEM CAUSA”

Além de economista influente, Delfim era um grande frasista

ANTÔNIO DELFIM NETTO foi o economista mais influente do país. Professor, pesquisador, ministro, embaixador, deputado constituinte, articulador político, colunista, consultor econômico e conselheiro de presidentes da República são características que marcaram uma trajetória inigualável.

Entre suas frases imperdíveis está a que intitula esta coluna. Ele rejeitava, corretamente, a ideia de explicar o extraordinário desempenho da economia brasileira (média de crescimento de 11% entre 1968 e 1973) como “milagre”. Ao contrário, o êxito era devido aos brasileiros, às transformações institucionais do governo Castello Branco (1964-1967), à ação da política econômica e ao trabalho de todos.

Delfim se tornou livre-docente na Faculdade de Economia da Universidade de São Paulo com uma tese intitulada “O Problema do Café no Brasil”. O texto, um dos mais importantes trabalhos acadêmicos do país, teve grande impacto na época (quando virou livro) e continua sendo lido até hoje.

Convivi com Delfim por seis anos no governo Figueiredo, quando fui assessor econômico e secretário-executivo da Fazenda. Então no Planejamento, ele liderava a equipe econômica ao lado do ministro da Fazenda Ernane Galvêas. As duas equipes se integravam no enfrentamento da crise econômica, que se agravara com três eventos externos negativos: (1) o segundo choque do petróleo (1979); (2) a elevação da taxa de juros do banco central americano — que atingiu inacreditáveis 20% em junho de 1981; (3) a moratória mexicana de agosto de 1982, que provocou a crise da dívida externa. Mais de trinta países foram atingidos, incluindo quase todos da América do Sul, o próprio México e a Coreia do Sul.

Como acadêmico, Delfim buscou entender a realidade do país combinando história com o método quantitativo. Contribuiu para formar uma geração de economistas que viriam a se tornar seus colaboradores no Ministério da

“Como deputado, contribuiu para que a Constituição incluísse os itens propriedade privada e concorrência”

Fazenda e se tornariam igualmente famosos: Affonso Celso Pastore, Eduardo Pereira de Carvalho, Akihiro Ikeda, Carlos Viacava, Carlos Antonio Rocca, entre outros.

Eleito deputado federal (1986), foi influente membro da Assembleia Constituinte. Um dos articuladores do Centrão (não o Centrão fisiológico de hoje), contribuiu para neutralizar grande parte de propostas inconsequentes que tornariam muito pior os dispositivos econômicos da Constituição. Participou dos trabalhos que resultaram em seu artigo 170, segundo o qual a ordem econômica será "fundada na valorização do trabalho humano e na livre-iniciativa". Para mim, dois de seus itens são os mais relevantes para a economia: a propriedade privada e a concorrência.

Delfim Netto era um otimista. Nunca deixou de acreditar nas possibilidades de desenvolvimento do país. Jamais o vi irritado, aflito ou desesperado, mesmo nos momentos mais difíceis das crises. Era dotado de um bom humor invejável. Sua liderança e capacidade de trabalho foram partes relevantes de sua contribuição ao progresso do Brasil. ■

REINO AMEAÇADO

A condenação do Google por prática de monopólio da ferramenta de busca poderá reduzir o seu campo de influência e provocar impactos na própria internet

LUANA ZANOBIA

SOB RISCO Sundar Pichai, CEO do Google: punições não foram definidas

CHRISTOPH DERNBACH/DPA/GETTY IMAGES

DESDE O SEU SURGIMENTO, em 1998, o Google se tornou não apenas um gigante empresarial, mas, acima de tudo, uma força cultural que molda a forma como bilhões de pessoas acessam informação. O mecanismo de busca, de fato, é onipresente: no mundo, 90% das pesquisas feitas pela internet passam por ele — que, afinal, escolhe o que devemos ler. Não à toa, seu campo de influência é colossal, indo dos negócios ao entretenimento, da comunicação à política. Até pouco tempo atrás, essa hegemonia parecia inabalável. Nos últimos dias, contudo, o Google vem enfrentando pressão inédita, que poderá de alguma forma reduzir o seu domínio. Segundo investigações conduzidas pelo Departamento de Justiça dos Estados Unidos, a empresa pagou para que outras big techs, em especial Apple e Samsung, assegurassem que a sua ferramenta de pesquisa fosse o aplicativo padrão em celulares e outros dispositivos. As parcerias estratégicas, disseram as autoridades americanas, aniquilaram a concorrência e feriram a liberdade de escolha dos consumidores.

O rumoroso processo condenou o Google por monopólio, mas ainda não definiu as penalidades que serão aplicadas. “O mais provável seria uma liminar contra os contratos exclusivos que garantem sua posição como mecanismo de busca padrão”, disse a VEJA Rebecca Haw Allensworth, professora de direito antitruste na Universidade Vanderbilt, nos Estados Unidos. Uma cisão — ou seja, a divisão do grupo em empresas menores — seria a

ONIPOTENTE

O Google controla 90% do mercado total de buscas on-line e 95% das pesquisas em smartphones

A receita anual da Alphabet, controladora do Google, cresceu quase seis vezes em uma década (em bilhões de dólares)

308

300

250

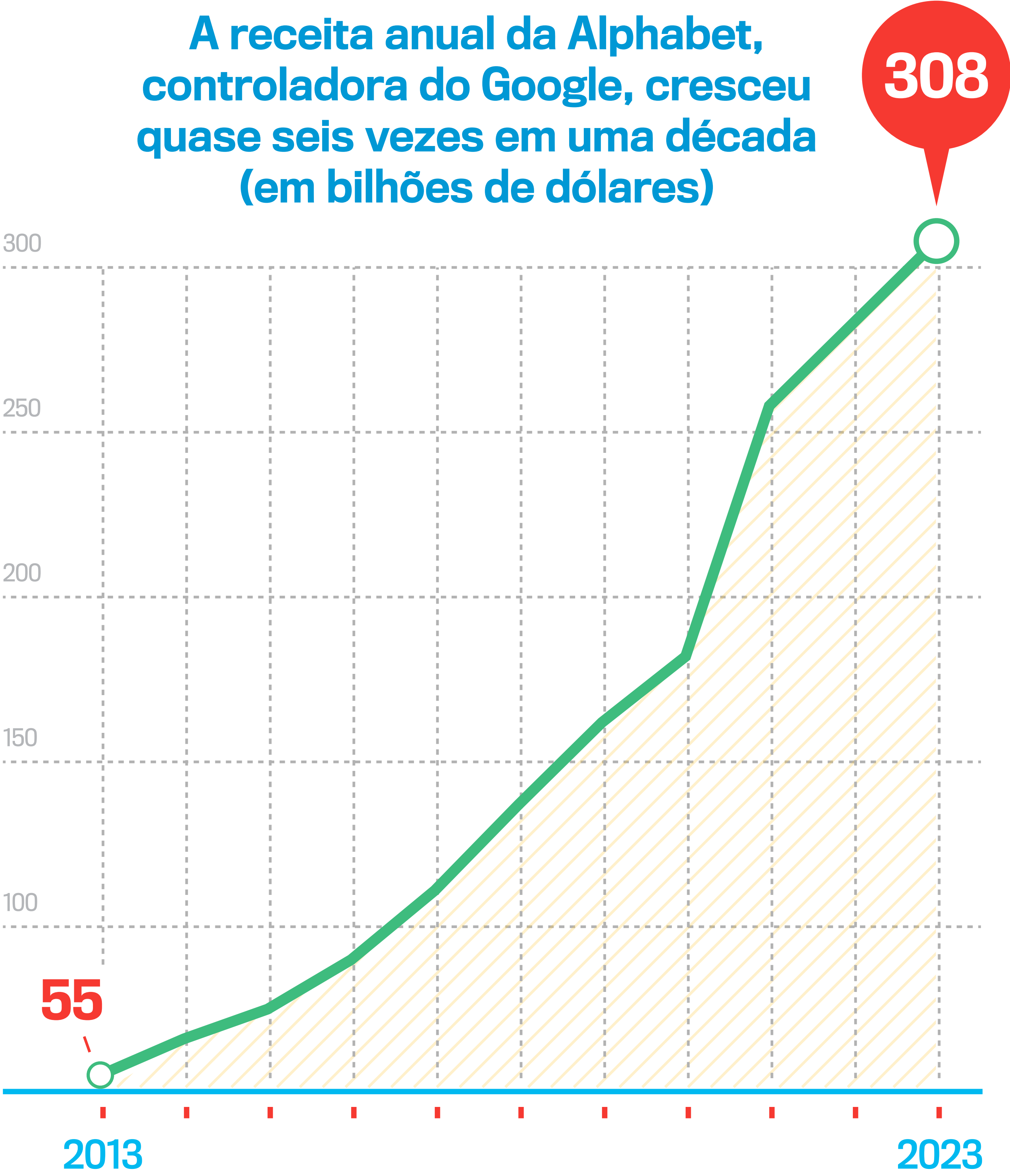
200

150

100

55

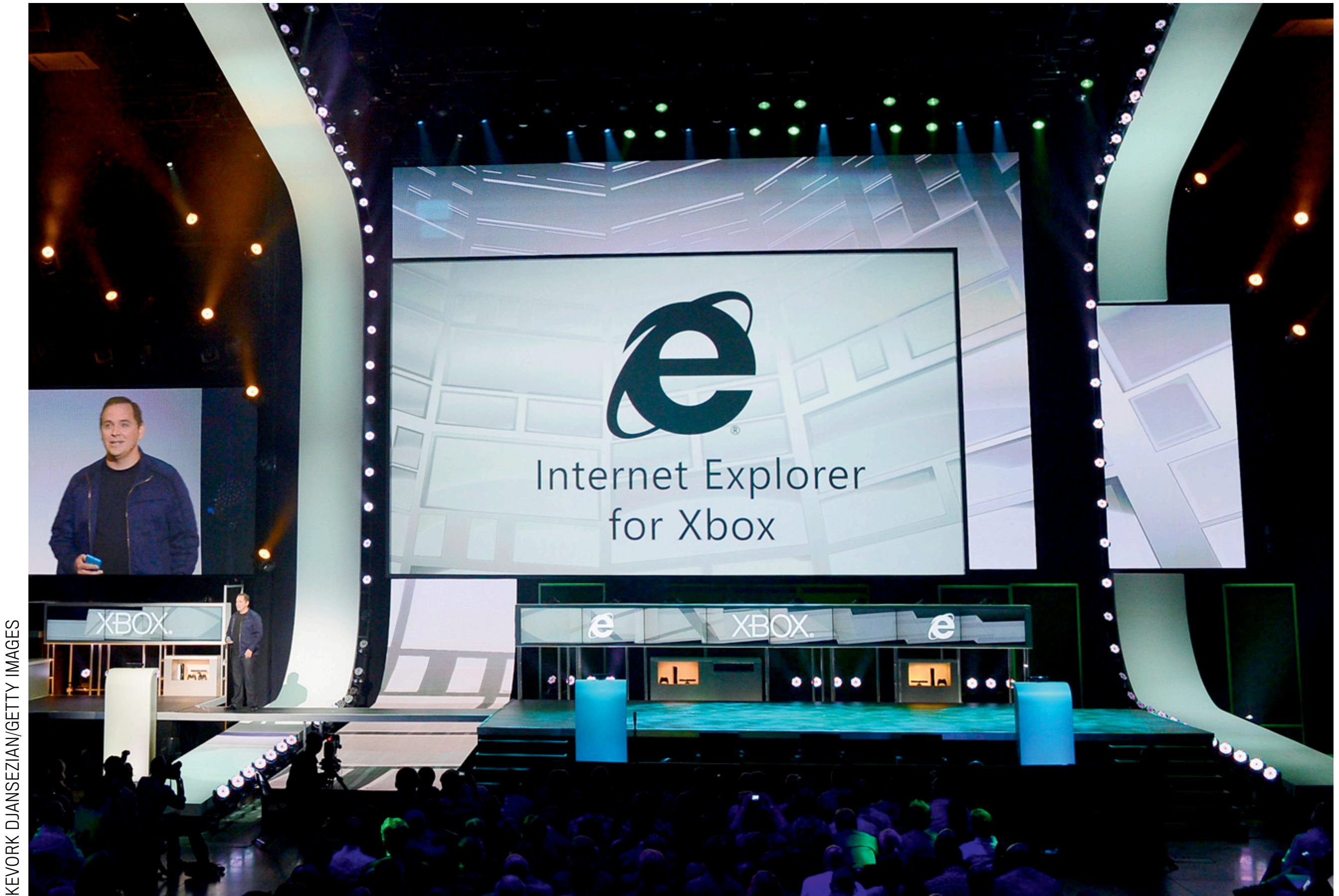
2013

2023

Fonte: *Statista*

punição mais severa, mas que parece improvável neste momento. “Isso se deve tanto à raridade de medidas desse tipo quanto à falta de evidências de que a conduta nesse caso justifique a penalidade.”

A condenação do Google sinaliza possíveis mudanças nas leis antitruste dos Estados Unidos para o setor de tecnologia. Embora a dominância da empresa seja inegável, o fato de oferecer serviço gratuito e acessível desafia o foco tradicional da legislação concorrencial, que historicamente prioriza questões como preços. O caso, de fato, poderá ter grande influência nos tribunais. “Se um juiz enxerga monopolização de tecnologia nesse episódio, provavelmente outros também verão”, diz Allensworth. Para entender melhor o que está em jogo, é necessário revisitar um caso semelhante. Em 2001, a Microsoft foi condenada por práticas monopolistas ao vincular o seu navegador, o Internet Explorer, ao, também seu, sistema operacional Windows. Como penalidade, a empresa foi multada em 1,3 bilhão de dólares e forçada a permitir que os consumidores escolhessem seu navegador padrão. Embora tenha resistido por algum tempo, o Internet Explorer acabou perdendo relevância ao longo dos anos.

Não é possível dizer que o mesmo ocorrerá com o Google. As implicações da condenação para o seu reinado estão envoltas em muitas dúvidas. A Alphabet, controladora da big tech, tem a opção de recorrer à Justiça, o que poderá arrastar o processo por anos. Além disso, a estratégia

KEVORK DJANSEZIAN/GETTY IMAGES

PRECEDENTE Explorer, da Microsoft: após punição, nunca mais foi o mesmo

de introduzir uma "tela de escolha" para os usuários talvez não traga os resultados esperados. Essa abordagem foi implementada, a partir de 2019, em dispositivos Android na Europa, onde o Google enfrenta uma série de ações por práticas anticompetitivas. Apesar disso, o impacto foi limitado: o Google continua a dominar o mercado com larga margem, controlando 62% das buscas no velho continente. "A União Europeia tem sido malsucedida em promover a concorrência com a exigência de telas de escolha", reforça o advogado especializado em antitruste Jonathan Rubin, sócio do escritório MoginRubin, sediado em Washington.

MONOPÓLIOS QUEBRADOS

Os Estados Unidos têm tradição de aplicar a lei contra grandes corporações hegemônicas. A seguir, alguns domínios excessivos e as penalidades das empresas

STANDARD OIL

(1911)

Monopólio do setor de petróleo

Foi dividida em 34 empresas independentes, resultando na ExxonMobil e na Chevron

IBM

(1952-1982)

Monopólio do mercado de computadores

Submissão a uma supervisão regulatória

AT&T

(1982)

Monopólio dos serviços de telefonia

Foi dividida em sete companhias regionais, conhecidas como Baby Bells

Microsoft

(2001)

Monopólio do serviço de buscas ao vincular seu navegador Internet Explorer ao sistema operacional Windows

Multa de 1,35 bilhão de dólares e obrigação de permitir que os consumidores escolhessem seu navegador preferido

Apple

(2013)

Acusada de conspirar com grandes editoras para elevar os preços de e-books

Multa de 450 milhões de dólares

Google

(2020 até o presente)

Monopólio do serviço de buscas

As penalidades ainda serão definidas

Outras penalidades possíveis incluem forçar a Alphabet a vender a ferramenta de busca ou separá-la de seu negócio de publicidade. No entanto, ambas as opções apresentam desafios significativos. "O custo para adquirir o Google Search seria astronômico, e qualquer empresa que tentasse comprá-lo enfrentaria um escrutínio regulatório intenso", afirma Max Willens, analista de mídia digital na empresa de pesquisa Emarketer. Nesse contexto, a aplicação de multas seria a penalidade mais branda. Para uma empresa com avaliação de mercado de aproximadamente 2 trilhões de dólares, sanções monetárias podem não ser suficientes para fazê-la mudar o curso dos negócios. De seu lado, Sundar Pichai, presidente do Google, defende que a liderança nos serviços de busca é resultado da superioridade de seu produto, o que tem certo fundo de verdade. Isso, porém, não justifica desembolsar fortunas para impedir que os consumidores tenham acesso a produtos criados por rivais. Como os próprios americanos ensinaram ao mundo, o livre mercado é o melhor caminho a ser seguido. ■

MINHA VEZ

Em um ataque-surpresa, forças ucranianas invadem o território russo. Resta ver se conseguirão ficar lá e tirar vantagem do sucesso da operação

AMANDA PÉCHY

NOVA FRENTE Prédio bombardeado em Kursk: ataque inesperado

GAVRIIL GRIGOROV/AFP

Meio escondido pela guerra no Oriente Médio, o esforço da Ucrânia para fazer frente à invasão russa, impressionante por sua garra e eficácia nos meses que se seguiram à agressão, parecia cambaleante neste terceiro ano de conflito. Uma projetada grande ofensiva fracassou, o imprescindível fluxo de ajuda americana ficou ameaçado pelo resultado da corrida pela Casa Branca e, na linha de frente, as tropas recuavam devido ao cansaço e à falta de munição. Eis que, no dia 6 de agosto, 1 000 soldados ucranianos atravessaram a fronteira entre os países quilômetros acima da área de conflito, acompanhados de blindados e drones, e inverteram os papéis ao invadir a região de Kursk. A operação no estilo *blitzkrieg* pegou o Kremlin de surpresa e superou as expectativas. Algumas unidades avançaram quarenta quilômetros Rússia adentro, levando à declaração de estado de emergência na área e à fuga de mais de 130 000 moradores.

Sete dias após o início da incursão, Oleksandr Syrskyi, comandante do Exército da Ucrânia, afirmou que suas tropas controlavam cerca de 1 000 quilômetros quadrados de território russo. O presidente ucraniano Volodymyr Zelensky, quando enfim reconheceu o ataque, foi irônico: “A Rússia levou a guerra aos outros e agora ela está voltando para casa”. O ataque a Kursk foi planejado e executado em total segredo. A estratégia lembra a bem-sucedida retomada, em meados de 2022, da província de Kharkiv, quando as forças ucranianas usaram a guerra-relâmpago para

UKRAINIAN PRESIDENTIAL PRESS SERVICE/AFP

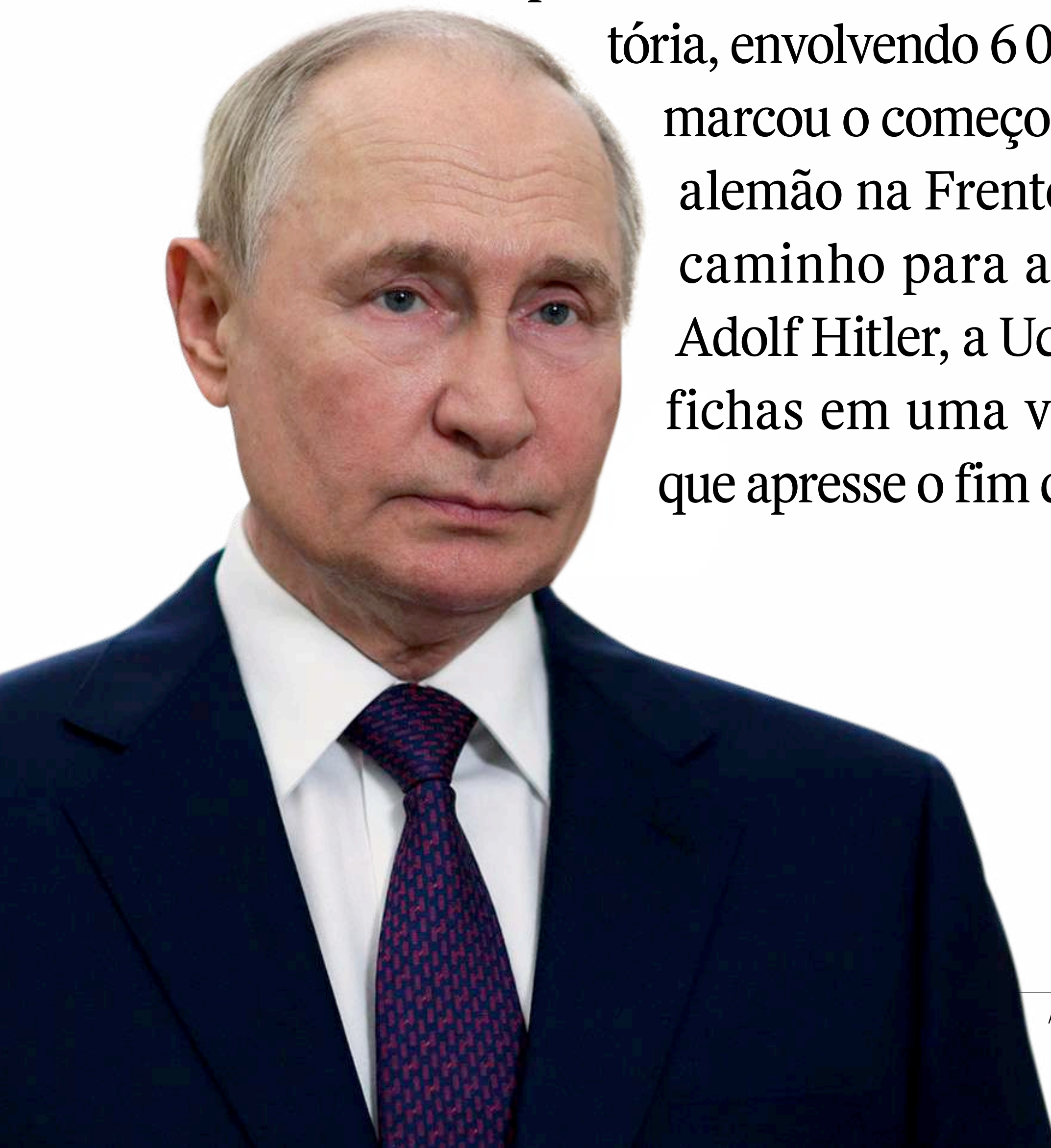
IRONIA Zelensky: a guerra agora "está voltando para casa"

avançar a todo vapor por centenas de quilômetros, derrotando um Exército russo subequipado e incapaz de controlar a ampla frente de combate. Passados dois anos, o Kremlin voltou a subestimar o inimigo, reforçando a defesa ao longo da faixa de mais de 100 000 quilômetros quadrados de fronteira que controla e deixando o resto desprotegido. "Os generais russos pensam de forma arcaica, ao passo que militares de Kiev precisam se reinventar para fazer frente ao adversário mais forte", diz V.S. Subrahmanian, professor de cibersegurança da Universidade Northwestern. Moscou destacou soldados de elite e disparou drones e mísseis para conter o avanço, mas até a quarta-feira 14 as forças ucranianas marcavam presença em 41 aldeias de Kursk.

Os ganhos de curto prazo da ação ucraniana são visíveis e incontestáveis. Primeiro, o constrangimento do Kremlin, que neste ano reconquistou alguns vilarejos estratégicos que os ucranianos haviam liberado e festejou custosos, mas constantes, avanços na linha de frente. A TV estatal russa mostrou Vladimir Putin desancando oficiais militares, de segurança e do governo local pela falha na defesa. Putin chamou a operação ucraniana de "provocação" e prometeu expulsar os "terroristas", mas não pode apagar a brecha aberta na promessa de que a guerra não iria atrapalhar a vida cotidiana dos cidadãos russos. Do lado ucraniano, a ação elevou o moral da tropa e da população, em baixa nos últimos meses devido à escassez de vitórias e de soldados no campo de batalha. "As forças ucranianas assumiram o controle da narrativa após meses de reveses", diz Keith Darden, russólogo da American University, em Washington. "Mas o Kremlin é, de certa forma, imune à realidade." Enquanto a mídia controlada alardeia a suposta resistência russa, a maior parte da população não tem acesso ao que acontece no front.

É difícil que a incursão ucraniana produza uma vantagem estratégica duradoura. Pode ser que a Rússia precise deslocar forças da linha de combate para defender Kursk, dando um respiro aos ucranianos exauridos, mas para consolidar sua vantagem o comando em Kiev também enfraquece a outra ponta, pois no mínimo tem de manter o território conquistado. "Kursk pode ser usada como moe-

da de troca em futuras negociações para o fim da guerra", aponta Joshua Kroeker, CEO do Reaktion Group, uma consultoria de inteligência — mas isso também depende de uma ocupação de longo prazo.

Passado o susto, os aliados da Ucrânia reagiram de forma positiva à invasão reversa. A Casa Branca, que só permite o uso de armamento americano em território russo para ação de defesa, considerou justificável a operação ucraniana. A Alemanha, sempre avessa a qualquer gesto que leve a uma escalada de agressões, reforçou o direito de autodefesa da Ucrânia. Uma reunião convocada pela Rússia no Conselho de Segurança da ONU para denunciar a operação saiu pela culatra. "Não reconheceremos o agressor como vítima", disse o diplomata esloveno Klemen Ponikvar. Em Kursk, palco da maior batalha de tanques da história, envolvendo 6 000 blindados, que marcou o começo do fim do avanço alemão na Frente Oriental e abriu caminho para a derrota final de Adolf Hitler, a Ucrânia aposta suas fichas em uma vitória duradoura que apresse o fim da guerra. ■

EMBARAÇO
Putin: bronca nos responsáveis pela falha na defesa

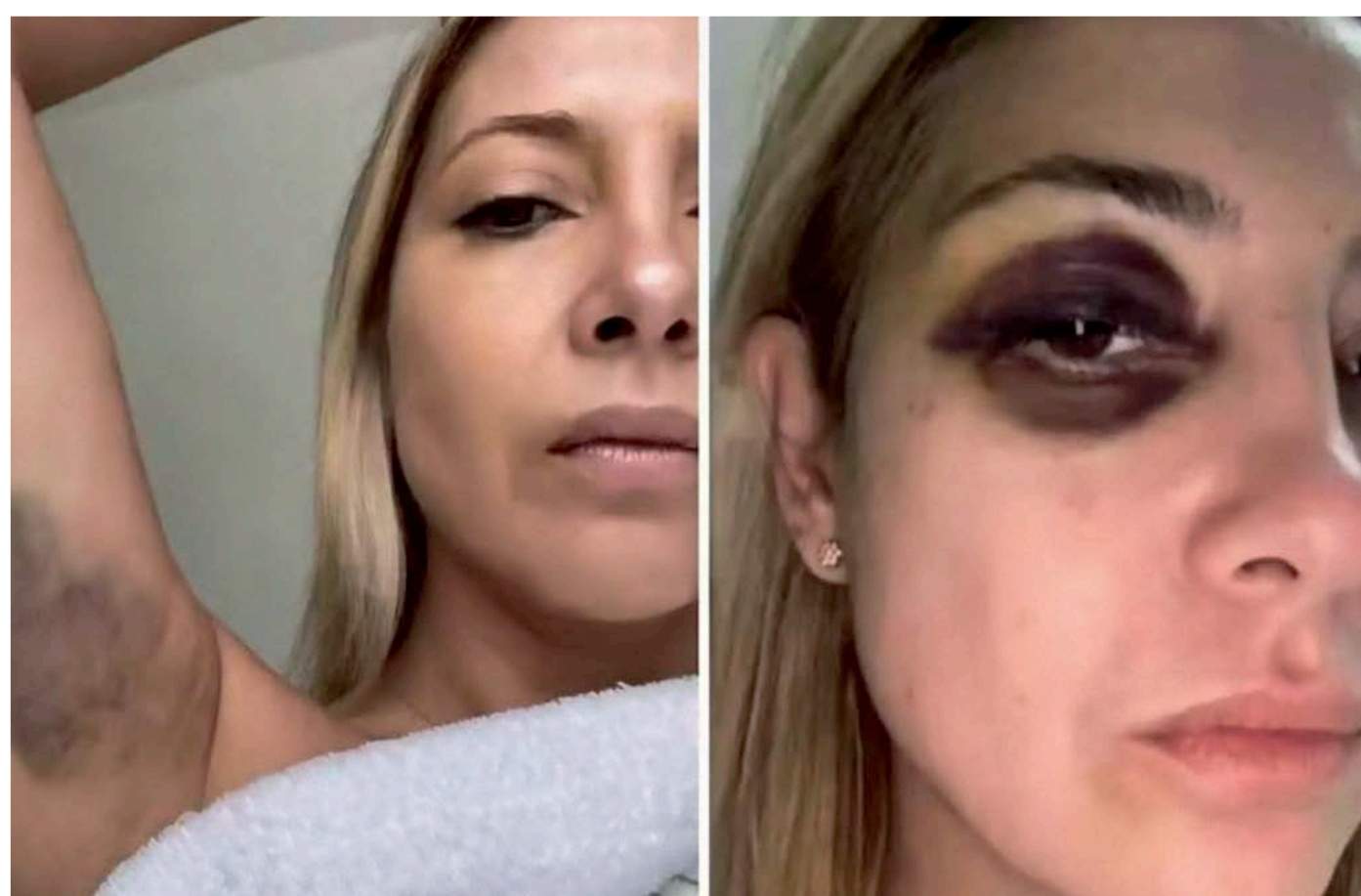
ANATOLIY ZHDANOV/KOMMERSANT/SIPA/AP/IMAGEPLUS

O PRESIDENTE E O MONSTRO

Investigação de corrupção contra Alberto Fernández revela que o ex-presidente argentino agredia a esposa enquanto exercia seu desastroso mandato **RICARDO FERRAZ**

HECTOR VIVAS/GETTY IMAGES

REPRODUÇÃO/INFOBAE

DUAS CARAS Fernández e Fabiola em evento oficial *(acima)* e as fotos da agressão, em 2021: "Faz três dias que você me bate", disse a ex-primeira-dama

QUANDO DEIXOU a Casa Rosada em dezembro do ano passado, sob reprovação de 80% do eleitorado e uma inflação de 150% ao ano, Alberto Fernández buscava um destino melancólico, mas usual entre os chefes de Estado impopulares: dar tempo ao tempo, até que um contexto menos desfavorável lhe permitisse reescrever a própria biografia. O plano incluía até aulas na universidade Aleph, em Madri, mas foi atropelado por um escândalo. Ao que tudo indica, Fernández tinha por hábito espancar a mulher com quem viveu por oito anos, em pleno exercício do cargo.

O caso veio à tona durante a investigação da participação dele em um esquema de corrupção na divisão de seguros do Banco de la Nación, instituição financeira estatal. Ao apreender o celular de uma secretária da Presidência da República cujo marido também estaria envolvido na tramoia, os investigadores descobriram mensagens de texto da ex-primeira-dama, Fabiola Yáñez, ao então marido. “Faz três dias que você me bate”, escreveu.

O aparelho também continha fotos dela com hematomas no rosto e no braço. De acordo com a imprensa portenha, a agressão ocorreu em 2021, na Quinta de Olivos. Em crise, Fabiola e Fernández estariam separados, mas mantinham as aparências, com ela ocupando a ala da residência oficial destinada aos hóspedes. Durante uma discussão acalorada, o presidente partiu para as vias de fato e só parou de bater em Fabiola quando dois funcionários públicos se interpuseram entre os dois.

Mesmo se tratando de alguém afastado do poder, o entrevero agitou a política argentina. Javier Milei, crítico feroz dos movimentos feministas, não perdeu a chance de dançar um tango sobre a pauta identitária do peronismo, que chegou a levar até a linguagem inclusiva para os comunicados oficiais. "A solução para a violência contra as mulheres não é culpar os homens por serem homens", declarou na plataforma X. Diante da repercussão negativa, políticos da União pela Pátria viraram as costas para o companheiro de partido e apresentaram uma representação solicitando que as investigações prossigam. Eleita como vice de Fernández, Cristina Kirchner atacou o ex-aliado, mas defendeu o próprio campo político, alegando que "a violência contra a mulher não tem bandeira partidária". Acuado, o ex-presidente concedeu uma entrevista ao *El País,* em que se limitou a afirmar que jamais bateu na mulher, mas sem oferecer uma explicação plausível para o ocorrido. "O episódio aprofunda o processo de descrença na política que está em marcha na Argentina desde as eleições", diz o cientista político Daniel Montoya.

Fernández e Fabiola se conheceram em Palermo, em 2013, quando o político deu uma palestra na universidade onde ela estudava. A jovem pediu para fazer uma entrevista para um trabalho acadêmico e os dois começaram a namorar. A diferença de idade de 22 anos não foi um impeditivo. Em depoimento à Justiça, a ex-primeira-dama contou que, em 2016, o parceiro, com quem nunca se casou formalmente, a obrigou a fazer um aborto. Depois disso, ela se tornou

dependente de álcool. Originalmente, a crise que descambou para a pancadaria estaria relacionada a fotos de mulheres nuas que Fernández mantinha no celular e que foram reveladas por acaso, enquanto Francisco, o filho de 2 anos e meio do casal, brincava com o aparelho. A história envolve até uma radialista local com quem o ex-presidente teria tido um relacionamento extraconjugal. Fernández está impedido de sair do país e de se aproximar de Fabiola, e pode ficar até seis anos preso, em caso de condenação. A Justiça decidirá, mas o público já tem seu veredito. ■

Com reportagem de Paula Freitas

VILMA GRYZINSKI

OS SANDINISTAS ENSANDECIDOS

Não há limites para a loucura do poder de Rosario e Daniel Ortega

AS PERVERSIDADES doentias do casal nota vinte — em abusos — da Nicarágua parecem saídas do manual do caudilho latino-americano enlouquecido. Rosario Murillo e Daniel Ortega expulsaram do país as freiras da ordem de Madre Teresa de Calcutá, prenderam um bispo, insultaram o papa, proibiram procissões, tomaram a maior universidade católica do país, deportaram em massa os nomes mais destacados da oposição, fecharam todos os jornais, expurgaram velhos companheiros, encarceraram o irmão de Ortega, baniram o Rotary Club, proscreveram os escoteiros e hostilizaram até a Miss Universo, a linda nicaraguense Sheynnis Palacios, impedida de voltar a seu país. A expulsão do embaixador brasileiro faz parte do nefasto processo de deterioração dessa dupla possuída pelo mais tóxico dos venenos, o poder absoluto. A única coisa que não se pode dizer sobre eles é que não se sabia o tipo de caráter sórdido que têm. Ortega abusou da enteada durante doze anos; Rosario se voltou contra a própria filha, chamando-a de “mal-agradecida”. As denúncias foram feitas no lon-

gínquo ano de 1998. Zoilamérica Narváez contou de forma detalhada e irretorquível como foi seu calvário. Os abusos começaram quando ela ainda nem tinha 10 anos; aos 15, a violação passou para o estágio da penetração. Abrangeram o período em que Ortega era o chefe exilado dos guerrilheiros sandinistas e, posteriormente, o presidente da nova Nicarágua, onde não existia mais a ditadura dos Somoza e a esquerda mundial celebrava um regime promissor formado por estudantes, escritores e poetas. Aliás, nem era preciso ser de esquerda para sentir alívio por um país onde a praga dos Somoza havia acabado, com o ditador original tendo se tornado conhecido pela frase: "Vocês ganharam a eleição, mas eu ganhei a apuração".

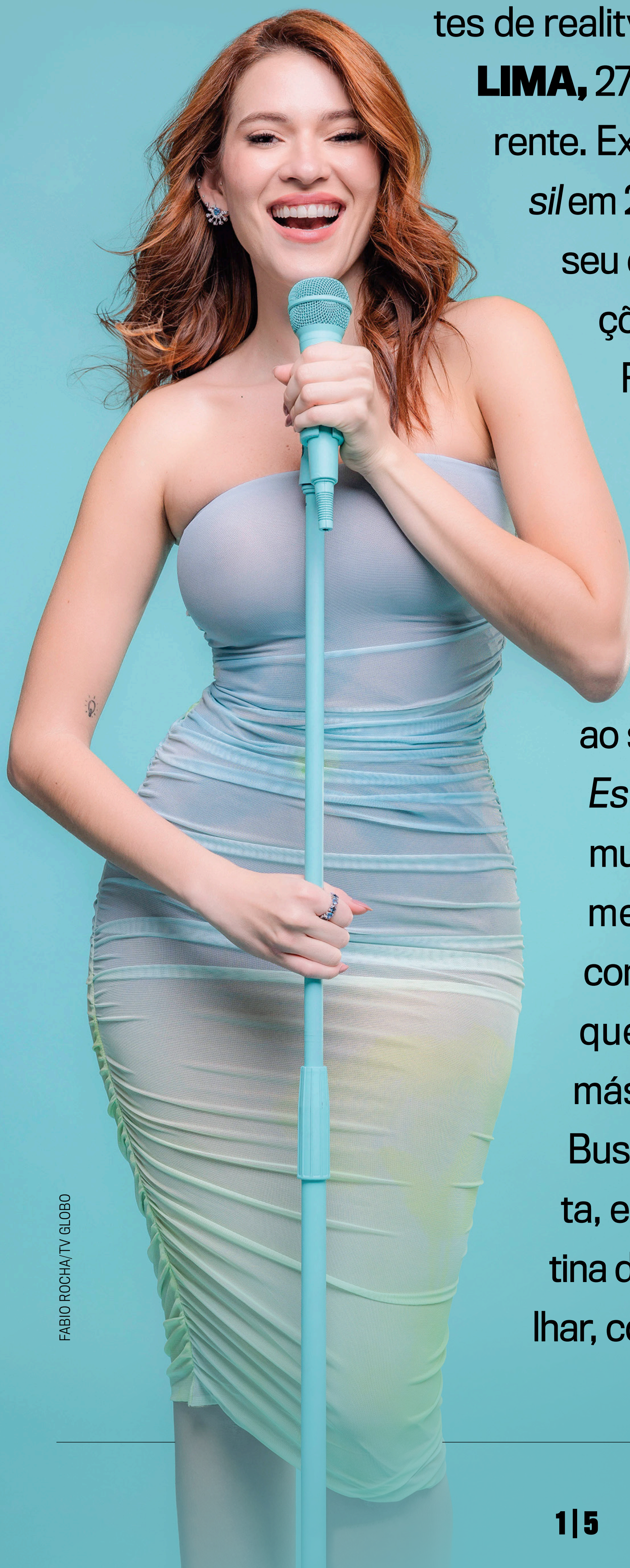
"La Bruja e 'el coma-andante' só podem fazer mal aos nicaraguenses e aos iludidos esquerdistas que continuam a apoiá-los"

O ódio à Igreja católica começou em 2018, quando houve manifestações de protesto, reprimidas com tiros na cabeça, e os bispos simpatizantes da mudança se ofereceram para intermediar um diálogo. Dom Rolando Álvarez chegou a enfrentar a tropa que o cercava na cidade de Matagalpa, com o Santíssimo Sacramento na mão. Acabou condenado a uma pena insana de 26 anos de prisão, sendo depois deportado. O mesmo destino seguiram outros oito padres na semana passada, levando o total a 151. O papa Francisco, conhecido simpatizante do esquerdismo à moda latino-americana, pediu discretamente a intervenção do presidente Lula em casos desse tipo de perseguição. Ortega aproveitou que o embaixador brasileiro não foi à comemoração de uma data revolucionária e rompeu com um aliado da estatura de Lula. É a prova de que o despotismo chegou ao inevitável ponto em que aperta o botão da autodestruição. Com o detalhe de que a Nicarágua, ao contrário da Venezuela, onde o mesmo processo se desenvolve, não tem recursos naturais, projeção geopolítica ou instrumento de pressão que não seja o atalho que abriu para lucrar com a imigração de cubanos para os Estados Unidos. La Bruja, ou a Bruxa, como Rosario é chamada, e seu marido — cada vez mais ela, louca para ser a sucessora, do que ele, velho, isolado e apelidado, à cubana, de "el coma-andante" — só podem fazer mal aos nicaraguenses e aos iludidos esquerdistas que continuam a apoiá-los. "Ortega e Somoza são a mesma coisa", cantavam os manifestantes reprimidos. Ou coisa pior. ■

VALMIR MORATELLI

DOCE REALIDADE

Deixar o rol das subcelebridades e passar a integrar o panteão das estrelas de primeira grandeza é o sonho de dez entre dez participantes de reality shows, e com **ANA CLARA LIMA,** 27 anos, a coisa não foi muito diferente. Ex-integrante do *Big Brother Brasil* em 2018, ela passou anos buscando seu espaço em pequenas participações das transmissões do Rock in Rio, para o Multishow, em pontas para o *The Voice Brasil* e até em programetes da internet cuja missão era traçar profundas análises sobre... realities. A maré só virou recentemente, ao ser convidada para comandar o *Estrela da Casa*, novo programa musical da TV Globo. "Quando comecei, queria mesmo trabalhar como atriz em novelas, mas admito que não conseguiria vestir uma máscara para fazer meu trabalho. Busco a vida real", justifica a novata, empolgada até com a pesada rotina de gravações. "Agora é só trabalhar, comer e dormir", comemora.

FABIO ROCHA/TV GLOBO

PROVA COM OBSTÁCULOS

Com o fim dos Jogos Olímpicos de Paris, Anne Hidalgo, prefeita da Cidade Luz, sai de cena para dar lugar sob os holofotes a **KAREN BASS,** 70 anos, alcaide de Los Angeles, que sediará o evento em 2028. "Espero que juntas enviemos mensagem às meninas de todo o mundo de que elas podem concorrer à medalha de ouro ou a cargos públicos", disse Karen, ao receber o bastão da colega, com quem divide afinidades ideológicas. Simpatizante de Fidel Castro, a democrata integra a ala dos políticos mais progressistas de seu partido. Para ver a pira olímpica ser acendida sob sua gestão, porém, ela terá de se reeleger daqui dois anos e enfrentar problemas como o aumento da população de rua e da violência. Os eleitores e o rigoroso Comitê Olímpico Internacional estão de olho.

INSTAGRAM @KARENBASSLA

NEW YORK COUNTY COURTHOUSE

GARY GERSHOFF/GETTY IMAGES

SEM PASSE DE MÁGICA

Acostumado a sumir da vista do público em um piscar de olhos, **DAVID COPPERFIELD,** 67 anos, não conseguiu escapar da mira da implacável Justiça americana. O ilusionista está sendo processado pelo conselho de administração do Galleria Condominium, um arranha-céu de luxo em um dos pontos mais caros de Nova York, por transformar seu sofisticado apartamento em uma pocilga. Segundo a ação, as paredes estão descascadas, partes do teto desmoronaram e o mofo tomou conta de tudo. “Danos graves apresentam riscos à estrutura de concreto do edifício e colocam em perigo outros apartamentos”, alega a acusação, que desde 2018 tenta contatar o proprietário. Não tem mágica que resolva para se livrar do processo. David terá de desembolsar 2,5 milhões de dólares.

DIFERENTE DOS CONTOS DE FADAS

Após treze anos de casamento com a princesa de Mônaco **CHARLENE,** 46 anos, o **PRÍNCIPE ALBERT,** 66 anos, praticamente confirmou os rumores de infelicidade que cercam a vida do casal, ao contar como conheceu a esposa. O encontro é uma decepção para quem aposta no amor à primeira vista, tal como nos contos de fada. Os dois estiveram juntos pela primeira vez em 2000, em um evento da Federação de Natação de Mônaco, mas só trocaram alianças onze anos mais tarde. "Não sei se nos apaixonamos naquela época. Ela era uma excelente nadadora. Parecia amigável, alegre e acessível", disse Albert para a revista *Paris Match*. Mãe dos gêmeos Jacques e Gabriella, 9 anos, a ex-atleta olímpica, que chegou a ser internada nos últimos anos para tratar da saúde mental, manteve silêncio sobre as revelações do marido.

VALERY HACHE/AFP

UM ROTEIRO PARA GANHAR A TELONA

Intérprete de José Augusto, primogênito de José Inocêncio (Marcos Palmeira) em *Renascer*, da TV Globo, **RENAN MONTEIRO,** 38 anos, costuma começar as entrevistas avisando: "Minha vida daria um filme". O ator perdeu a mãe biológica, Maria Rita, quando ainda era criança, e foi levado por vizinhos, aos 7 anos, a fazer teatro no grupo Nós do Morro, na comunidade do Vidigal, no Rio. Lá, foi acolhido por quem se tornaria sua mãe adotiva, a atriz e cantora Dhu Moraes. "Como num reencontro que remete a vidas passadas, ganhei uma mãe. O buraco que caminhava comigo foi preenchido assim que a gente se conectou", diz. Quando terminar as gravações, Renan pretende de fato investir no roteiro de sua história, em um longa-metragem. "Quero contar a minha trajetória a partir da história de minha avó, uma indígena que foi laçada no mato", planeja. ■

INSTAGRAM @EURENAN.MONTEIRO

COM AS PRÓPRIAS MÃOS

Os jovens da geração Z, nascidos no ambiente digital, buscam em ofícios tradicionais, como marcenaria e tricô, hobbies e oportunidades de carreira

ANDRÉ SOLLITTO, SIMONE BLANES
E **VALÉRIA FRANÇA**

ISTOCK/GETTY IMAGES

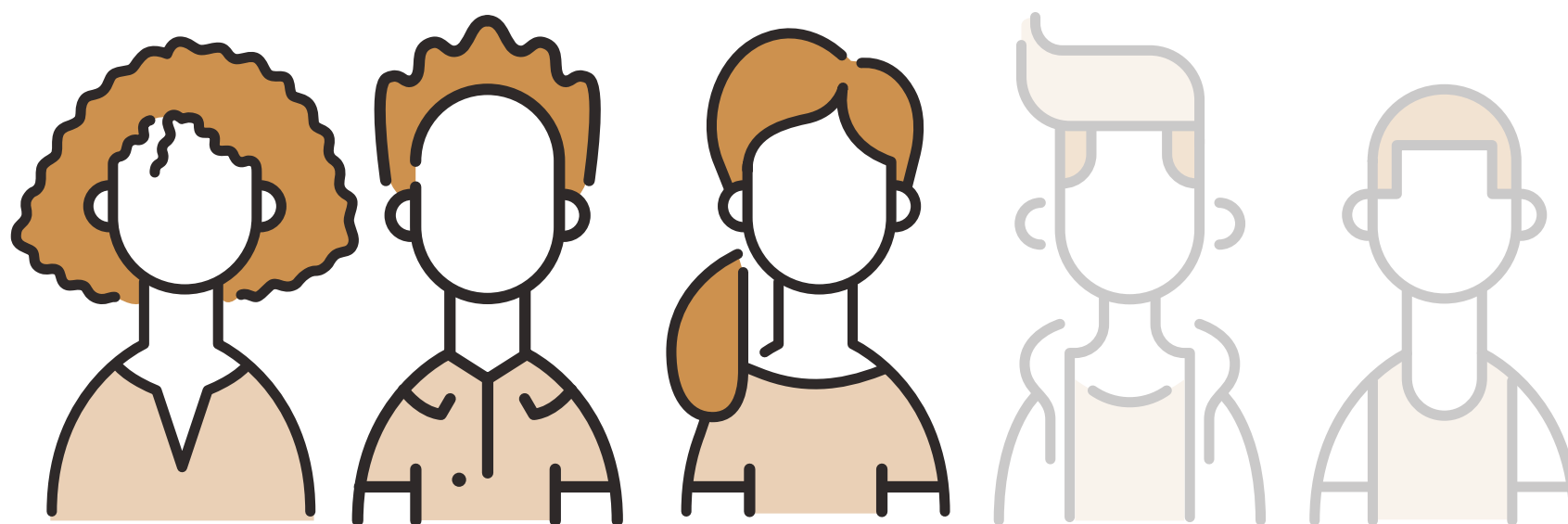
NA PRÁTICA Bancada de marcenaria: descoberta do valor de aprender diferentes habilidades

Houve um tempo, não tão distante, na pré-história antes da internet, em que fazer pequenos reparos ou construir algo com as próprias mãos era banal. Qualquer casa tinha um conjunto de ferramentas disponível para o trabalho que aparecesse, de consertos na porta da garagem à necessidade de abrir um eletrodoméstico problemático. Com o tempo, essa habilidade foi se perdendo. As ferramentas deram lugar aos computadores. E o trabalho intelectual, exercido nos cubículos dos escritórios, tornou-se a norma. "O declínio no uso de ferramentas provocou uma mudança na maneira como nos relacionamos com nossas próprias coisas, mais passivo e mais dependente", escreve o pesquisador americano Matthew B. Crawford em *Shop Class as Soulcraft,* ainda inédito no Brasil. "O que antes as pessoas consertavam, hoje elas substituem completamente ou contratam um especialista para reparar."

Há, contudo, um interessantíssimo movimento de retomada de práticas antigas. Membros da geração Z, justo eles, com pouco mais de 20 anos, nascidos em um ambiente já completamente digital, ensaiam um retorno ao mundo manual. Não se trata de uma ruptura total com a tecnologia, mas da busca de algum descanso diante de tanta conexão. Não é, reafirme-se, uma espécie de neoluddismo, como o daqueles personagens que protestavam contra os teares na gênese da Revolução Industrial. Três em cada cinco jovens, hoje, afirmam ter vontade de desligar um

pouquinho do wi-fi, de acordo com uma pesquisa feita pela consultoria especializada Mintel. Que tal, então, fazer algo com as próprias mãos, que não seja tocar no TikTok? Dois bons exemplos dessa tendência vêm do mundo do esporte, e despontaram na Olimpíada de Paris. O britânico Tom Daley, medalha de prata na plataforma de 10 metros sincronizada, é conhecido pelos suéteres de tricô que produz. Tem até conta no Instagram exclusiva para exibir suas criações. A japonesa Ami Yuasa, ouro na estreia do breaking nos Jogos Olímpicos, separa tempo para crochetar casacos, gorros e outras peças de roupa. No esporte (es-

A VIDA OFF-LINE

Membros da geração Z ensaiam uma nova postura

3 EM CADA 5 JOVENS QUEREM ESTAR MAIS DESCONECTADOS

Fonte: *Mintel*

GUSTAVO SARMENTO

TRADIÇÃO A estilista Martha Medeiros: valorização dos rendados

porte?) que ela representa, a moda anda junto com a técnica de dança. Os dois mostram que é possível aliar a boa performance atlética com outros interesses, que não seja apenas viralizar nas redes sociais.

Muitas vezes, esse aprendizado começa como hobby. A estudante Andressa Silva Xavier, de 18 anos, integra o grupo de jovens artesãos do Vale do Jequitinhonha, formado por 55 municípios mineiros, que se destaca pelo trabalho com a cerâmica, entre outras atividades culturais. A região ficou conhecida pelos filtros de barro em formato de cactos, pelas bonecas e objetos decorativos, vendidos nas feiras da região e para lojas de São Paulo e Rio de Janeiro. “O artesanato é uma terapia”, diz Andressa. “Quando você entra no

DIVULGAÇÃO

MENTE LIMPA Cerâmica do Vale do Jequitinhonha: prática de desconexão

Instagram, no X, no Facebook, sua cabeça fica a milhão. É tanta informação que não dá nem para pensar. Mas, quando estou fazendo uma peça de artesanato, eu aproveito para refletir. Desintoxica a mente", diz ela. Simples assim.

Há também uma vontade de entender como as coisas são feitas e, se possível, aprender algumas técnicas. Thiago Endrigo, artesão, trabalha há cerca de duas décadas com a madeira e os chamados "fazeres tradicionais". Criou o projeto Saber com as Mãos com a mulher, a educadora Giulia Ciavatta, para pesquisar e divulgar essas práticas. Hoje, dá aulas em escolas particulares, em unidades do Sesc e no próprio ateliê para públicos diversos. Percebe, cada vez mais, a alegria de quem se vê capaz de criar algo com as

PATRICK KHACHFE/GETTY IMAGES

AGULHAS
O britânico Tom Daley: medalha de prata em Paris na plataforma: blusas de tricô

INSTAGRAM @TOMDALEY

próprias mãos, a partir de matéria bruta. Um exemplo fundamental são as peças de marcenaria. “Você serra um pedaço de madeira e aplaina ou lixa e põe um acabamento. É simples. Mas, de repente, algo que não existia no mundo passa a existir e foi você quem trouxe aquilo ali”, afirma. Parece banal, pensamento um tantinho vago, mas alcançar algo concreto e palpável, em tempo de tanta efemeridade, virou quase um prêmio à inteligência do ser humano, um aceno a capacidades perdidas.

Em outros casos, o que começa como mera curiosidade pode evoluir para a descoberta de um novo caminho profissional. A estilista Martha Medeiros conta que, quando começou sua carreira no mundo da moda, a renda era associada a algo antigo, pouco afeito às passarelas. Conseguiu mudar a situação e levar o trabalho das rendeiras do sertão nordestino para o mundo. Montou uma escola para capacitar profissionais e chegou a ter 400 artesãos atrelados a sua marca. “Vejo um movimento dos jovens querendo produzir as coisas com as mãos”, diz Medeiros. É fundamental, sim, que todos saibam o valor desse trabalho. “Uma menina que faz ponto-cruz tem que saber que ela não precisa viver só dos 200 reais que ganha ao fazer uma bolsa. Ela pode ganhar 500, 600, 700 reais por bordado, tirando duas horas do seu dia, sem deixar de estudar”, afirma a estilista. Iniciativas como essa ajudam a manter viva a cultura de geração para geração, atropelada pelo pá-pum de Stories, que somem logo ali na frente.

DEAN MOUHTAROPOULOS/GETTY IMAGES

ESTILO
A japonesa Ami Yuasa: ouro no breaking da Olimpíada: ela faz as próprias toucas e blusas de lã

INSTAGRAM @GFC_AMI

DIVULGAÇÃO

NA MASSA A escola Le Cordon Bleu em São Paulo: jovens são 23% dos inscritos

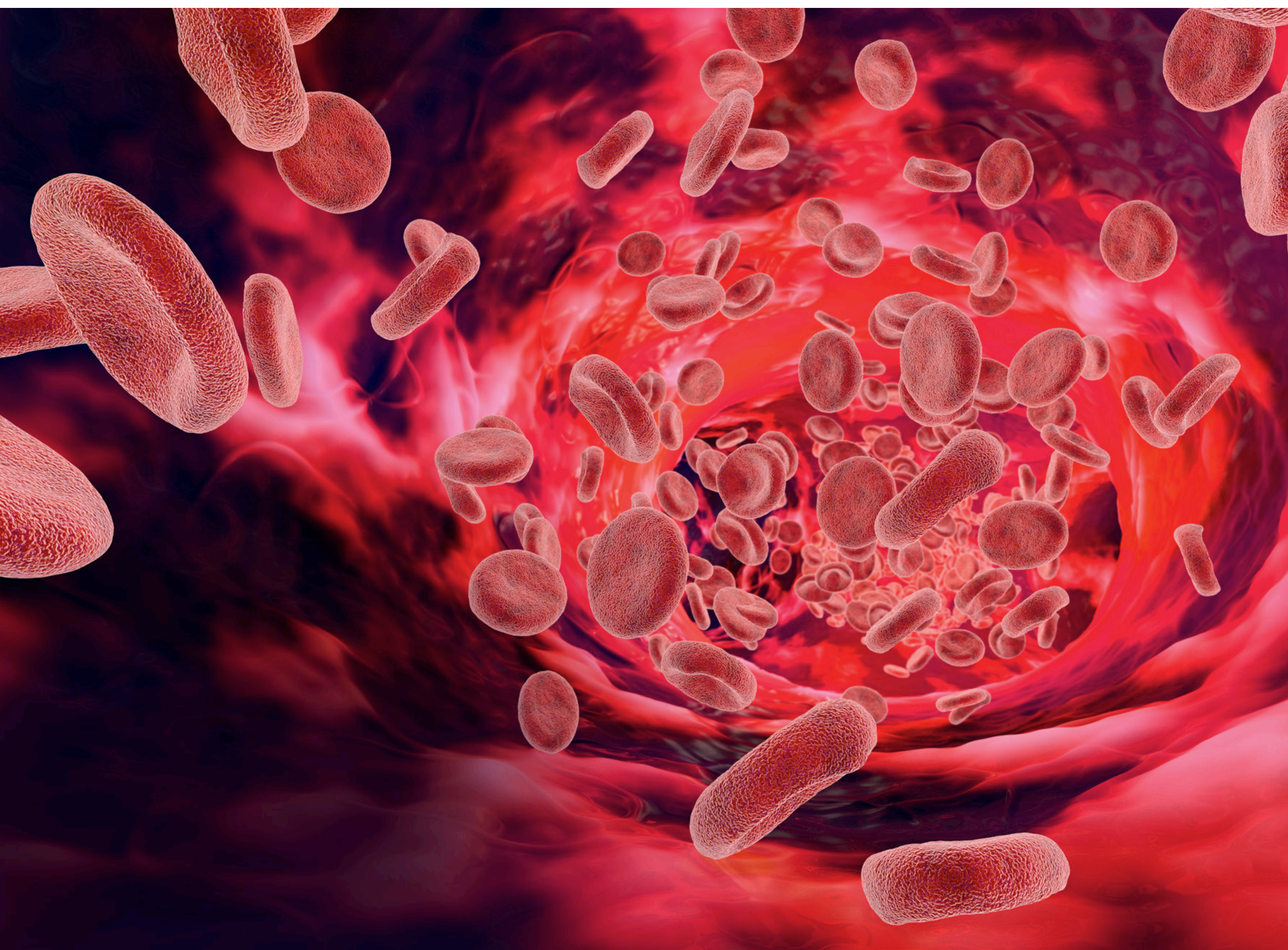
Por muito tempo, os ofícios manuais foram vistos como ocupações de menor prestígio. Com exceção de alguns artesãos de destaque, trabalhar com as mãos era algo para quem não tinha ensino superior. Mas a situação vem mudando de forma acelerada. Nos Estados Unidos, dados apontam que a busca por um diploma universitário deixou de ser prioridade para 39% dos jovens, e 46% acreditam que a universidade não vale o que custa, segundo estudo feito pelo site Business Insider em parceria com o instituto de pesquisa YouGov. Para eles, a alternativa é buscar profissões que alguns anos atrás eram considera-

das “menos nobres”. Na construção civil, por exemplo. A procura por cursos vocacionais em universidades comunitárias americanas — desplugados da tomada — cresceu 16% em 2023 em relação ao ano anterior, de acordo com o National Student Clearinghouse, órgão que fornece dados sobre o ensino superior.

A cozinha talvez seja o ambiente mais propício para verificar essa postura ao avesso do esperado para a geração conectada. A sede brasileira da centenária escola francesa de gastronomia Le Cordon Bleu tem registrado o aumento de jovens entre 18 e 27 anos matriculados nos cursos regulares e de curta duração. Neste ano, eles representam 23% dos inscritos. Em 2022, eram 12%. “Hoje a gastronomia já é a primeira escolha de muitos vestibulandos que acabaram de concluir o ensino médio”, diz Rosa Moraes, responsável pelas relações institucionais da Le Cordon Bleu São Paulo. “É claro que a carreira foi impulsionada também por outros fatores, entre eles, a projeção que muitos chefs alcançam na imprensa a ponto de se tornarem celebridades.” O fenômeno de popularidade dos astros da cozinha não é novidade. Contudo, o renovado interesse dos jovens por cozinhar é.

Direto ao ponto: não há uma revolução nem adeus a toda tecnologia que nos trouxe até aqui e nos levará longe, debruçados em smartphones. Não será assim. Mas convém seguir o bonito conselho de Carlo Levi (1902-1975), poeta e pintor italiano: “O futuro tem um coração antigo”. ■

RESPOSTAS NA VEIA

Avanços na biotecnologia abrem caminho a exames de sangue simples que são capazes de rastrear e detectar precocemente doenças complexas como Alzheimer e câncer **LIGIA MORAES**

BIOMARCADORES Pistas circulando: técnicas permitem caçar de proteínas a fragmentos de DNA de um tumor

JONATHAN KITCHEN/THE IMAGE BANK/GETTY IMAGES

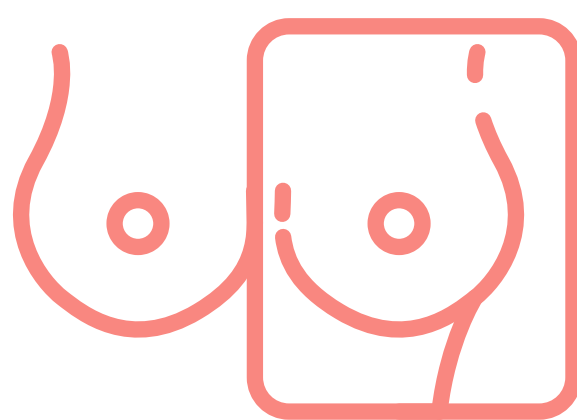
NÃO É DE HOJE que os médicos sonham com a perspectiva de diagnosticar, de forma rápida e precisa, problemas de saúde potencialmente graves por meio de algumas gotas do líquido que corre nas veias. Esse anseio está virando realidade com uma nova safra de testes laboratoriais. Baseados em uma pequena amostra de sangue, eles pretendem flagrar males que hoje em dia exigem intervenções mais invasivas e caras. Entre os alvos da inovação biotecnológica, cada vez mais próxima da prática clínica, destacam-se dois grupos de doenças que tiram o sono de profissionais e pacientes: as demências e os tumores. Outras patologias, porém, já entraram na mira dos pesquisadores. É possível que, em alguns anos, até outros transtornos mentais e distúrbios do sono possam ser dedurados por uma coleta de sangue.

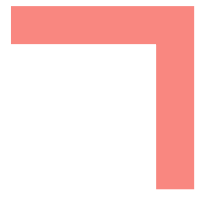
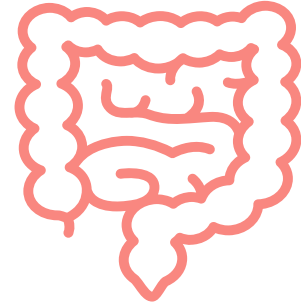
Exemplo dessa tendência é um teste para detecção de Alzheimer que causou burburinho entre os especialistas. Em estudo publicado pela Associação Médica Americana, o novo exame demonstrou 90% de acurácia no diagnóstico de pessoas com sintomas como perda de memória recente. O método analisa duas proteínas que estorvam o cérebro, levando à demência — níveis alterados foram correlacionados ao início do quadro neurológico. Trata-se de uma vantagem e tanto em relação aos métodos atuais, como punção de liquor e PET Scan, mais complicados de fazer e nem sempre disponíveis aos pacientes. “Tornar acessível o diagnóstico da doença é uma prioridade”, diz o

CINCO PROMESSAS

Doenças que poderão ser rastreadas a partir de exames de sangue

ALZHEIMER

O teste analisa, pelo sangue, níveis de determinadas proteínas associadas à degeneração neurológica. Nos ensaios, acertou em 90% das vezes que pacientes com sintomas cognitivos apresentavam realmente Alzheimer

CÂNCER DE MAMA

O método detecta fragmentos de DNA liberados por células tumorais na circulação. Demonstrou 100% de eficácia em prever a recorrência do câncer — e cerca de três anos antes de exames tradicionais

CÂNCER COLORRETAL

O exame também flagra o DNA tumoral no sangue e alcançou 83% de precisão na identificação da doença, quando comparado à colonoscopia. Com ele também foi possível identificar estágios mais precoces do câncer

APNEIA DO SONO

Mede os níveis de homocisteína no sangue, uma molécula que tende a ficar em alta diante do déficit de oxigênio durante o sono. O teste identificaria o risco de desenvolver e agravar a condição, hoje diagnosticada com polissonografia

ESQUIZOFRENIA

Uma tecnologia em estudo caça biomarcadores desse transtorno psiquiátrico, avaliando inclusive a severidade do quadro. Anima os médicos pela capacidade de prever alucinações e delírios, e guiar o tratamento

ISTOCK/GETTY IMAGES

PRATICIDADE Coleta: proposta é tornar diagnóstico mais célere e acessível

neurologista Fábio Porto, diretor científico do braço paulista da Associação Brasileira de Alzheimer. Com o envelhecimento populacional, espera-se um aumento de 200% nos casos de demência na América Latina até 2050.

Identificar com celeridade que os lapsos cognitivos são motivados pelo Alzheimer faz diferença para iniciar o tratamento e tentar conter a progressão da doença, que atinge ao menos 1 milhão de brasileiros. Daí a expectativa em tor-

no do exame de sangue, que passará por outra rodada de pesquisas a fim de validar os resultados animadores. Raciocínio semelhante guia a busca de substâncias na circulação capazes de delatar outras condições que repercutem no cérebro. Nessa direção, cientistas americanos estão desenvolvendo o primeiro teste para prever o risco de esquizofrenia entre pessoas que relatam sintomas como delírio e alucinação — um desafio no consultório dos psiquiatras. No Brasil, uma equipe do Instituto do Sono e da Unifesp trabalha, por sua vez, na criação de um exame de sangue que apura pistas da apneia do sono. O quadro, marcado por interrupções temporárias na respiração em repouso, ameaça, com o tempo, a saúde cardíaca e cognitiva.

Talvez não exista uma área na medicina tão empenhada em revelar os chamados biomarcadores sanguíneos como a oncologia. Atualmente, uma técnica conhecida como biópsia líquida, que detecta pegadas do DNA do tumor viajando pelas artérias, já é utilizada em pacientes em tratamento para conhecer melhor as características da doença e nortear a terapia. O novo passo, que começa a ser dado, é utilizar uma metodologia semelhante para atacar o problema mais cedo. Nesse sentido, a agência regulatória americana acaba de aprovar o primeiro teste do gênero voltado para o câncer colorretal. Por ora, ele é indicado na forma de triagem a pessoas com 45 anos ou mais e maior propensão à doença, e não substitui a colonoscopia — a técnica padrão ouro, apesar do preparo nada agradável. É de se

imaginar que, no futuro, a ferramenta seja incorporada ao rastreamento de um mal em ascensão.

Também progridem as pesquisas com métodos laboratoriais mais simples e aptos a sinalizar o risco de recorrência de um tumor. Na Inglaterra, uma tecnologia já é capaz de prever o risco de retorno de um câncer de mama meses antes de qualquer manifestação perceptível. Em solo nacional, a startup Huna e o Grupo Fleury estão trabalhando numa solução de inteligência artificial que permita a detecção precoce da patologia em cima de dados de um hemograma comum. Invenções como essas terão de ser lapidadas e validadas em estudos robustos, mas abrem fronteiras diante de um leque de doenças para as quais o tempo de descoberta influencia as chances de cura. E isso se torna ainda mais precioso em se tratando de cânceres para os quais não existem protocolos de rastreamento padronizados, como os de ovário e pâncreas. “Quando a biópsia líquida chegar a esses tumores, será algo revolucionário”, diz o oncologista Rodrigo Dienstmann, diretor do Programa de Medicina de Precisão da Oncoclínicas. Eis um sonho que, pelo sangue, está mais próximo de se tornar real. ■

SONHAR É TUDO

A mesa-tenista Bruna Alexandre disputou a Olimpíada e participará também da Paralimpíada

AOS 3 MESES DE IDADE, como todo bebê de pais conscientes, recebi uma vacina BCG no braço direito — para evitar as formas graves de tuberculose. Houve um erro médico, a aplicação foi equivocada. Deu trombose no braço, ficou todo preto, é o que contaram meus pais, e foi preciso amputá-lo na hora. O médico desapareceu. Há alguns anos, decidi processar o hospital e ganhei a causa. Mas não ter um membro é a vida que conheci — e não tenho o que lamentar, cresci assim, sou assim. Fui sempre muito agitada e não ficava quieta, nunca parei para pensar na minha deficiência, acho que nem os outros percebiam. Fazia skate, jogava futebol, andava nas ruas de Criciúma, com amigas e amigos. Chegava em casa só de noite. Aos 7 anos, como meu irmão já praticava tênis de mesa, comecei também a disputar partidas com raquete e bolinha. Logo percebi que gostava, e quem assistia viu que eu levava jeito, tinha facilidade só com a esquerda.

Participei de torneios, ganhei velocidade e técnica, estava indo muito bem, mas parecia uma entre tantas. Às vezes ganhava, às vezes perdia. Até que, aos 13 anos de idade, fui convidada a treinar com atletas paralímpicos. Aí dei um salto real, me destaquei, sou reconhecida e respeitada. Tenho 29 anos, já ganhei três medalhas de bronze e uma de prata nos Jogos Paralímpicos do Rio de Janeiro e de Tóquio. No começo do ano, depois de resultados muito bons em campeonatos internacionais, inclusive no Mundial, fui convocada para a Olimpíada de Paris. Não acreditei, e vou dizer uma verdade: ao entrar no ginásio, para o torneio por equipes, cheguei a chorar um pouquinho. Fiquei realmente emocionada. Como assim, numa Olimpíada? E sei estar fazendo um pouquinho de história, ao disputar as duas competições, uma logo depois da outra.

As pessoas agora querem saber: qual a diferença entre as partidas de um torneio e de outro? Bem, antes de explicar, preciso contar que sair da Vila dos Atletas em Saint-Denis para passar um tempo em hotel e depois fazer a aclimatação paralímpica em Troyes, uma cidade a 150 quilômetros de Paris, é bom, não vou mentir. Aquela cama de papelão é muito dura, desconfortável. Já estava com o corpo dolorido. Mas o que posso dizer das diferenças? Numa Olimpíada, é mais complicado. Há mais concorrência, mais estilos, é tudo mais agressivo, mais físico. É preciso atacar a toda hora. Mas, sem um braço, completamente amputado, tenho alguma dificuldade de equilíbrio. Faz diferença em

altíssimo nível. Já na Paralimpíada, como as adversárias também têm um pouco de problema de equilíbrio, como eu, há mais possibilidade de controlar o jogo — há tempo para pensar. É realmente mais lento e mais pensado.

Tudo somado, quando me vejo aqui em Paris, e no fim de agosto estarei de volta, mesa-tenista olímpica e paralímpica ao mesmo tempo, deito a cabeça no travesseiro e penso: sonhar é tudo, é assim que conseguimos as coisas. Fiquei muito tempo longe da família, moro sozinha em São Paulo — e me viro bem, só não cozinho porque não sei cozinhar, então compro pronto ou como fora. Foi uma série de sacrifícios. Mas cheguei lá. Ter podido estar ao lado da Simone Biles e da Rebeca na Vila, que privilégio... Mas, olhe, não penso só no tênis de mesa, mas em todas as pessoas com deficiência no Brasil. Fico muito feliz de representá-las e mostrar que tudo é possível. E isso também não é uma conquista só minha, mas de todos que trabalham comigo, como técnicos, o pessoal da Confederação Brasileira de Tênis de Mesa, do Comitê Paralímpico Brasileiro, do Comitê Olímpico do Brasil. Fico feliz por esta oportunidade. Se uma única criança me tiver como exemplo, que bom. ■

Depoimento a Fábio Altman, ***em Paris***

UM MUNDO SÓ DELAS

Com mais mulheres planejando viajar sozinhas ou em grupos exclusivamente femininos, as agências especializadas ajudam a movimentar um mercado que cresce **MARÍLIA MONITCHELE**

MARIO MARTINEZ/MOMENT/GETTY IMAGES

LIBERDADE Viajantes solo: pesquisas apontam que 39% das brasileiras planejam visitar um destino sem companhia

O BONITO DA VIDA, muitas vezes, é o sucesso de ideias surgidas por acaso. Em 2013, depois da morte do marido, a empresária Consuelo Ruiz decidiu tirar um período sabático para realizar o antigo sonho de fazer um mochilão pela Europa e pelos Estados Unidos, solitária. Durante uma tarde ensolarada de verão na Provence francesa, com uma taça de vinho branco em mãos, ela teve uma epifania. “Pensei que seria bom poder proporcionar essa mesma sensação para mulheres que não se sentem confortáveis viajando sozinhas”, conta. E assim nasceu o primeiro esboço de Viagens para Mulheres, agência especializada em roteiros exclusivos para o público feminino. Prestes a completar dez anos, a iniciativa é um capítulo vigoroso de uma tendência crescente que movimenta a indústria do turismo.

Em 2023, 30% das viagens realizadas pelo grupo CVC foram feitas exclusivamente por mulheres, de acordo com dados divulgados pelo Ministério do Turismo. Estatística da Booking, plataforma de reservas de hotéis, revela que 39% das viajantes brasileiras planejam uma jornada “antes só do que mal acompanhada”. “Há um interesse crescente entre as mulheres por esse tipo de serviço”, diz Ana Carolina Medeiros, presidente da Associação Brasileira de Agências de Viagens. “A demanda por viagens solo ou entre amigas, colegas, mães e filhas tem se expandido nos últimos anos, e esse já é um dos segmentos mais promissores do mercado.”

O movimento é interessante demais para ser desdenhado. Representa um aceno aos direitos das mulheres, no

MINT IMAGES/GETTY IMAGES

avesso do preconceito. É democratização necessária, uma janela de oportunidades que nunca deveria excluir metade da sociedade. Um dos pilares é o desenvolvimento de experiências que garantam passeios de qualidade, é evidente, mas que também entreguem respeito. “As mulheres sentem-se vulneráveis em experiências turísticas convencionais”, diz Alan Guizi, professor do curso de hotelaria e turismo da Universidade Anhembi Morumbi. No universo masculino, só poderia haver acolhimento e hospitalidade com os homens à frente e as parceiras em posição secundária, de meras acompanhantes — tolice que precisa ser corrigida, de mãos dadas com os novos humores de igualdade.

DIVULGAÇÃO

SURPRESA Marrocos *(à esq.)* e Tailândia: mesmo em países de histórico machista as experiências já funcionam bem

A travessia é longa, ainda — e o principal nó, ressalte-se, é o da segurança. “Homens viajam tranquilamente sozinhos”, diz a empresária Dandara Degon, cofundadora da Woman Trip. “Mulheres, infelizmente, ainda não têm essa liberdade de ir e vir, preocupadas com assédio.” Por essa razão, a agência se empenha em fornecer o máximo de informações sobre os destinos escolhidos, como detalhes sobre normas de comportamento locais e vestimentas apropriadas, e com seleção de roteiros que garantam comodidade e certezas.

Quem experimenta esses serviços não costuma se arrepender. A paixão por viagens, a falta de companhia e a

busca por segurança levaram a psicóloga Lucia Bocardo Batista a procurar pacotes específicos. Depois de ficar viúva, em 2019, ela tentou viajar com os filhos ou as amigas, mas os planos nunca se concretizavam. Depois de acompanhar por um ano uma agência de turismo para mulheres nas redes sociais, decidiu embarcar em uma viagem ao Marrocos, em 2022. “Não conhecia ninguém, mas criei coragem e fui”, relembra. No ano seguinte, Lucia repetiu a experiência, dessa vez para a Tailândia. E, neste ano, juntou-se novamente ao grupo para explorar os Bálcãs e a Croácia. Deu tudo certo, tanto do ponto de vista prático, de movimentações e descobertas, quanto da autoestima.

Há quem, depois de navegar pelas excursões 100% femininas, tenha dado um passo atrás — e se arrependeu. A advogada Alzira Gomes, que já trilhou meio planeta Terra em grupos de mulheres, recentemente foi para a Escócia em um grupo misto, de pacote tradicional. Não funcionou, segundo ela. “Não gostei do roteiro, não gostei do uso do tempo, foi complicado”, diz, decepcionada. No ano que vem está decidida a retomar a companhia de turmas formadas apenas por mulheres. “Recomendo para todo mundo”, afirma. “É uma forma de você ser livre.” Não há dúvida: se o lugar da mulher é onde ela quiser, por que não pelo mundo, mesmo em países de histórico machista, como o Marrocos? A realidade, contudo, ainda colide com as expectativas, e em muitos lugares a misoginia que brota nas ruas segue sendo um obstáculo, infelizmente. Mas os tempos estão mudando. ■

UM CONQUISTADOR NOS TRÓPICOS

Pesquisador brasileiro resgata os planos secretos de Napoleão Bonaparte para invadir o Brasil, o que reforça a sanha expansionista do líder militar francês **MARÍLIA MONITCHELE**

COMANDANTE Bonaparte em ação: ele dominou da Espanha a Moscou

LEEMAGE/AFP

COMANDANTE militar mais famoso da história, Napoleão Bonaparte (1769-1821) ascendeu ao poder em 1799, aproveitando-se da instabilidade política na França após a revolução, e iniciou um ambicioso projeto de modernização que centralizou o governo em torno de seu espectro. Com um claro viés expansionista, travou batalhas sangrentas por toda a Europa, estabelecendo um império que, em seu auge, se estendia da Espanha até Moscou. Sua sede de poder era tão insaciável que, por volta de 1812, as únicas regiões que escapavam ao seu domínio ou influência eram a Grã-Bretanha, o Império Otomano, a Suécia e Portugal. Contudo, nunca se imaginou que alguém tão fascinante para a história mundial pudesse nutrir o desejo oculto de conquistar também o Brasil.

Essa intenção permaneceu oculta por 200 anos até ser finalmente revelada por um exaustivo e rigoroso processo de pesquisa. O historiador brasileiro Marco Morel analisou documentos pertencentes ao Arquivo Nacional da França e Arquivo Histórico do Ministério da Defesa do país, onde jaziam praticamente ignorados. Morel organizou a papelada e apresentou tudo no novo livro *O Dia em que Napoleão Quis Invadir o Brasil* (Vestígio), que começou a ser produzido nos anos da pandemia e só agora foi concluído.

O autor relata que, entre 1796 e 1808, um período de doze anos que abrangeu do final da Revolução Francesa até a chegada da corte portuguesa ao Rio de Janeiro, Napoleão planejou pelo menos dezessete ataques contra o território

AO ATAQUE

O imperador francês planejou 17 projetos de invasão do Brasil entre 1796 e 1808

– 1796

Pernambuco e Amazônia

Atacar e saquear embarcações luso-brasileiras

– **Bahia**

Invadir o território e proclamar a independência do Brasil

– 1799

África Ocidental, Rio de Janeiro e Minas Gerais

Atacar a África e depois o Brasil, abolindo a escravidão

– **Brasil**

Invadir o território e libertar Portugal da Inglaterra

– **Índia, Brasil (Bahia)**

Invadir o território e proclamar a independência do Brasil

- **Brasil**
  Invadir o território
- **Pernambuco**
  Invadir o território e combater o tráfico negreiro
- **Rio de Janeiro**
  Invadir o território e abolir a escravidão

- **1799/1800**

  Bahia e Angola
  Atacar e saquear embarcações na África e invadir o território brasileiro

- **1800**

  Cabo Frio e Rio de Janeiro
  Invadir o território e abolir a escravidão
- **Rio de Janeiro, Bahia e Pernambuco**
  Invadir o território e conquistar o Brasil

- **1801**

  Norte do Brasil
  Invadir o território e conquistar o Brasil a partir da expedição de São Domingos
- **Brasil**
  Invadir o território e conquistar o Brasil a partir da expedição de São Domingos

- 1803

Rio Grande do Sul, Mato Grosso e Montevidéu

Invadir o território e formar uma colônia francesa

- 1806

Porto (Portugal) e Rio de Janeiro

Invadir e ocupar o território

- 1808

Rio Grande do Sul

Invadir o território e anexá-lo às colônias espanholas

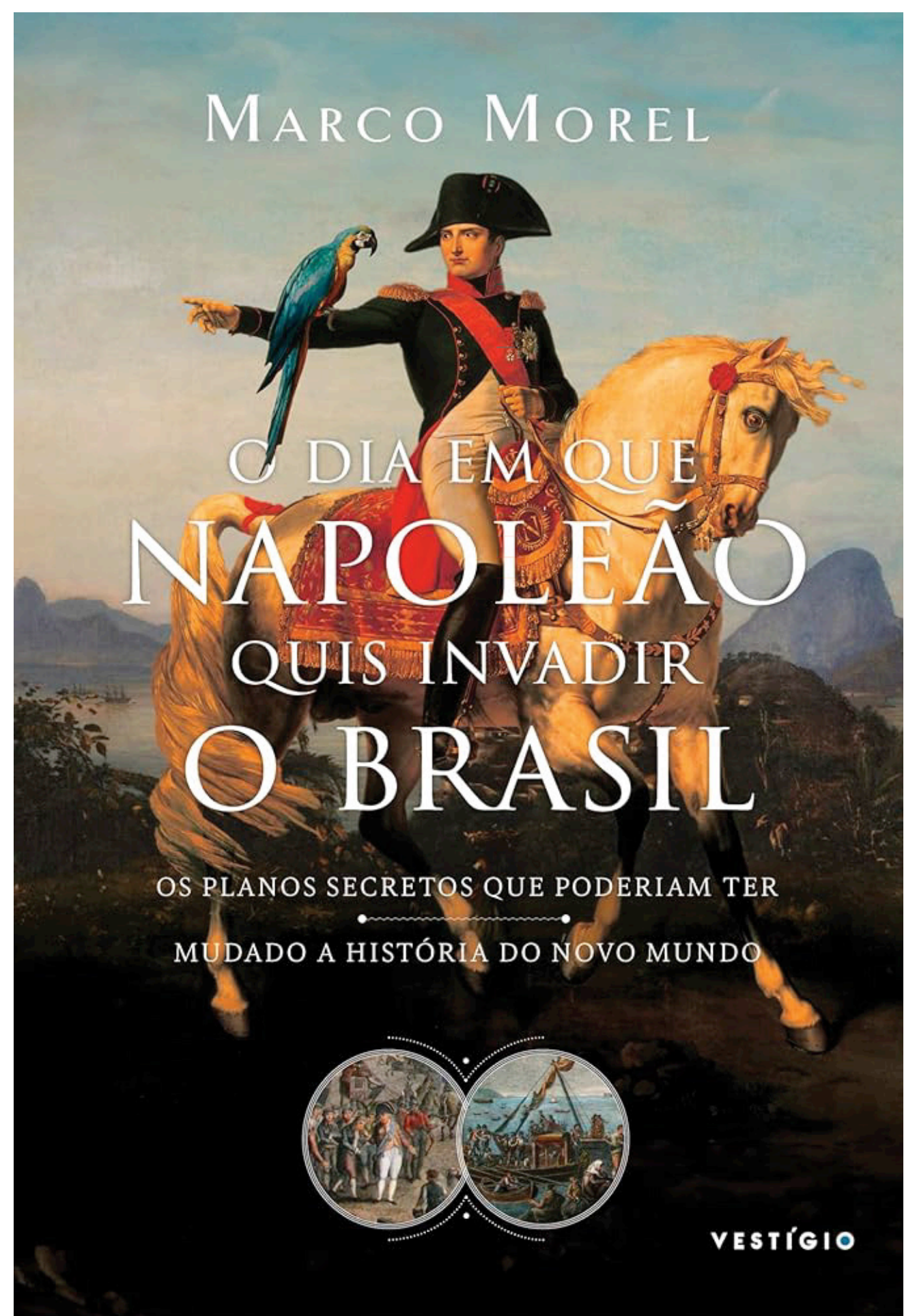
- Rio Grande do Sul

Plano de invasão criado por deputados do Rio da Prata e apoiado por Napoleão

brasileiro. Ele mirava várias regiões, da Amazônia ao Rio Grande do Sul, passando por Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Mato Grosso e Santa Catarina. Em alguns casos, a ambição era conquistar o Brasil inteiro. Nenhuma dessas investidas, obviamente, se concretizou, mas a conspiração era assunto sério e contava, inclusive, com o acompanhamento e o estímulo direto do chefe da Grande Armada, de ministros, comandantes e generais. “Esses pla-

nos redimensionam a importância do território brasileiro no período napoleônico", diz Morel. "Quando Napoleão assumiu o poder, o destino da expansão ainda não estava definido, de forma que uma invasão por aqui era uma possibilidade concreta."

A França bonapartista, de fato, se aproximava perigosamente: causou a fuga da corte de dom João VI para o Brasil, guerreou no Haiti, na Guiana (fronteira amazônica) e nas colônias caribenhas. Estabeleceu-se nos Estados Unidos, onde ocupou a Louisiana, fez incursões em Buenos Aires e chegou perto do Canadá. A exemplo dos primeiros navegadores europeus, Napoleão também desejava conquistar a América, e, naqueles tempos, todos os caminhos pareciam levar ao Brasil.

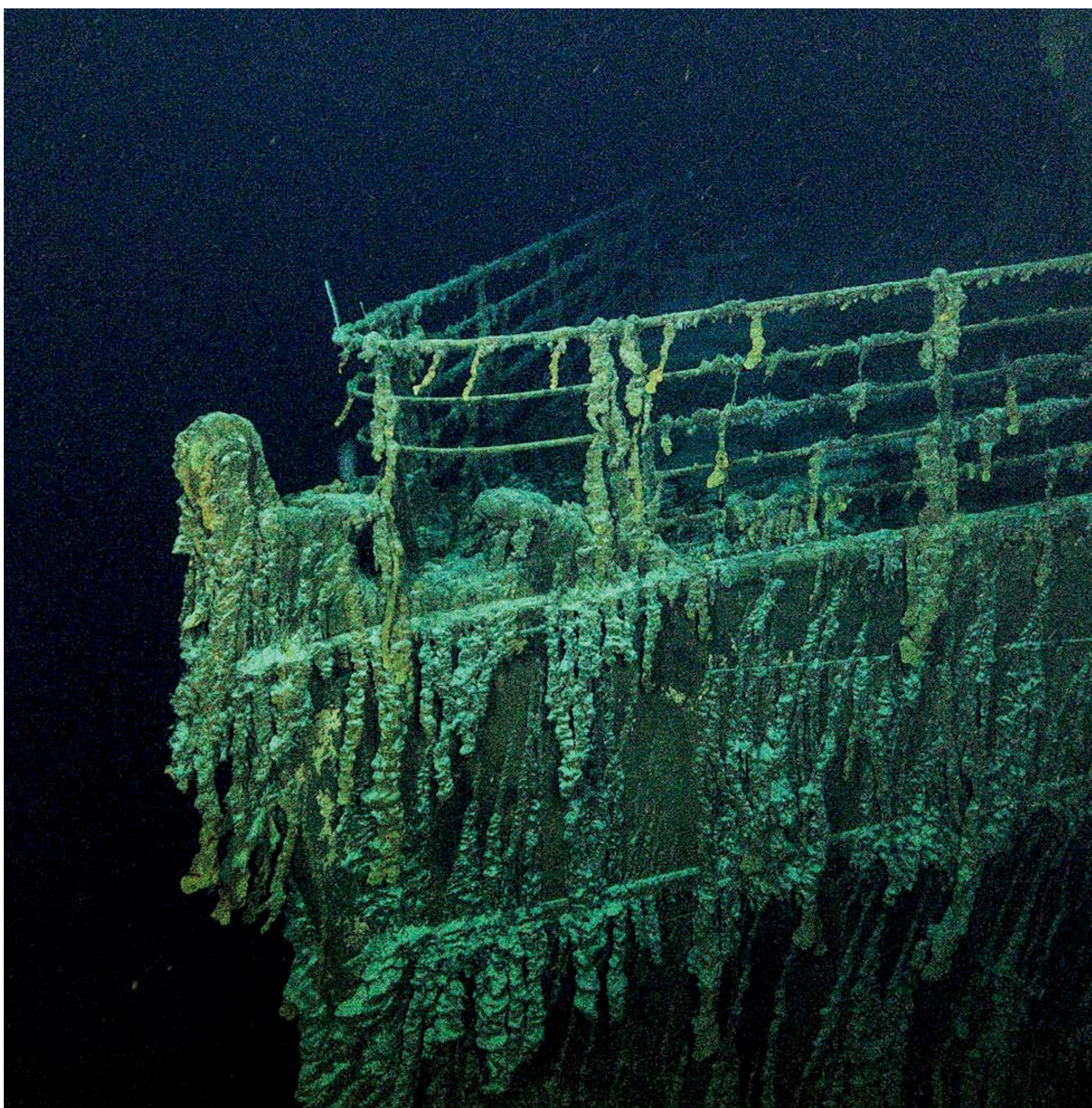
Se a trajetória expansionista parecia inevitável, porém, a poderosa Marinha inglesa, protetora da corte portuguesa e de seus territórios ultramarinos, desviou as ambições na-

TRABALHO DE FÔLEGO
O livro de Marco Morel: a extensa pesquisa começou a ser feita na pandemia e só foi concluída agora

poleônicas para outra direção. O ritmo da história europeia, que envolvia a França em guerras mais urgentes, acabou afastando o olhar do grande corso de nosso território.

Embora as tentativas frustradas nos permitam imaginar como poderia ter sido um Brasil sob o domínio napoleônico, as colônias francesas espalhadas pela África, América e Ásia desencorajam uma visão otimista. "Seria ingênuo acreditar que seríamos a última maravilha da civilização europeia sob o domínio francês", afirma Morel. "Para a França ou para Portugal, o Brasil sempre foi uma colônia, nunca um igual."

A nação franco-brasileira poderia ter sido, mas não foi. À França restou apenas uma influência indireta em nossa cultura colonial, que se manifestou nas vestimentas, na literatura e, mais tarde, na gastronomia, aspectos que o caráter essencialmente antropofágico do Brasil soube absorver e adaptar aos padrões dos trópicos. Ou seja, a presença francesa se faz sentir até hoje em dia, ainda que não na dimensão pretendida pelo impetuoso Napoleão. ■

TESOURO SEM FIM

Reafirmando o eterno fascínio pelo Titanic, uma nova expedição fotografa, escaneia e reproduz em 3D todos os detalhes do transatlântico que naufragou há mais de 100 anos **SARA SALBERT**

OCEANGATE EXPEDITIONS/DIVULGAÇÃO

ENTRE ALGAS Destroços do Titanic: expedições tentam resgatar todos os detalhes do naufrágio ocorrido em 1912

IMORTALIZADO pelo filme de 1997 dirigido pelo canadense James Cameron, que se consagrou como a quarta maior bilheteria da história do cinema, o Titanic — transatlântico "inafundável" que afundou em sua viagem inaugural, de Southampton, na Inglaterra, para Nova York, em 1912 — continua a despertar fascínio. Pousado no chão do Atlântico Norte, a 3 800 metros de profundidade, há mais de um século, depois de colidir com um iceberg e naufragar, partindo-se em dois pedaços, o Titanic é um farol de atração de cientistas, historiadores e aventureiros, alvo de seguidas missões para mapear os destroços, verificar o nível de preservação e recuperar o que for possível. Uma das mais ambiciosas está em andamento agora: a RMS Titanic, empresa americana detentora dos direitos exclusivos sobre o resgate de objetos, lançou em julho uma expedição para capturar as imagens mais nítidas e detalhadas já feitas do transatlântico.

Desde que os destroços foram localizados, em 1985, a RMS Titanic conduziu oito expedições com o objetivo de registrar imagens, documentar e recuperar artefatos do navio, que incluem 65 frascos de perfume, malas de couro e relógios pertencentes, em sua maioria, aos passageiros da primeira classe. Cerca de 5 500 objetos já foram trazidos do fundo do mar, boa parte deles leiloados e arrematados por ávidos colecionadores — um deles pagou 1,4 milhão de dólares pelo relógio de bolso, de ouro maciço, do milionário John Jacob Astor. Mais de uma década depois da última incursão, realizada em 2010, a empresa retorna ao lo-

ROBÔ AQUÁTICO
ROV sendo retirado do mar: exploração com alta tecnologia

STEVE VASQUEZ/U.S. NAVY/GETTY IMAGES

cal do naufrágio com um arsenal tecnológico renovado: dois ROVs (veículos subaquáticos operados remotamente) de 6 toneladas.

Os imensos robôs vão passar vinte dias submersos, com o objetivo de fotografar e vasculhar os destroços, inclusive áreas internas que ainda permanecem inexploradas. "Os registros coletados até agora superaram nossas expectativas e proporcionarão ao público as imagens mais detalhadas, precisas e claras já obtidas do Titanic", disse a VEJA o colíder da expedição, David Gallo. Um dos ROVs está equipado com câmeras ópticas de ultra-alta definição e um sistema de iluminação especialmente projetados para capturar imagens com nitidez absoluta. O segundo veículo transporta um con-

GL ARCHIVE/ALAMY/FOTOARENA

"INAFUNDÁVEL"

O Titanic deixa Southampton: colisão com um iceberg

junto avançado de sensores, encarregado de escanear cada recanto do navio e seus arredores.

Os robôs vão ainda detectar todos os metais presentes na área do naufrágio, inclusive os que estão enterrados na areia e nunca foram vistos. "Seria um sonho poder determinar o que aconteceu com a proa abaixo do solo do mar", imagina o engenheiro Alison Proctor, que faz parte da missão. Além de documentar o estado atual da embarcação, a expedição pretende se aproximar de objetos que foram avistados sem nitidez, como um castiçal elétrico e os restos de um piano, e identificar os artefatos ameaçados de desaparecer devido à decomposição.

Há 112 anos nas profundezas do Atlântico, o Titanic enfrenta um processo de deterioração acelerado por poderosas

correntes oceânicas, pela corrosão salina e pela proliferação de bactérias que devoram o ferro da estrutura. Diante da previsão de que o que resta do navio se tornará irreconhecível até 2030, os pesquisadores pretendem utilizar os milhões de imagens capturadas durante a expedição atual para criar um modelo em 3D detalhado dos destroços e de todo o fundo do mar ao redor. A missão de reconhecimento visa não apenas preservar a memória do Titanic com um altíssimo nível de precisão como também fornecer material para o estudo científico e histórico de sua estrutura, garantindo que seu legado permaneça intacto para as futuras gerações. “A alta resolução dos sistemas de câmera permitirá que a posteridade observe os objetos submersos e pesquise até os menores destroços e artefatos da embarcação”, diz Evan Kovacs, responsável pelo programa de captação de imagens.

A expedição agora em marcha marca a retomada das operações comerciais no transatlântico após o trágico acidente com o submersível da empresa OceanGate Expeditions, em junho do ano passado, que implodiu nas proximidades dos destroços, matando os cinco passageiros a bordo. Entre as vítimas estava o francês Paul-Henri Nargeolet, o Mr. Titanic, maior conhecedor do navio e seu naufrágio. Ex-comandante da Marinha francesa, Nargeolet ocupava o cargo de diretor de pesquisa da RMS Titanic Inc. e havia sido selecionado para liderar a missão atual. Uma placa em sua homenagem, e em memória de todos os que pereceram no local, agora faz companhia aos restos do naufrágio que nunca será esquecido. ■

RIQUEZA REDESCOBERTA

Novos estudos resgatam o papel crucial das plantas na preservação do planeta e reforçam seu valor para a sobrevivência da espécie humana

ALESSANDRO GIANNINI

ANDERSON COELHO/ISTOCK/GETTY IMAGES

DIVERSIDADE Floresta Amazônica com igarapé: uma das maiores captadoras de dióxido de carbono do mundo

O ESCRITOR E FILÓSOFO alemão Johann Wolfgang von Goethe (1749-1832) escreveu romances consagrados como *Fausto* e ensaios sobre botânica. Em sua obra *A Metamorfose das Plantas* (1790), Goethe afirma que elas são a base da qual todas as outras formas de vida dependem. O naturalista ressalta o papel crítico desses seres como produtores primários, convertendo energia solar em química por meio da fotossíntese, um processo que dá origem a diversas cadeias alimentares e ecossistemas. Essa perspectiva não mudou, embora os humanos tenham, ao longo da história, menosprezado o efeito benéfico das plantas para o planeta. Mas isso começa a ganhar novos contornos.

Estudos recentes mostram que as plantas representam cerca de 80% da biomassa da Terra (peso total de organismos vivos no planeta), enquanto os animais respondem por modesto 0,4%. “Paradoxalmente, a pesquisa científica inverte essa proporção: a maioria dos estudos foca em animais, negligenciando outras espécies”, disse a VEJA o biólogo italiano Stefano Mancuso, autoridade mundial em botânica e um dos principais responsáveis pelo resgate histórico das plantas. “Esse desequilíbrio nos impede de compreender como a vida funciona e nos cega para as extraordinárias soluções que as plantas oferecem.”

A cegueira se estende por outros campos da vida. Segundo Mancuso, as sociedades foram concebidas a partir da estrutura animal. O modelo hierárquico e piramidal

ATIVISTA
Mancuso: urbanização trouxe benefícios, mas muitos reveses

LEONARDO CENDAMO/GETTY IMAGES

O FUTURO DAS CIDADES É VERDE

O biólogo italiano Stefano Mancuso, 59 anos, é conhecido por desafiar as visões tradicionais sobre as plantas e promover uma compreensão mais profunda de suas capacidades de manter vivo o planeta Terra. Autor de *Revolução das Plantas* (2017) e de *Nação das Plantas* (2020), o professor da Universidade de Florença e fundador do Laboratório Internacional de Neurobiologia Vegetal tem um novo livro no prelo, *Fitopolis, la Città Vivente,* (Fitópolis, a cidade viva), ainda sem edição brasileira. Na obra, Mancuso defende cidades mais integradas com a natureza e as espécies vegetais.

O que pode falar sobre sua nova obra, *Fitopolis, la Città Vivente?* O livro imagina o futuro das cidades do ponto de vista do que as plantas poderiam oferecer. Como a maioria da população mundial vive em centros urbanos que são insustentáveis, ele explora como podemos integrar melhor a vegetação nas cidades para torná-las mais habitáveis e sustentáveis. As plantas têm

inteligência e capacidades que muitas vezes subestimamos, e podemos aprender muito com elas para aprimorar a vida urbana. Há no mundo exemplos de iniciativas inovadoras, como as realizadas na cidade de Curitiba pelo ex-prefeito Jaime Lerner.

Por que é importante repensar as cidades do ponto de vista da sustentabilidade? A urbanização é uma das grandes revoluções da humanidade que passou despercebida. Hoje em dia, mais de 80% da população nas Américas e na União Europeia vive em cidades, que representam menos de 2% do território do planeta. As cidades são responsáveis por 75% das emissões de dióxido de carbono, 70% dos poluentes e consomem 80% dos recursos. Portanto, é crucial transformá-las em algo diferente e mais sustentável, integrando, de uma forma mais equilibrada, a natureza e as plantas ao ambiente urbano.

Como o senhor vê o futuro da relação entre seres humanos e plantas? Tenho visto uma mudança positiva nas últimas duas ou três décadas. Atualmente, há um número cada vez maior de pessoas que entendem que a perda de conexão com a natureza é uma das questões mais perigosas para a nossa própria sobrevivência. Felizmente, a relação entre humanos e plantas está mudando. Conceitos como a capacidade das plantas de sentir estão se tornando mais comuns. Acredito que, no futuro próximo, haverá direitos para as plantas, pois tudo que é vivo merece isso.

das organizações humanas reflete a lógica dos animais, sempre com um líder no topo. A estrutura das plantas, por outro lado, é mais moderna e democrática, com funções descentralizadas e distribuídas. “É um vício do ser humano ignorar as leis naturais”, diz Mancuso. “Estamos seguindo um caminho que nos afasta das práticas comunitárias estabelecidas ao longo de milhares de anos de história humana e das leis fundamentais da natureza.”

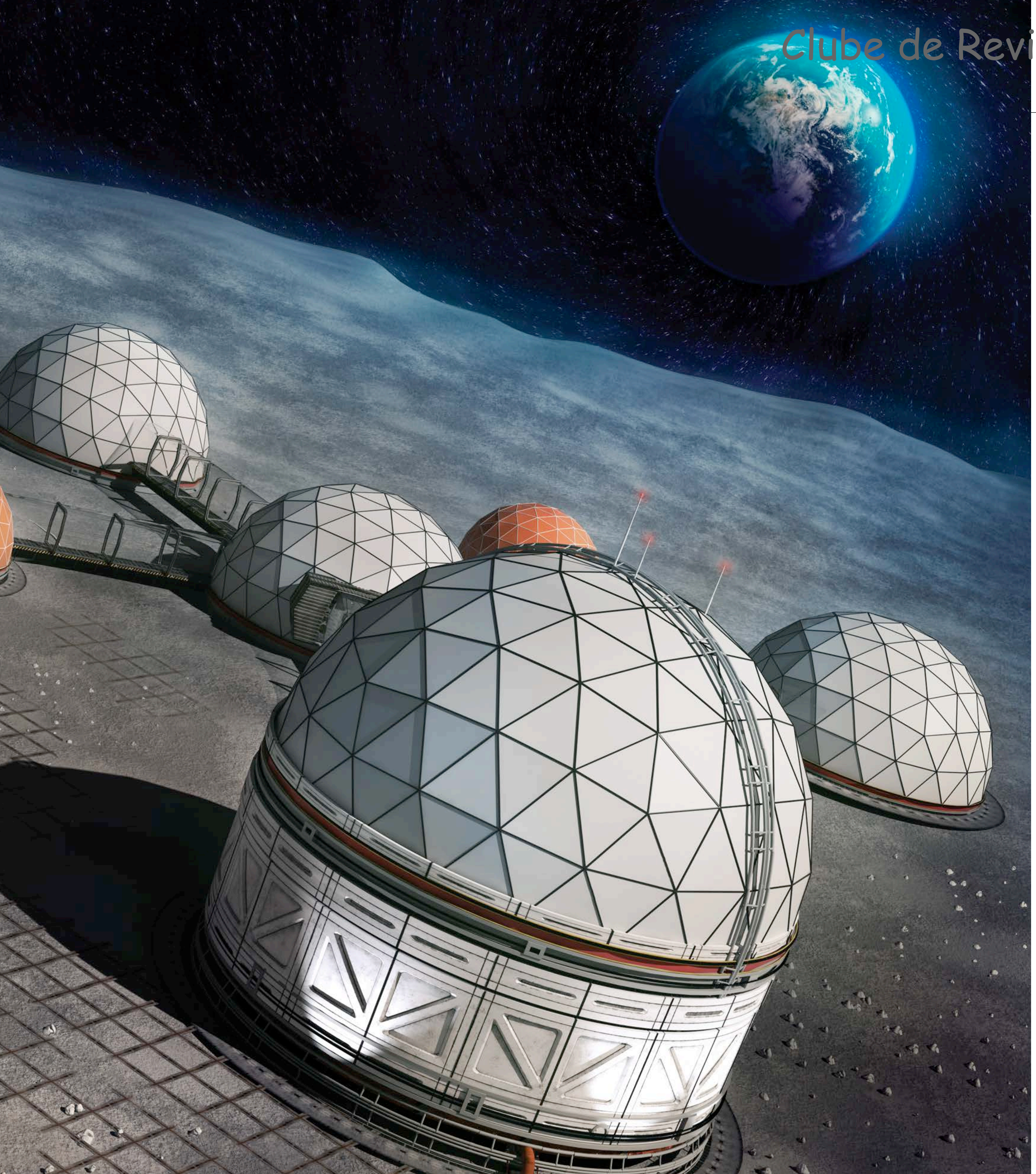
As plantas têm uma extraordinária capacidade de criar comunidades. Quando entramos em florestas como a Amazônica ou a Mata Atlântica, o que vemos não são bilhões de árvores individuais, mas uma sociedade interligada por sublimes conexões. Quando uma planta não tem o que precisa para viver, as outras fornecem os recursos necessários. Essas comunidades são o aspecto mais eficiente que a evolução produziu na natureza para garantir a sobrevivência das espécies, permitindo que resistam por dezenas ou centenas de milhares de anos.

Nesse sentido, a riqueza vegetal brasileira tem papel preponderante no combate às mudanças climáticas e ao aquecimento global, talvez mais do que qualquer outra nação. O Brasil abriga a maior floresta do planeta, um dos últimos lugares capazes de absorver grandes quantidades de dióxido de carbono. “A preservação da Floresta Amazônica é crucial para o clima de todo o planeta”, afirma o biólogo italiano. “Se a Amazônia mudar, o planeta inteiro mudará.”

As plantas são vitais porque, afinal, tornam a vida possível. “A fotossíntese, embora fundamental, ainda não é totalmente compreendida pela ciência”, afirma Mancuso. “Se pudéssemos replicar sua eficiência, teríamos assegurado uma fonte de energia limpa e praticamente infinita.” Por isso, aumentar o estudo sobre a extraordinária riqueza das plantas não apenas ampliará o conhecimento humano, mas contribuirá para a preservação de nossa própria existência. ■

PRESERVAÇÃO
Representação de um depósito lunar: local se torna esperança para a biodiversidade

UM COFRE NO CÉU

Cientistas defendem a criação de um depósito na Lua para salvaguardar células vivas de seres terrestres e, assim, protegê-las de uma eventual catástrofe no planeta **LUIZ PAULO SOUZA**

MARCOS SILVA/ISTOCK/GETTY IMAGES

EM 2001, um grupo internacional propôs a criação de um grande depósito que pudesse salvaguardar grãos de todo o mundo. Diante dos crescentes conflitos globais e de um cenário de crises climáticas, a ideia saiu do papel sete anos depois, com a inauguração, na Noruega, do Silo Global de Sementes de Svalbard — também conhecido como Cofre do Apocalipse. A rede de túneis, encravada no permafrost em

Svalbard, no norte da Europa, em uma montanha a 1 300 quilômetros do Polo Ártico, foi construída para durar ao menos dois séculos e proteger milhões de sementes de terremotos, explosões e dos efeitos das alterações do clima. Agora, contudo, há dúvidas a respeito da capacidade do local para resistir intacto.

O sistema foi posto à prova em 2017, quando um inverno inusualmente quente, consequência do acelerado aquecimento global, causou um alagamento que colocou em risco espécies preservadas no cofre ártico. Não houve prejuízos, mas o acidente inspirou ideias dignas de ficção. Em recente artigo publicado no *BioScience,* periódico científico da Universidade de Oxford, pesquisadores americanos de Harvard e do Instituto Smithsonian propõem a criação do que chamaram de biorrepositório lunar, um almoxarifado cósmico da vida terrestre. "No futuro, nós precisaremos de depósitos muito mais seguros", defende a autora, Mary Hagedorn, pesquisadora do Instituto Havaiano de Biologia Marítima.

A proposta é ousada: aproveitar uma das crateras no polo sul da Lua, onde as temperaturas se aproximam de 200 graus negativos, para instalar um cofre que não precise de humanos ou de energia para proteger os valiosos itens. Nesse caso, não se trata só de sementes, mas de células vivas de seres fundamentais para a nossa biodiversidade — serão dezenas de coleções de células de bactérias, corais, plantas, insetos, aves e mamíferos, todas prontas para serem clonadas e fecundadas no caso de uma catástrofe global.

STEFFEN TRUMPF/DPA/GETTY IMAGES

NA NORUEGA Banco de sementes: ameaçado pelo aquecimento global

Parece algo afeito apenas à ficção científica, impossível de ser realizado. Do ponto de vista técnico, contudo, o projeto não significa nenhum absurdo. Enquanto Estados Unidos e China propõem missões tripuladas permanentes no nosso satélite natural ainda na próxima década, missões anteriores já trataram da engenharia necessária para a construção de um desses biorrepositórios.

O verdadeiro desafio é geopolítico. Em um mundo cada vez mais polarizado, que enfrenta crises simultâneas, não será fácil reunir nações em torno de um objetivo de longo prazo e extremamente caro. Além disso, há os conflitos éti-

cos. Políticas internacionais de proteção planetária buscam defender a Terra de qualquer contaminação por formas extraterrestres de vida. Para alguns cientistas, o contrário também deveria ser assegurado.

Apesar das dificuldades, as motivações por trás da proposta merecem toda a atenção. Existem atualmente 1700 desses bancos espalhados pelo mundo. Enquanto o maior deles é ameaçado pelo derretimento do solo congelado, o permafrost, outros são destruídos por guerras, como a da Ucrânia, ou ameaçados por conflitos civis, como na Síria. Ainda assim, há quem defenda, literalmente, manter os pés no chão. "Lua e Marte não são opções para os seres humanos", diz Mauro Galetti, ecologista, escritor e professor da Universidade Estadual Paulista (Unesp). "A melhor solução é resolver os problemas da Terra, em especial as desigualdades e a crise ambiental."

Não é o caso de abrir mão das opções que temos. Também para a pesquisadora Mary Hagedorn, é mais urgente agir por aqui, começando pela educação e pela preservação do ambiente que nos alimenta e mantém vivos. "Agora, é inegável que precisamos de planos B, C e D", afirma a cientista americana. Hagedorn faz parte do seleto grupo de pesquisadores que começou a planejar os primeiros testes para estudar a viabilidade de células e equipamentos no espaço. Nunca é demais usar a ciência para entender melhor de onde viemos, onde estamos e para onde poderemos ir. ■

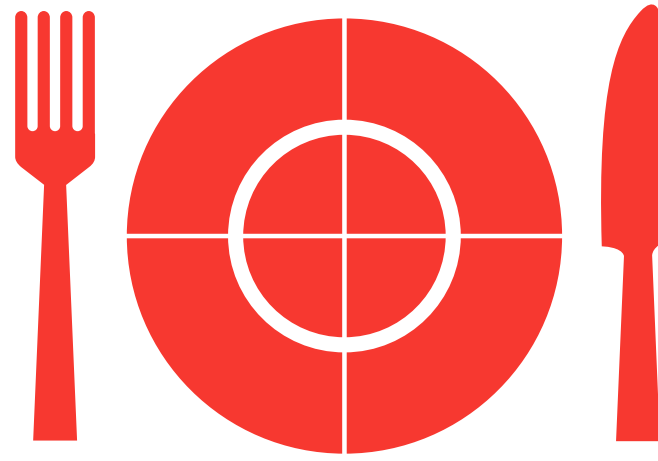
CONEXÃO COM A COMIDA

A distração se tornou um dos maiores adversários de uma alimentação equilibrada. Não à toa, uma corrente de especialistas agora defende mais atenção à mesa e aos sinais do corpo **PAULA FELIX**

E+/GETTY IMAGES

MINDFUL EATING Todos os sentidos: aparência, textura, cheiro e sabor devem ser contemplados numa refeição consciente

COMER COM OS OLHOS pode não ser tão ruim quanto se pensava. É que apreciar a aparência do prato, junto ao seu aroma, é o primeiro passo para desfrutar de uma boa refeição. E essa imersão, que se completa a cada mordida curtindo o sabor e com a sensação de plenitude logo depois, faz toda a diferença para estabelecer uma relação mais harmoniosa e saudável com a alimentação. Após décadas de dietas e fórmulas prontas, exaltando um ou outro ingrediente, a ciência tem valorizado cada vez mais o conjunto da obra — e os hábitos, o estado emocional e o ambiente contam muitos pontos nesse sentido. Não é por menos que as distrações, sobretudo as tecnológicas, se tornaram uma das maiores rivais de uma rotina balanceada. Ao drenar o foco na comida, elas atrapalham não só o prazer do paladar, como os sinais de fome e saciedade, levando a exageros e escolhas equivocadas. É diante desse cenário de desconexão com o prato que se projeta a abordagem da nutrição comportamental, um movimento brasileiro que anda de mãos dadas com conceitos em alta como o *mindful eating,* o "comer com atenção plena".

Um olhar para o passado ajuda a entender a relevância do tema. Se o ser humano foi forjado na luta por qualquer fonte de caloria — sem garantia de sucesso —, agora vive uma bonança de opções, com direito a delivery. Em frente de refeições prontas, em casa ou no self-service, nunca ficamos tão reféns do celular e de outras telas. O resultado é que comer entrou em ritmo de piloto automático, divi-

FOCO NO PRATO

Métodos propõem que não só alimentos, mas hábitos à mesa sejam saudáveis

ENVOLVA OUTROS SENTIDOS AO SE ALIMENTAR
OBSERVE SABOR, AROMAS, TEXTURAS E APARÊNCIA

+

DESCONECTE-SE
EVITE TV, CELULAR E DEMAIS DISPOSITIVOS ELETRÔNICOS

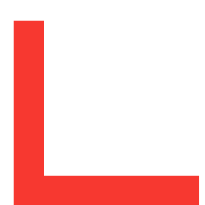
+

COMA DEVAGAR
A BOA MASTIGAÇÃO É IMPORTANTE, ASSIM COMO SABOREAR A COMIDA

+

CONHEÇA SUA FOME
SAIBA DIFERENCIAR A VONTADE DE COMER DA NECESSIDADE DE SUPRIR DEMANDAS EMOCIONAIS

+

TENHA PLANEJAMENTO
HORÁRIOS CONSTANTES E REFEIÇÕES ORGANIZADAS AJUDAM A COMER SEM ATROPELOS

Fontes: *Desconstruindo o Hábito da Fome (Editora Sextante), Mayo Clinic, Universidade Harvard*

dindo tempo e espaço com outras tarefas e lazeres (desde a infância). Nos desgarramos das sensações que uma fruta ou um copo de leite proporcionam e, para não ficar no prejuízo, corremos atrás de regimes se a situação degringolar. É contra isso que se levanta a nutrição comportamental: ela prescreve mais foco, empatia e autocuidado à mesa. Esses princípios são compartilhados pelo livro recém-lançado *Mindful Eating: Comer com Atenção Plena* (Editora Amarilys), das nutricionistas Cynthia Antonaccio e Manoela Figueiredo, embaixadoras dessa escola. “Não queremos uma batalha com o alimento, mas uma dança. Um olhar de apreciação para a comida, e não de julgamento”, resume Cynthia. “Em vez de regras, buscamos planejamento. Afinal, a gente só faz boas escolhas quando está realmente atenta.”

Essa visão bebe de uma noção difundida pelo *mindfulness*, um rol de práticas que procuram nos conectar com o momento presente. No caso da alimentação, não se trata de uma meditação em si, mas de se ater a tudo que envolve o comer e de refletir diante de emoções que inspirem ataques de compulsão, por exemplo. “A nutrição está saindo da questão física e entrando na saúde mental”, afirma o médico Marcelo Demarzo, que coordena o Centro Brasileiro de Mindfulness e Promoção da Saúde — Mente Aberta, ligado à Unifesp. “É um momento individual de contemplação, e também de perceber o lado positivo da comida, seu valor para a sociedade e seu impacto para o planeta.”

Assim, o estresse, as angústias e os padrões de comportamento que repercutem nas refeições começam a ser acolhidos e ajustados para evitar um ciclo prejudicial à saúde como um todo. Nessa jornada, é preciso aprender a ouvir e respeitar o próprio corpo, como propõe o psiquiatra americano Judson Brewer no livro *Desconstruindo o Hábito da Fome* (Editora Sextante), um manual sobre como lidar com desejos e impulsos envolvidos em um almoço ou jantar. O neurocientista argumenta que, na correria vigente, o desafio reside em distinguir a fome real de um ímpeto emocional que resultará em mais calorias ingeridas e poderá abrir

E+/GETTY IMAGES

MAUS HÁBITOS Falta de percepção: distrações podam a sensação de saciedade

uma avenida a problemas de saúde. “Prestar atenção nas sensações físicas ajuda a ter consciência e a perceber com mais clareza as sensações corporais”, afirma no livro.

A ideia, portanto, é mudar o *mindset* à mesa — antes mesmo de se sentar para comer. E tomar cuidado com o apetite pelas telas e os conteúdos rodando ali, que consomem o foco e acarretam mudanças de humor. “Com o celular à mão, a pessoa pode ficar irritada e comer mais ou mais rápido”, exemplifica Cynthia. Para se alimentar melhor, o segredo não está na dieta da vez compartilhada pelas redes sociais. Está em saborear cada garfada com todos os sentidos. ■

DA ÁSIA COM AMOR

Com a ajuda das plataformas de streaming, séries produzidas em países do Oriente seduzem o público brasileiro, lançam tendências de moda e ditam hábitos de consumo **ANDRÉ SOLLITTO**

INSPIRAÇÃO
A atriz sul-coreana Kim Ji-won: seu estilo discreto virou influência fashion

DIVULGAÇÃO

AS RELAÇÕES comerciais e culturais entre o Ocidente e o Oriente sempre foram marcadas pela troca. Ao longo da história, bens e produtos viajaram de um lado para o outro e representaram um importante intercâmbio entre as potências da Ásia e da Europa. Com o passar do tempo, esse movimento ganhou novo impulso. Atentas a novos mercados em ascensão, grifes do Velho Continente passaram a abrir filiais em países como China, Coreia do Sul e Japão. Durante muitos anos, os europeus levaram clara vantagem, mas agora o fluxo de negócios começa a caminhar na direção oposta. Com a força das plataformas de streaming e das redes sociais, as tendências e hábitos de diferentes países asiáticos têm conquistado espaço crescente no outro lado do mundo. No Brasil, produções coreanas, turcas e indianas têm ajudado a pautar as tendências de moda, beleza, cultura e até de comportamento.

Nenhum país exemplifica tão bem esse momento quanto a Coreia do Sul. A faceta mais clara da influência sul-coreana está presente no setor audiovisual. De filmes vencedores do Oscar, como *Parasita,* a séries de imenso sucesso, como *Rainha das Lágrimas,* a segunda de maior êxito da história da TV coreana, fica evidente que as produções de lá atingiram um nível de aceitação global. O público se acostumou aos chamados doramas, os dramas sul-coreanos, que figuram atualmente entre os mais vistos de serviços como a Netflix. Para além dos filmes e séries, há um interesse maior por toda a cultura local.

DIVULGAÇÃO

ROMANCE Casal em novela turca: relacionamentos pouco apimentados

É o caso da gastronomia. Pratos como bibimbap, mistura de arroz, carnes e vegetais, ou o kimchi, a acelga fermentada e apimentada, entraram no cardápio dos brasileiros. A música de grupos como BTS e Blackpink também se tornou popular por aqui, assim como o modo de se vestir. “Os sul-coreanos são muito avançados em termos de moda”, diz Patrícia Diniz, consultora e professora do hub de luxo da ESPM. “Eles assimilam aspectos locais com referências internacionais.” Isso se traduz no uso de tons pastel, com menos

cores exuberantes, e na mistura de peças caras, algumas de grifes de luxo, com outras mais simples.

A Turquia também tem se consolidado como importante fonte de inspiração cultural. Isso se deve, em boa medida, às séries de televisão, conhecidas como "dizi". A América Latina, especialmente Brasil e Chile, é uma das maiores consumidoras dessas produções, que incluem clássicos como *Fatmagul,* exibida originalmente entre 2010 e 2012, a produções recentes como *Será Isso Amor?.* O estilo discreto, mas elegante, das atrizes turcas é referência para o público daqui. Tanto é assim que há até uma marca de roupas, Ismy, criada por Isabela Ferreira, brasileira que se apaixonou pelas peças de alfaiataria usadas nas produções turcas. Até a Índia vem conquistando espaço no imaginário fashion ocidental. Por enquanto, as roupas e maquiagens indianas servem mais de curiosidade do que propriamente influência.

De todo modo, algumas tendências despontam, como o desafio Asoka de maquiagem. A partir do visual da atriz de um épico do cinema indiano, maquiadoras do mundo passaram a criar suas interpretações. Os vídeos, embalados pela trilha do filme, viraram um fenômeno das redes. No Brasil, a influenciadora Camila Pudim alcançou 5 milhões de curtidas com sua versão, que mescla cortes precisos da edição com acessórios e roupas tradicionais da Índia.

O interesse pela cultura de países asiáticos é bem-vindo e se dá em um momento de busca por maior diversidade. "O

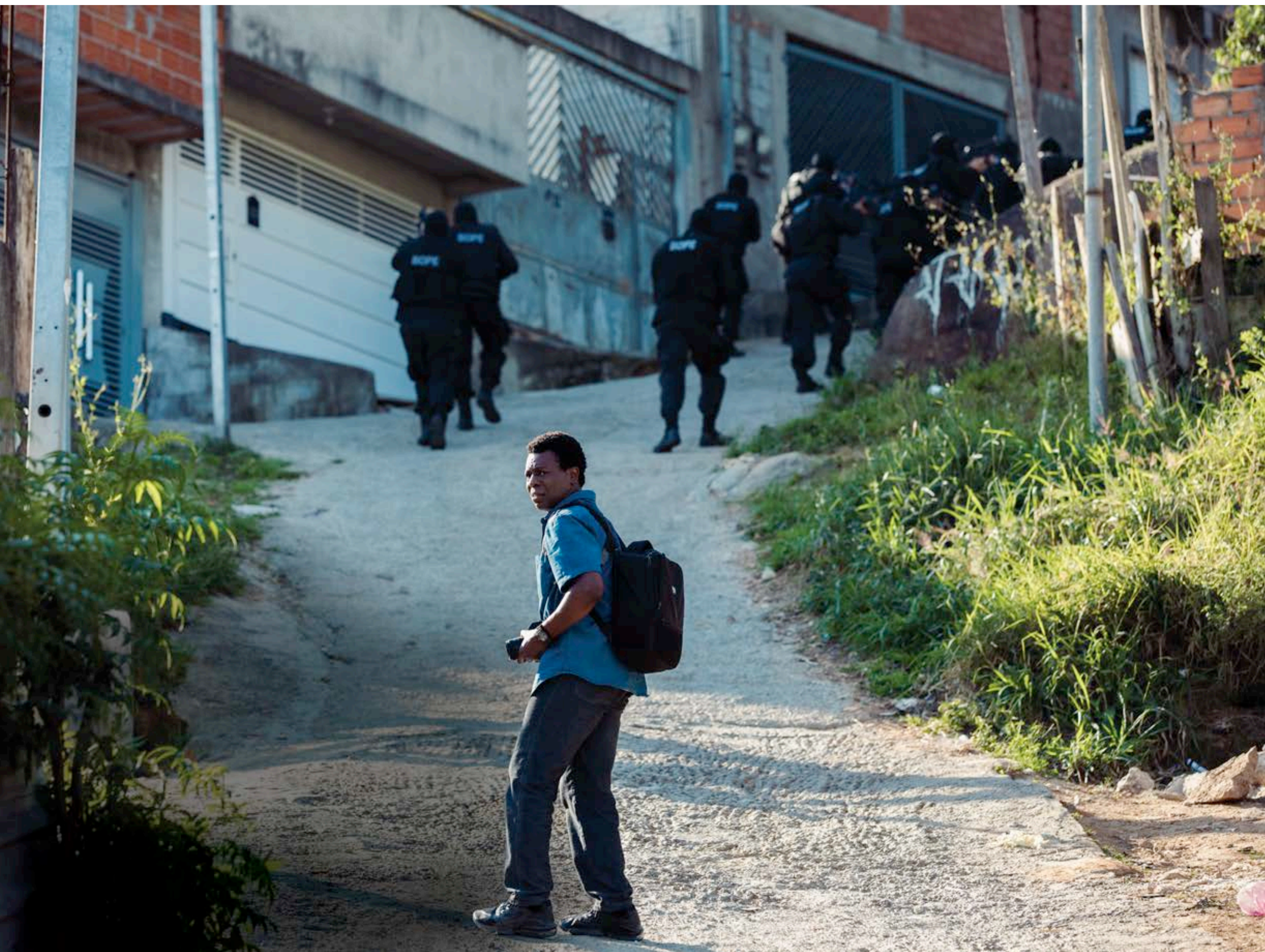
público está cansado de consumir sempre os mesmos conceitos americanos e europeus", diz Patrícia Diniz. "As pessoas começaram a buscar o próprio nicho de interesse e olhar para além do que estão acostumadas a consumir." Isso se reflete na preferência pelas produções asiáticas e na procura por roupas e produtos de beleza do Oriente. Mas também, de forma curiosa, no comportamento. Nas produções turcas e sul-coreanas, os relacionamentos amorosos são mais idealizados. Há rituais de conquista e as cenas de romance são bem menos apimentadas do que o público está habituado a ver nas novelas brasileiras ou nos filmes americanos. Na geopolítica, usa-se a expressão *soft power* para descrever a capacidade de um país influenciar outros por meios culturais. Ditar a moda e inspirar até a maneira como as pessoas se relacionam é prova clara desse poder. ■

INSTAGRAM @CAMILAPUDIM

ESTILO INDIANO
A influenciadora Camila Pudim: desafio de maquiagem

O DRAMA CONTINUA

Duas décadas depois de conquistar o Brasil e o mundo, *Cidade de Deus* volta às telas em série que mostra chegada da milícia à favela carioca e ilumina a tragédia dos moradores

AMANDA CAPUANO

NOVA FASE Buscapé (Alexandre Rodrigues): problemas atuais da favela

HBO

Entre junho e agosto de 2001, centenas de jovens recrutados em comunidades do Rio de Janeiro, com pouca ou nenhuma experiência de atuação profissional, passaram por uma extensa preparação e se reuniram com os cineastas Fernando Meirelles e Kátia Lund para gravar *Cidade de Deus.* Lançado em agosto do ano seguinte, o filme que acompanha a formação da comunidade carioca de mesmo nome e a gênese do crime organizado revolucionou o cinema nacional e se consolidou como um clássico do chamado "favela movie". Mais de duas décadas depois, personagens conhecidos do público, como o fotógrafo Buscapé, vivido por Alexandre Rodrigues, voltam à tela em ***Cidade de Deus: a Luta Não Para,*** série da HBO que estreia no domingo 25, cercada de expectativas. "Foi o projeto mais desafiador da minha carreira", conta o baiano Aly Muritiba, que assumiu a direção da produção no streaming.

Ambientada no início dos anos 2000, a nova incursão na história que rendeu ao Brasil quatro indicações ao Oscar em 2004 retoma a vida de personagens como Buscapé e Berenice (Roberta Rodrigues) e apresenta novas figuras para narrar as mudanças na favela de Cidade de Deus nas duas décadas que separam as produções: depois da morte do bandido Zé Pequeno, a boca comandada por ele ficou aos cuidados de crianças, mas agora ressurge sob o poder de Curió (Marcos Palmeira), que garantiu certa tranquilidade na comunidade por anos — até a explosão de uma

IMAGEM FILMES

FENÔMENO Zé Pequeno (Leandro Firmino) no filme: da favela ao Oscar

nova rivalidade na liderança do tráfico. Para além da guerra de facções, a série atualiza o filme original ao tratar de um elemento que redefiniu a dinâmica territorial do crime no Rio e que só avançou de lá para cá: a entrada em cena da organização chamada “polícia mineira”, embrião da milícia carioca. “O filme capta o momento em que a milícia está se estabelecendo”, explica Muritiba. “Nos dias de hoje, a Zona Oeste do Rio está parcialmente tomada por elas. E há a ligação estreita entre milícia e política, que conhecemos muito bem”, completa o cineasta, que gravou boa parte da série em São Paulo em razão de uma disputa territorial entre facções e milícias, que tornou “impossível filmar por lá”.

Com a mesma linguagem visual dinâmica eternizada pelo filme, a nova trama se equilibra entre a função de honrar o clássico nacional e a de adicionar novo tempero à narrativa. A solução para isso foi voltar as lentes para outra parte da história que acabou negligenciada anteriormente. “A série tem mais do olhar do morador, e não só o do traficante e o do policial”, diz Muritiba, citando a “correria” daqueles que, apesar da violência e do descaso do Estado, tentam viver com dignidade. Na série, ganham muito mais relevo as consequências da violência na vida dos moradores que a violência em si. Ela mostra, por exemplo, crianças forçadas a interromper uma aula de artes marciais e correr para casa, ao som do toque de recolher que sinaliza a guerra entre traficantes, e o papel de líderes comunitárias femininas como Berenice, que tinham participação mínima no filme.

Consagrado como um dos longas brasileiros de maior repercussão internacional, *Cidade de Deus* mudou a forma com que o mundo, e até o próprio brasileiro, olhava para as favelas. “Depois do filme, os hotéis da orla começaram a entender que a comunidade também era uma potência. Houve um *boom* do favela tour”, recorda Alexandre Rodrigues *(leia a entrevista ao lado).* Hoje residente em São Paulo, o protagonista já morou em favelas como Cantagalo e Vidigal, e viu a transformação de perto. “Os gringos que vinham de fora assistiam ao filme e queriam ver aquela realidade, uma curiosidade que não existia antes”, conta ele, citando que o impacto se espalhou até para o comércio local.

HBO

EM AÇÃO De volta a *Cidade de Deus*: Alexandre *(à dir.)* com Roberta Rodrigues e Edson Oliveira

“O BUSCAPÉ É UM PERSONAGEM ÉPICO”

De volta ao papel do protagonista em *Cidade de Deus,* Alexandre Rodrigues fala a VEJA sobre o filme e a nova série.

Como foi reviver o Buscapé? Não imaginava que voltaria a trabalhar com o personagem, então foi um desafio. Tive um frio na barriga e muito medo, porque o Buscapé é um personagem épico e tem um lugar só dele no meu coração.

O filme expôs a violência na favela. A série mostra isso, mas também outros aspectos. O que mudou? Não tem como falar de *Cidade de Deus* e de favela sem falar da violência. Mas acho que no filme faltou o ponto de vista do morador, que é explorado na série. Falamos muito mais da potência de quem está ali e da busca por mudanças.

Você teve uma carreira de altos e baixos. Como vê as oportunidades que vieram após o filme? Eu tive oportunidades, mas achei que teria muito mais. Mas sempre tive o pé no chão, mesmo entendendo que fiz um filme de extrema importância para o cinema nacional. Não vivo de glamour e não tenho medo de trabalho, seja ele qual for.

HBO

DRAMAS ÍNTIMOS Palmeira *(centro)* na série: a comunidade vista por dentro

Na vida pessoal, o sucesso do filme também lhe trouxe progresso, mas de maneira mais restrita: estrela de *Cidade de Deus* aos 19 anos, o ator, que hoje tem 41, teve uma carreira de altos e baixos. *Cidade de Deus* abriu portas para papéis na TV, mas ele reconhece que esperava mais. “Engoli muitas vezes o meu orgulho. Mas, se tiver de fazer um tipo de trabalho que não é artístico, eu vou fazer para sustentar minha casa”, diz ele, que há alguns anos chegou a trabalhar como motorista de aplicativo para ajudar nas contas. Com o pé sempre fincado no chão, característica que diz ter absorvido da mãe, Rodrigues acredita que a série pode ser um atalho para novas oportunidades. Mas não se deslumbra. “Estou ansioso para ver a repercussão”, afirma. Se depender do peso da história, a correria é garantida. ■

O NOVO PASSAGEIRO

O veterano Ridley Scott confiou *Alien: Romulus*, sequência da cultuada franquia, ao diretor uruguaio Fede Alvarez — decisão sábia que resgata as raízes da trama e leva mais pavor à tela

PESADELO O E.T. e Cailee Spaeny: monstro palpável em vez de efeitos

20TH CENTURY STUDIOS

O PONTO de partida de *Alien: Romulus* faz jus ao que se espera de mais um capítulo — o nono — da longeva franquia do horror lançada por Ridley Scott em 1979. Uma astronauta tenta fugir de uma ameaça letal, assalta uma nave e tenta zarpar para outro canto de uma estação espacial — mas, na cabine de comando, não tarda a cair no chão, contorcendo-se. Seus ossos se fraturam e o peito incha, não deixando dúvida: um bebê alienígena está prestes a irromper de seu tórax — o que rende mais uma daquelas clássicas cenas que fazem a delícia dos fãs. Só que há atrativos adicionais capazes de redobrar o deleite do público. Até para os padrões da saga, impressiona a abundância de sangue e de tripas que enchem a tela com grafismo, vá lá, virtuoso. Feito de modo artesanal e à moda antiga, com o uso de bonecos animatrônicos em vez de efeitos de computador, o próprio E.T. revela-se mais palpável. Eis os toques espertos que indicam a presença de uma nova criatura na espaçonave de *Alien:* o diretor uruguaio Fede Alvarez.

Enquanto outras franquias pop do terror se esgotam e viram piadas de si mesmas, *Alien* manteve a dignidade graças aos cuidados de Ridley Scott. O criador voltou a assumir seu leme pessoalmente em *Prometheus,* de 2012, e em *Covenant,* de 2017. Desta vez, topou se resguardar ao papel de produtor e abrir alas ao uruguaio — não só por considerar que Alvarez tinha a experiência necessária para não ser moído pela engrenagem de uma superprodução, mas por certas credenciais específicas. Aos 46 anos e com os afiados *O Homem das Tre-*

vas 1 e *2* no currículo, Alvarez vem se notabilizando como reinventor de franquias do terror que precisavam de uma recauchutagem, como *O Massacre da Serra Elétrica* e *A Morte do Demônio* — longa pelo qual conquistou, em 2013, o recorde de maior quantidade de sangue falso já utilizada num filme.

Artífice do "terror farofa" cultuado pela geração Z, Alvarez dirige pensando na diversão, e não em elementos profundos. Ele reconhece os debates filosóficos em torno do ser nascido há 45 anos com *Alien, o Oitavo Passageiro.* "É verdade que ele carrega símbolos da agressão masculina", disse a VEJA. Mas esclarece ser "um cara da baixa cultura" sem remorsos. Sua meta era trazer a franquia — que já teve diretores do calibre, de James Cameron e David Fincher — de volta às raízes. Recrutou atores jovens (como a protagonista Cailee Spaeny, 26 anos), a equipe de efeitos dos anos 1980 e advogou em prol de animatrônicos. Como resultado, *Romulus* traz sequências mais apavorantes que as últimas encarnações de *Alien.* O novo passageiro não é só craque: é um verdadeiro carrasco uruguaio. ■

20TH CENTURY STUDIOS

TERROR FAROFA
Alvarez: craque em rejuvenescer velhas franquias

Thiago Gelli

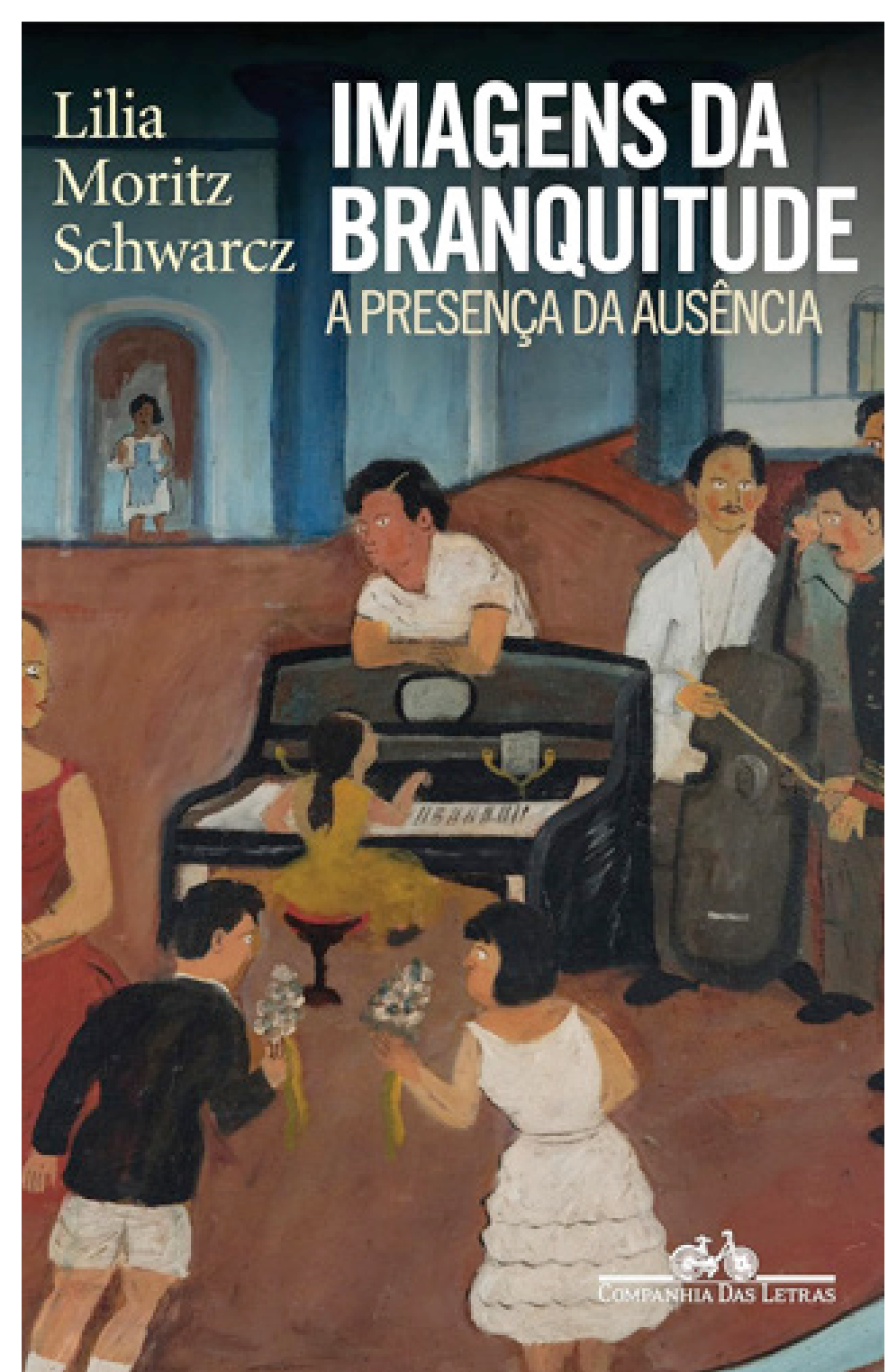
MEMÓRIA MANIPULADA

Num estudo revelador, a historiadora Lilia Schwarcz mostra como o racismo apagou (ou rebaixou) os negros na representação visual do país, da arte à propaganda atual **RAQUEL CARNEIRO**

MAGITE HISTORIC/ALAMY/FOTOARENA

NACIONALISMO BRANCO O quadro *Pátria:* população negra excluída da ideia de Brasil

COM QUASE 2 metros de altura e 3 de largura, o imponente quadro *Pátria,* do artista brasileiro Pedro Bruno (1888-1949), prende a atenção de quem o vê no Museu da República, no Rio de Janeiro. A obra de 1919 faz uma alegoria sobre o nascimento da recém-fundada República brasileira, instaurada à base de baionetas em 1889. Na imagem, mulheres se dividem entre a costura da bandeira verde e amarela e o cuidado com as crianças. Ao fundo, do lado esquerdo, uma idosa recolhe o estandarte da monarquia, representando o que ficou ultrapassado — também símbolo da decadência do velho regime é o homem idoso e acabrunhado do lado direito. Assim nascia o Brasil — ao menos para a elite da época: no conforto de um lar cuidado por mulheres, na esperança de uma geração abraçada à bandeira — e nas mãos de pessoas brancas.

Pátria é um entre vários exemplos selecionados pela historiadora e antropóloga Lilia Moritz Schwarcz para seu novo livro, ***Imagens da Branquitude: a Presença da Ausência.*** Na pesquisa, a paulistana de 66 anos, membro da Academia Brasileira de Letras, propõe reflexões sobre como brancos e negros são represen-

IMAGENS DA BRANQUITUDE: A PRESENÇA DA AUSÊNCIA, de Lilia Moritz Schwarcz (Companhia das Letras; 432 págs.; 99,90 reais e 44,90 reais em e-book)

ARTGEN/ALAMY/FOTOARENA

PASSADO *A Redenção de Cam* (1895): retrato do desejo eugenista de embranquecimento do povo

tados (ou ocultados) em quadros, fotografias, monumentos, propagandas de ontem e hoje — e como as distinções dão alicerce à intolerância que nutre o racismo estrutural. "Imagens não são só o reflexo de uma época, elas possuem carga política e social", disse a autora a VEJA *(leia o quadro ao lado)*.

O exercício é parte do cotidiano da autora. Na Universidade de São Paulo (USP), ela ministra dois cursos que perpassam a prática: um se chama Lendo Imagens e o outro, A História do Pensamento Brasileiro: 1870 a 1930. No Instagram, amplia a análise com imagens dos dias de hoje. A conexão entre passado e presente se revela assustadora. O imaginário proposto pelo quadro *Pátria* se reproduz, um século depois, numa propaganda lançada pelo governo de Jair Bolsonaro em 2020, em que cinco crianças brancas e felizes representam o futuro e a prosperidade do país.

“IMAGENS POSSUEM CARGA POLÍTICA”

A historiadora e antropóloga Lilia Schwarcz fala a VEJA sobre a pesquisa que resultou em seu novo livro.

O que despertou seu interesse nessa análise? Na minha vida acadêmica, aprendi a ver como documentos visuais não são neutros. Imagens não são só o reflexo de uma época, elas possuem carga política e, portanto, carga social.

Quais os desafios de assumir o lugar de fala de pessoa branca no estudo? Não é um lugar de autoacusação, mas de reflexão. Enquanto a negritude é movimento de exaltação dos valores das populações negras, a branquitude é um conceito acanhado, que se nega a reconhecer sua culpa no racismo estrutural.

Como fazer isso sem cair na armadilha do *white saviour*, o branco que se coloca como salvador do negro? Busco o letramento racial, não me excluo do cenário, mas me incluo como pessoa branca com privilégios e poderes para ampliar a discussão. Não basta ser antirracista, é preciso agir, sabendo que todos temos uma cor social.

Pode explicar melhor? A branquitude criou padrões e colocou os negros no lugar de subordinado, de vítima. Isso está na arte, nas propagandas, nas novelas. Temos de ver de forma crítica essa cultura visual.

KARIME XAVIER/FOLHAPRESS

LUGAR DE FALA Lilia: destrinchar a história visual como exercício de reflexão

REPRODUÇÃO

MASP

PRESENTE
Campanha Pró-Brasil de 2020 *(acima)* e a escultura *Amnésia* (2015), de Flávio Cerqueira *(à esq.):* os efeitos de uma visão preconceituosa sobre o país

Responsáveis pelas narrativas que deram o tom da identidade nacional, pessoas brancas se estabeleceram como a norma e o símbolo da civilização, aponta Lilia. Por isso, imagens como as duas já citadas podem não causar estranhamento a muitos olhos treinados a ver a pele clara estampada em anúncios, novelas, livros e obras de arte. Lilia destrincha essa norma com lupa e dados históricos — e sob a "ótica da branquitude", lugar de fala autocrítico onde a historiadora, que é branca, considera estar. Dessa posição sai a análise de um quadro mais explícito em sua intenção. Do espanhol radicado no Brasil Modesto Brocos (1852-1936), a obra *A Redenção de Cam* (1895) exalta teorias eugenistas do século XIX que viam na miscigenação uma forma de "salvar" o mundo da raça negra, tida como inferior. No quadro, uma avó celebra o nascimento do neto branco. A idosa negra está descalça sobre um chão de terra, um sinal de sua selvageria, em oposição ao genro, o pai da criança, um homem branco, bem-vestido e calçado, em um terreno pavimentado, como ditam as regras da civilização.

Ao longo do livro, a autora faz uma contraposição essencial: fora do lugar de submissão, pensadores e artistas negros se impõem como agentes da própria história. Exemplo disso é a impactante escultura *Amnésia* (2015), do paulistano Flávio Cerqueira: a cena sarcástica mostra um garoto negro que se banha com tinta branca. A manipulação da memória nacional afeta a todos — e cabe a cada um o exercício de observá-la com olhos mais atentos. ■

O INIMIGO MORA AO LADO

Com nova disputa entre habitantes de um condomínio no Rio, a série *Os Outros* aprofunda seu retrato mordaz da classe média em sua segunda temporada no Globoplay **KELLY MIYASHIRO**

GUERRA FRIA O miliciano Sérgio (Sterblitch) e a recatada Raquel (Leticia Colin): vizinhos duelam à sombra da hipocrisia

TV GLOBO/DIVULGAÇÃO

AO LADO DO MARIDO, Raquel (Leticia Colin) acorda irritada com o barulho estridente de uma serra elétrica vindo do vizinho, que tenta arrancar uma árvore de sua propriedade recém-comprada, uma mansão num condomínio na Barra da Tijuca, no Rio. A corretora de imóveis bate à porta do novo morador para exigir que ele pare de cortar a árvore que dá privacidade à sua casa, bloqueando a visão da rua — mas ele se recusa. É aí que Raquel conhece seu novo vizinho, Sérgio (Eduardo Sterblitch), miliciano que acabou de ser eleito vereador e carrega para o novo endereço não apenas sua sombra mafiosa, mas a disposição infinita para arranjar encrenca com “madames” como Raquel — que, em contrapartida, tentará de tudo para expulsá-lo do condomínio.

A segunda temporada de ***Os Outros,*** que acaba de estrear no Globoplay, mantém a característica que fez dela uma das séries nacionais mais vibrantes de 2023: é um retrato instrutivo dos dilemas e contradições da classe média. Um segmento que, emparedado entre as mazelas sociais e a radicalização que extravasou da política para todas as esferas da vida, aqui descamba para atitudes perigosas — como bem sabe Cibele (Adriana Esteves), ex-vizinha do vereador miliciano com quem ele colidira na primeira temporada de *Os Outros* e que agora busca respostas sobre o paradeiro de seu filho, Marcinho (Antonio Haddad), desaparecido desde que foi sequestrado pelo bandido. Na segunda fase da série criada por Lucas Paraizo, os conflitos ganham tons ainda

FERNANDO YOUNG

AUTOR Lucas Paraizo: "Continua sendo uma história de intolerância"

mais dramáticos e derivam em pesadelo psicológico. "Continua sendo uma história de intolerância, mas agora em novo espaço", disse o autor a VEJA.

Ao se transferir das torres de apartamentos para um novo ambiente de casas de luxo, a série aprofunda um comentário mordaz sobre a vida no país que já se delineava anteriormente. É a sensação, muito real e premente desde as camadas carentes até a elite, mas particularmente intensa para a classe média, de que não há para onde correr: em qualquer lugar no qual se viva, mesmo sob a suposta segurança de um condomínio, a insegurança e as tensões estarão sempre

à espreita. Enquanto o vilão de Sterblitch tenta manter a aparência de homem de família junto com a esposa e a filha adolescente, Lorraine (Gi Fernandes), que acabou de parir seu neto, Raquel é casada com um personal trainer e visa a todo custo engravidar, mantendo um grupo religioso que se encontra em sua casa para orações e louvores. Mas as atitudes aparentemente inofensivas dos dois vizinhos escondem algo além e vão desencadear situações caóticas.

Por meio da personagem defendida com brio por Leticia Colin, um dos objetivos do criador nessa nova fase da série é também falar da fé. Ainda que a religião de Raquel não fique explícita, os indícios sugerem que seja evangélica. “Vivemos em um país cada vez mais cristão, mas a representação desses personagens tem sido pouco complexa. Quis trazer alguém diferente”, diz Paraizo. Essa visão da crença, imersa em um microcosmo conturbado, acaba expondo, claro, as incoerências da mãe de família recatada. Mas, indo além dela, serve também para colocar em questão a ideia de perdão — religioso ou social. O miliciano Sérgio ilustra como o desejo de conceder a alguém uma nova chance é louvável, mas nem sempre razoável — no Brasil, pode confundir-se com impunidade. Ele foi preso por vários crimes, inocentado de forma suspeita e virou político. “Há situações que nos levam ao extremo, e a série nos mostra se é possível viver o conceito do perdão certas vezes”, diz Leticia. Até sob a proteção de muros, o inimigo pode morar ao lado. ■

WALCYR CARRASCO

HORA DO "DESANIVERSÁRIO"

É duro fugir dos cumprimentos
nas redes a cada ano completado

ASSOPREI as velinhas no dia 1º de dezembro do ano passado e até hoje não consegui responder às felicitações. Em tempos de redes sociais, todo mundo, absolutamente todo mundo, fica sabendo a data do meu aniversário, do seu e a daquele amiguinho da 4ª série que você nunca mais viu desde então. Todos, num clique, enviam mensagens otimistas. Acho incrível essa onda de positividade, mas o problema é que nunca termina. Já sabemos que uma década atrás precisávamos lutar para ficar on-line, com as conexões sempre instáveis. Hoje a batalha é para ficar off-line. Naquela época, uma comemoração de aniversário se dava numa festa com início, meio e fim. Até com os inimigos do fim, a gente dava um jeito de fazê-los caçar seu rumo, nem que fosse conduzindo a manada para um barzinho e fugindo depois. Hoje, para alguém "conectado" como eu, que tem todas as redes sociais na palma da mão, o parabéns vem às centenas. Pense: na minha idade não surgem só os amigos mais fiéis, mas também

primos de oitavo grau, coleguinhas da creche, vizinhos da minha avó, no interior de São Paulo... Todos me conheceram em algum momento, claro. As relações foram fenecendo, tornaram-se lembranças... que ressurgem. No meu aniversário, é como se eu encontrasse antigos conhecidos numa gaveta, atrás do computador, no meio dos livros, enfim, é uma multidão que ressurge para dar os parabéns. Não que eu não goste. Até me sinto na obrigação de responder a um por um. A pessoa gastou alguns cliques da vida dela emanando coisas boas para mim. Passo os dias posteriores agradecendo. Mas, ao agradecer, elas iniciam uma conversa. Respondem: "E sua avó, como vai?"; "Morreu há dez anos"; "Que pena. A minha continua viva, mas tão doenti-

"Já pensou se cada parabéns se transformasse num Pix? Todo ano eu fugiria para as Ilhas Maldivas"

nha...”; “E como vai fulano?”; “Não falo mais com ele há vinte anos, me deu um golpe...”. E quando dou por mim estou há horas falando de gente que não conheço mais com alguém de quem mal me lembro. Falta tempo para curtir o aqui e agora se preciso responder a todas as mensagens de “bom dia” e de “feliz aniversário”, que nossas tias costumam dar. Piorou: muitas mensagens são criadas pela IA, e uma simples tia pode disparar milhares de parabéns ao acordar. Mas, se não respondo, lá vem: “Que houve, não recebeu minha mensagem? A gente sempre lembra de você, não lembra mais da gente?”. Meus afazeres da semana viram uma confusão: não consigo confirmar a terapia, marcar o horário da fisio... Pior, não ganho presentes na quantidade de parabéns. Algumas pessoas têm coragem de dizer: “Você tem tanta coisa que eu não sabia o que dar”. E aí não dão nada, que horror. Fico pensando nos bons tempos em que uma lembrancinha era obrigatória. O 1º de dezembro deste ano é logo ali, mas ainda não terminei de responder a todos os cumprimentos de 2023, alguns do ano retrasado, outros do ano anterior.

Tudo seria mais fácil se eliminassem de vez o hábito de dar parabéns por mensagem (porque pessoalmente é gostoso de receber). E trocassem por algo mais prático. Um Pix, por exemplo. Já pensou se cada parabéns se transformasse num simpático Pix? Todo aniversário eu fugiria para as Ilhas Maldivas. ■

SONY PICTURES

EM FAMÍLIA *Harold e o Lápis Mágico:* novo filme do diretor de *Rio* fala de jovem que dá vida a desenhos

CINEMA

HAROLD E O LÁPIS MÁGICO

(*Harold and the Purple Crayon*, Estados Unidos, 2024. Em cartaz a partir de quinta-feira 22)

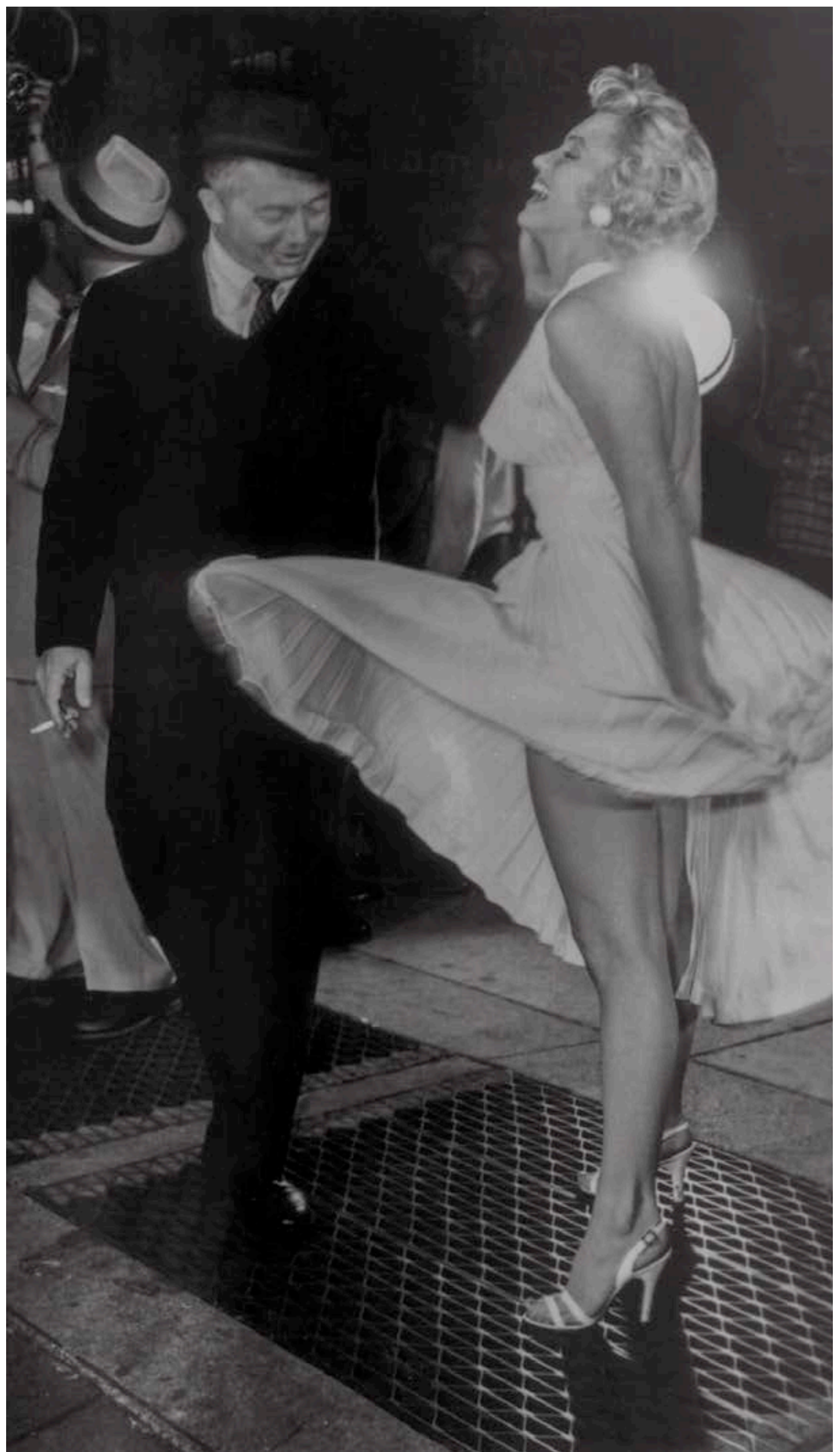
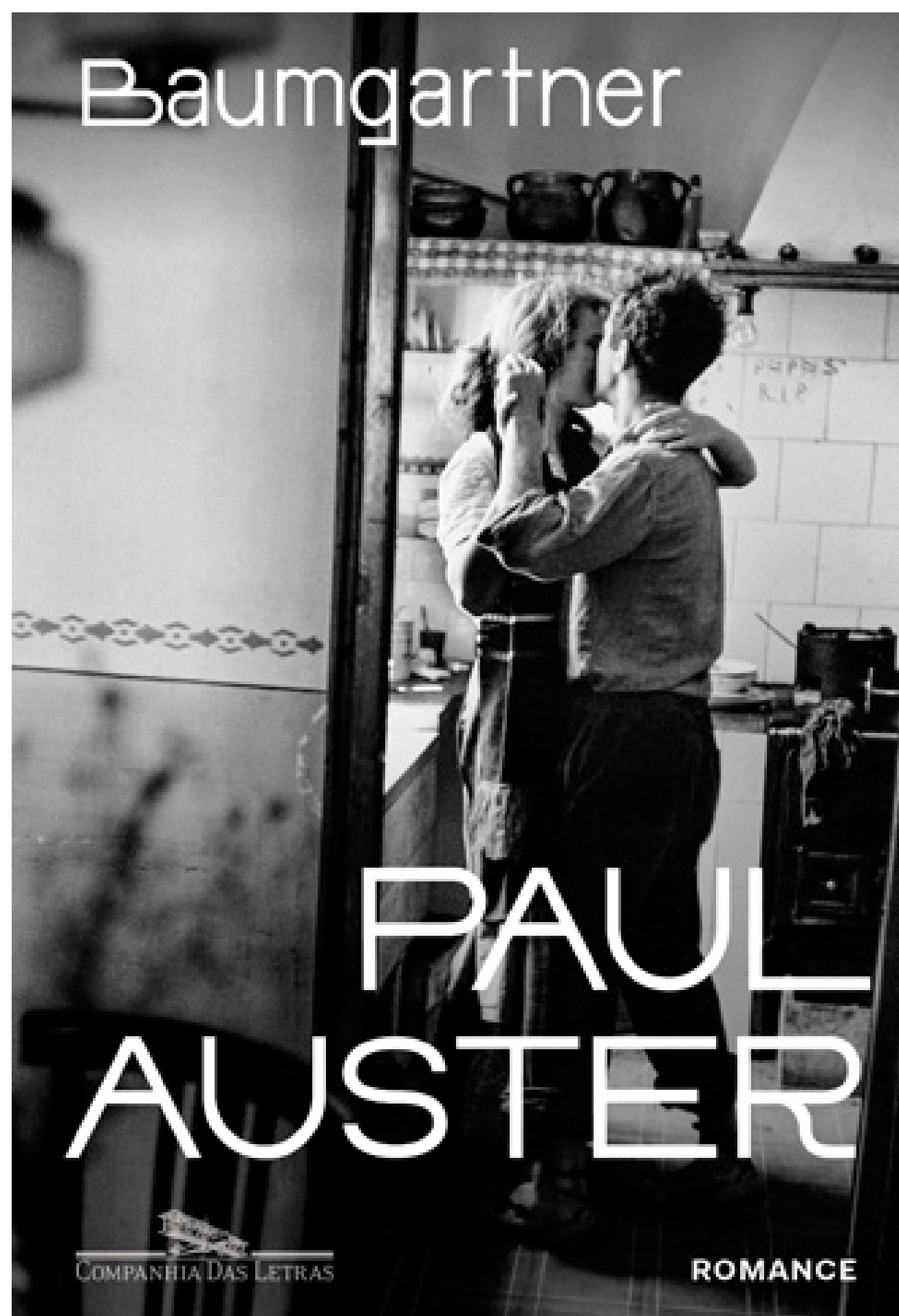
Desde pequeno, Harold (Zachary Levi) tem um talento especial: com uma imaginação apurada e um giz de cera roxo, ele dá vida a tudo o que desenha em seu livro, criando mundos inventivos dentro das páginas. A coisa muda quando, já crescido, o aventureiro Harold resolve se desenhar fora das páginas, levando seu universo — e ele mesmo — da imaginação para a realidade. Inspirado no livro de Crockett Johnson, o filme é dirigido pelo brasileiro Carlos Saldanha, que cativou toda uma geração com *A Era do Gelo* e *Rio*. Em sua nova investida no cinema, ele alia animação a live-action para construir uma história divertida para toda a família: no nosso mundo, Harold vai descobrir que a realidade pode ser bem animada, mas também está cheia de perigos à espreita.

EXPOSIÇÃO

O CINEMA DE BILLY WILDER

(em cartaz no Museu da Imagem e do Som, em São Paulo)

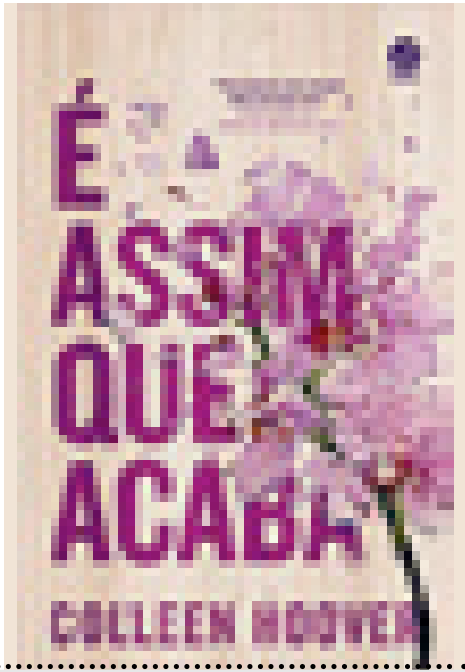
Questionado por que não investia em sequências arrojadas como os colegas Alfred Hitchcock e Orson Welles, o diretor Billy Wilder (1906-2002) demarcava sua diferença: para ele, o bom cinema se fazia de roteiro enxuto e diálogos afiados. Ao longo da carreira, ele exprimiu isso em clássicos da era de ouro de Hollywood como *Crepúsculo dos Deuses* e *O Pecado Mora ao Lado* — da famosa cena do vestido de Marilyn Monroe. A mostra traz recriações de cenários, objetos de cena e figurinos de treze dos seus 27 longas.

CLÁSSICO
Wilder com Marilyn: ele dirigiu a famosa cena do vestido

HULTON ARCHIVE/GETTY IMAGES

LIVRO

BAUMGARTNER,

de Paul Auster (tradução de Jorio Dauster; Companhia das Letras; 176 págs.; 79,90 reais e 39,90 reais em e-book)

Enquanto concluía *Baumgartner,* em 2023, o americano Paul Auster descobriu que tinha um câncer no pulmão, doença que o levou à morte em maio passado. A novela é um epitáfio tocante na obra do autor da *Trilogia de Nova York.* O protagonista, Sy Baumgartner, é um professor de filosofia quase aposentado, que só enxerga vazio à frente: a esposa morreu uma década antes, mas o luto ainda o consome. Ao rever sua vida de 1968 até a velhice, Auster tece uma narrativa humanista que extrai poesia e otimismo do cotidiano. ■

FICÇÃO

1 **É ASSIM QUE ACABA**
Colleen Hoover [1 | 151#] GALERA RECORD

2 **É ASSIM QUE COMEÇA**
Colleen Hoover [3 | 88#] GALERA RECORD

3 **FOGO E SANGUE**
George R. R. Martin [8 | 25#] SUMA DE LETRAS

4 **VERITY**
Colleen Hoover [7 | 121#] GALERA RECORD

5 **O LIVRO DO BILL**
Alex Hirsch [2 | 3#] UNIVERSO DOS LIVROS

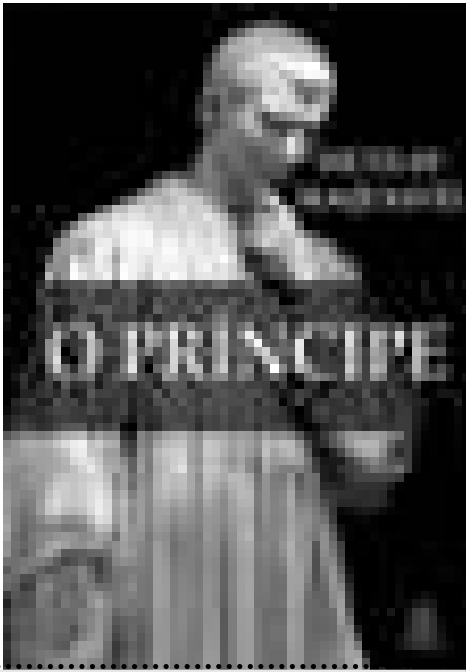
6 **A BIBLIOTECA DA MEIA-NOITE**
Matt Haig [4 | 110#] BERTRAND BRASIL

7 **A FILHA DOS RIOS**
Ilko Minev [5 | 9#] BUZZ

8 **TUDO É RIO**
Carla Madeira [10 | 98#] RECORD

9 **A GUERRA DOS TRONOS**
George R.R. Martin [0 | 139#] SUMA

10 **TODAS AS SUAS IMPERFEIÇÕES**
Colleen Hoover [0 | 102#] GALERA RECORD

NÃO FICÇÃO

1 **O PRÍNCIPE**
Nicolau Maquiavel [2 | 59#] VÁRIAS EDITORAS

2 **O ANIMAL SOCIAL**
Elliot Aronson e Joshua Aronson [1 | 9#] GOYA

3 **NAÇÃO DOPAMINA**
Dra. Anna Lembke [3 | 52#] VESTÍGIO

4 **O PACTO DA BRANQUITUDE**
Cida Bento [6 | 24#] COMPANHIA DAS LETRAS

5 **IDEIAS PARA ADIAR O FIM DO MUNDO**
Ailton Krenak [0 | 24#] COMPANHIA DAS LETRAS

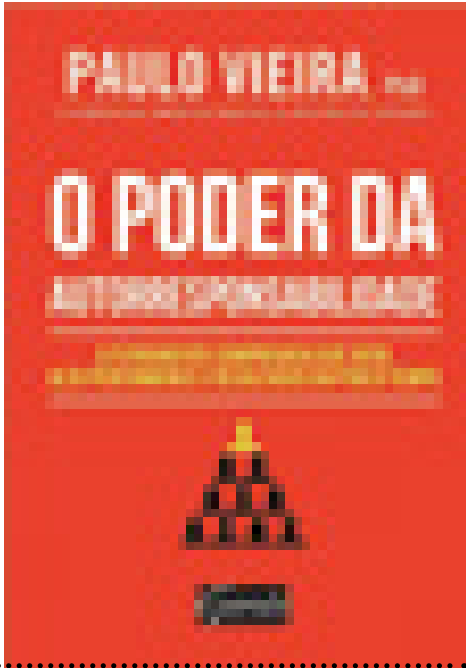
6 **SAPIENS: UMA BREVE HISTÓRIA DA HUMANIDADE**
Yuval Noah Harari [4 | 367#] L&PM/COMPANHIA DAS LETRAS

7 **PEQUENO MANUAL ANTIRRACISTA**
Djamila Ribeiro [0 | 134#] COMPANHIA DAS LETRAS

8 **O LADO B DE BONI**
José Bonifácio Oliveira Sobrinho [0 | 1] BEST SELLER

9 **SOCIEDADE DO CANSAÇO**
Byung-Chul Han [5 | 67#] VOZES

10 **MEDITAÇÕES**
Marco Aurélio [8 | 51#] VÁRIAS EDITORAS

AUTOAJUDA E ESOTERISMO

1 **O PODER DA AUTORRESPONSABILIDADE**
Paulo Vieira [0 | 99#] GENTE

2 **CAFÉ COM DEUS PAI 2024**
Junior Rostirola [2 | 33#] VÉLOS

3 **O HOMEM MAIS RICO DA BABILÔNIA**
George S. Clason [1 | 181#] HARPERCOLLINS BRASIL

4 **A PSICOLOGIA FINANCEIRA**
Morgan Housel [4 | 47#] HARPERCOLLINS BRASIL

5 **AS 48 LEIS DO PODER**
Robert Greene [6 | 31#] ROCCO

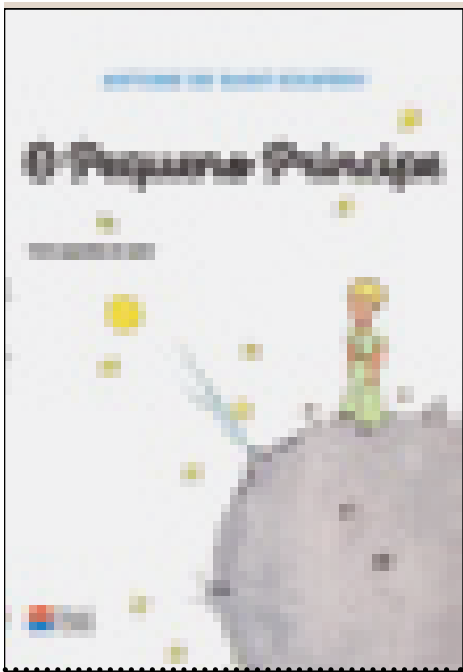
6 **HÁBITOS ATÔMICOS**
James Clear [7 | 61#] ALTA BOOKS

7 **MAIS ESPERTO QUE O DIABO**
Napoleon Hill [10 | 255#] CITADEL

8 **COMO FAZER AMIGOS & INFLUENCIAR PESSOAS** Dale Carnegie [9 | 130#] SEXTANTE

9 **OS SEGREDOS DA MENTE MILIONÁRIA**
T. Harv Eker [0 | 463#] SEXTANTE

10 **O LIVRO QUE VOCÊ GOSTARIA QUE SEUS PAIS TIVESSEM LIDO** Philippa Perry [0 | 11#] FONTANAR

INFANTOJUVENIL

1 **O PEQUENO PRÍNCIPE**
Antoine de Saint-Exupéry [1 | 431#] VÁRIAS EDITORAS

2 **HARRY POTTER E A PEDRA FILOSOFAL**
J.K. Rowling [2 | 436#] ROCCO

3 **MANUAL DE ASSASSINATO PARA BOAS GAROTAS** Holly Jackson [3 | 26#] INTRÍNSECA

4 **CORALINE**
Neil Gaiman [6 | 79#] INTRÍNSECA

5 **EMOCIONÁRIO**
Cristina Núñez Pereira [10 | 18#] SEXTANTE

6 **O DIÁRIO DE UMA PRINCESA DESASTRADA**
Maidy Lacerda [8 | 20#] OUTRO PLANETA

7 **AS AVENTURAS DE MIKE**
Gabriel Dearo e Manu Digilio [9 | 39#] OUTRO PLANETA

8 **MERGULHO NA ESCURIDÃO**
Elley Cooper e Scott Cawthon [0 | 7#] INTRÍNSECA

9 **O CADERNO DE MALDADES DO SCORPIO**
Maidy Lacerda [0 | 13#] OUTRO PLANETA

10 **MELHOR DO QUE NOS FILMES**
Lynn Painter [0 | 16#] INTRÍNSECA

[A|B#] – A] posição do livro na semana anterior B] há quantas semanas o livro aparece na lista #] semanas não consecutivas

Pesquisa: **BookInfo** / Fontes: **Aracaju:** Escariz, **Balneário Camboriú:** Curitiba, **Belém:** Leitura, SBS, Travessia, **Barra Bonita:** Real Peruíbe, **Barueri:** Travessa, **Belo Horizonte:** Disal, Jenipapo, Leitura, Livraria da Rua, SBS, Vozes, **Bento Gonçalves:** Santos, **Betim:** Leitura, **Blumenau:** Curitiba, **Brasília:** Disal, Leitura, Livraria da Vila, SBS, Vozes, **Cabedelo:** Leitura, **Cachoeirinha:** Santos, **Campina Grande:** Leitura, **Campinas:** Disal, Leitura, Livraria da Vila, Loyola, Senhor Livreiro, Vozes, **Campo Grande:** Leitura, **Campos dos Goytacazes:** Leitura, **Campos do Jordão:** História sem Fim, **Canoas:** Mania de Ler, Santos, **Capão da Canoa:** Santos, **Caruaru:** Leitura, **Cascavel:** A Página, **Colombo:** A Página, **Confins:** Leitura, **Contagem:** Leitura, **Cotia:** Prime, Um Livro, **Criciúma:** Curitiba, **Cuiabá:** Vozes, **Curitiba:** A Página, Curitiba, Disal, Evangelizar, Livraria da Vila, SBS, Vozes, **Florianópolis:** Curitiba, Livrarias Catarinense, **Fortaleza:** Evangelizar, Leitura, Vozes, **Foz do Iguaçu:** A Página, **Frederico Westphalen:** Vitrola, **Garopaba:** Navegar, **Goiânia:** Leitura, Palavrear, SBS, **Governador Valadares:** Leitura, **Gramado:** Mania de Ler, **Guaíba:** Santos, **Guarapuava:** A Página, **Guarulhos:** Disal, Livraria da Vila, Leitura, SBS, **Ipatinga:** Leitura, **Itajaí:** Curitiba, **Jaú:** Casa Vamos Ler, **João Pessoa:** Leitura, **Joinville:** A Página, Curitiba, **Juiz de Fora:** Leitura, Vozes, **Jundiaí:** Leitura, **Limeira:** Livruz, **Lins:** Koinonia, **Londrina:** A Página, Curitiba, Livraria da Vila, **Macapá:** Leitura, **Maceió:** Leitura, Livro Presente, **Maringá:** Curitiba, **Mogi das Cruzes:** A Eólica Book Bar, Leitura, **Natal:** Leitura, **Niterói:** Blooks, **Palmas:** Leitura, **Paranaguá:** A Página, **Pelotas:** Vanguarda, **Petrópolis:** Vozes, **Poços de Caldas:** Livruz, **Ponta Grossa:** Curitiba, **Porto Alegre:** A Página, Cameron, Disal, Leitura, Macun Livraria e Café, Mania de Ler, Paisagem, Taverna, Santos, SBS, **Porto Velho:** Leitura, **Recife:** Disal, Leitura, SBS, Vozes, **Ribeirão Preto:** Disal, Livraria da Vila, **Rio Claro:** Livruz, **Rio de Janeiro:** Blooks, Disal, Janela, Leitura, Leonardo da Vinci, Odontomedi, Paisagem, SBS, **Rio Grande:** Vanguarda, **Salvador:** Disal, Escariz, LDM, Leitura, SBS, **Santa Maria:** Santos, **Santana de Parnaíba:** Leitura, **Santo André:** Disal, Leitura, **Santos:** Loyola, **São Bernardo do Campo:** Leitura, **São Caetano do Sul:** Disal, Livraria da Vila, **São João de Meriti:** Leitura, **São José:** A Página, Curitiba, **São José do Rio Preto:** Leitura, **São José dos Campos:** Amo Ler, Curitiba, Leitura, **São José dos Pinhais:** Curitiba, **Serra:** Leitura, **Sete Lagoas:** Leitura, **São Luís:** Hélio Books, Leitura, **São Paulo:** A Página, B307, Círculo, CULT Café Livro Música, Curitiba, Disal, Dois Pontos, Drummond, Essência, HiperLivros, Leitura, Livraria da Tarde, Livraria da Vila, Loyola, Megafauna, Nobel Brooklin, Paisagem, Santuário, Simples, SBS, Vida, Vozes, WMF Martins Fontes, **Taboão da Serra:** Curitiba, **Taguatinga:** Leitura, **Taubaté:** Leitura, **Teresina:** Leitura, **Uberlândia:** Leitura, SBS, **Umuarama**: A Página, **Vila Velha:** Leitura, **Vitória:** Leitura, SBS, **Vitória da Conquista:** LDM, **Internet:** A Página, Amazon, Authentic E-commerce, Boa Viagem E-commerce, Canal dos Livros, Curitiba, Leitura, LT2 Shop, Magazine Luiza, Paisagem, Sinopsys, Submarino, Travessa, Vanguarda, WMF Martins Fontes, Um Livro

JOSÉ CASADO

A VOZ DO ELEITOR

SURPRESA dos eleitores nas grandes cidades: erraram os chefes de partidos e candidatos que apostaram numa campanha eleitoral para prefeito e vereador "polarizada", "nacionalizada" ou simplesmente alinhada ao embate entre Lula e Jair Bolsonaro. Alguns imaginaram que seria um dos fatores decisivos do voto. Não aconteceu, até agora.

Mais da metade do eleitorado insiste em ressaltar em diferentes pesquisas a preferência por candidatos sem vínculos com os dois líderes nacionais. Eles têm peso específico, mas seu apoio a um candidato não é percebido como determinante pela maioria.

A razão é tão óbvia que beira a irrelevância, e, ainda assim, foi subestimada por chefes de partido, candidatos e publicitários. Eleitores não desejam ver prefeituras e câmaras municipais transformadas em palanques para a próxima eleição geral, daqui a dois anos. Pretendem, ao contrário, que prefeitos e vereadores se dediquem a partir de janeiro à melhoria dos serviços de saúde, educação, creche, transporte, limpeza e infraestrutura urbana.

Um mapa dos desejos e ansiedades dos eleitores brasileiros está desenhado em pesquisa com 3 000 pessoas realiza-

da pelo Ipespe no mês passado para a Federação Brasileira de Bancos. Os resultados, disponíveis na rede, mostram que a atuação de prefeitos e vereadores tem reflexos diretos na vida pessoal (para 57%) e comunitária (78%).

Há uma clara percepção (68%) das fronteiras de ação entre governos federal, estaduais e municipais. Mas, outra surpresa, a maior parte (66%) do eleitorado acha que é preciso descentralizar o poder para premiar as cidades com maior e melhor divisão de recursos e de responsabilidades entre a União, os estados e os municípios.

A defesa de maior autonomia na gestão dos municípios é um dos aspectos políticos mais relevantes e interessantes nessa pesquisa. Ampla maioria (66%) gostaria de ver as prefeituras com mais poder e dinheiro em caixa. A ênfase é comum em todas as regiões e segmentos sociais. Transparece com mais eloquência nas áreas de periferia urbana (70%) e nos estados do Centro-Oeste (74%).

Essa importância atribuída à tomada de decisões no microcosmo das comunidades tende a influir no rumo do debate em Brasília sobre modificações no modelo federativo, cujos rígidos limites administrativos foram estabelecidos na Constituição de 1988.

A ideia de mudança permeia as expectativas dos eleitores, mas eles se dividem na preferência sobre o futuro da gestão das cidades onde vivem. Pouco mais de um terço (33%) tende a votar em candidato a prefeito "que dê continuidade" à forma como seu município vem sendo adminis-

“Surpresa: eleitor rejeita condicionar a eleição ao embate Lula x Bolsonaro”

trado. Outro terço gostaria de alguém “que mude um pouco a forma de administrar”. Curiosamente, a opção por equilíbrio entre aquilo que está aí e alguma mudança ganha realce entre jovens de 18 a 24 anos (44%).

Ajuda a entender os limites da renovação política no comando das prefeituras expostos em quase todas as pesquisas. Antonio Lavareda, do Ipespe, lembra que nas capitais há vinte prefeitos disputando a reeleição. Desses, doze lideram as sondagens, com alto índice (60%) de preferência. “Pode aumentar, chegar a catorze (70%) a proporção de prefeitos com chance real de reeleição. Esse é o ‘drive’ principal dessa eleição: a força da incumbência, que sobrepuja de longe o fator ‘polarização’.”

Soma-se um fenômeno, o da relativa diminuição do tamanho institucional da Presidência da República — observa Creomar de Souza, da Dharma Consultoria. “Diminuiu de tamanho com Dilma Rousseff e com Michel Temer, por efeito do impeachment, e com Bolsonaro pelo

histrionismo. Veio Lula, sob a expectativa de recolocar a Presidência na centralidade do jogo político, mas, por vários fatores — deficiências dele mesmo ou de assessoria —, o que a gente está vendo aí é um contínuo enfraquecimento da institucionalidade presidencial. Como consequência, temos o crescimento de algumas figuras regionais empenhadas num esforço talvez inconsciente, mas concreto, de 'desnacionalizar' a disputa para prefeito."

Faltam apenas seis semanas para as eleições de prefeito e vereador. Os eleitores seguem impondo sua lógica, sem "polarização" ou "nacionalização" do voto, para surpresa ou decepção de alguns candidatos e líderes políticos — Lula e Bolsonaro entre eles. Se isso vai ter consequências ou não nas eleições gerais de 2026, é outra história. ■

■ Os textos dos colunistas não refletem necessariamente as opiniões de VEJA